

VERDADES IMORTAIS

OSVALDO POLIDORO
(reencarnação de Allan Kardec)

CONSIDERANDO

Há coisas difíceis de se analisar ou referir. A lógica, às vezes, flutua, porque, como Galileu, a força o impeliu a dizer o que afirmara ao contrário. A Verdade também, muitas vezes, esbarra numa montanha e entesta numa rocha. Jesus, à frente de Poncio Pilatos, quebrou a lógica, pondo-o em perturbação, quando este lhe perguntou “— O que é a Verdade?”. O silêncio do mestre foi o bastante para que se perdesse no mundo das reticências. Isto por quê? Pensamos nós que ele, Pilatos, face a face estava com a Verdade, encarnada na figura do Cristo. (Eis porque, o mestre se calou).

Imortal é a Verdade do Meigo Nazareno. Imortais somos nós. Verdades Imortais apresenta o autor. São todos os princípios que se assentam na Lei, esta lei que tudo rege.

São as revelações, é tudo quanto o homem, ao olhar fica estático, por estar fora de sua concepção.

Oswaldo Polidoro traça com extraordinária transcendência esses princípios, como só os Mestres podem fazê-lo.

A escola dos Grandes Iniciados, condutora de espíritos de escol, trouxe essas Verdades, através dos tempos. — os Essênios, os Zoroastros, os Budas, os Joãos, os Kardecs, Gandi, etc. A Verdade está em tudo, em nós mesmos e em tudo se imortaliza.

Rodolfo dos Santos Ferreira

É muito fácil, depois de o espírito elevar-se a certa altura evolutiva, conceber a importância das leis fundamentais, dos fatores que ordenam e nunca poderão ser ordenados; das medidas que se impõem e que não se curvam a imposições. A partir daí, compreende que a vantagem não está em pretender ensinar a Deus, mas sim em aprender com Ele.

Até chegar a esse ponto, muito há que viver, lutar e assimilar experiências! E ninguém chega, sem curtir o ridículo das ações antanho

levadas a termo, ações que aparentavam conter toda a sabedoria e validade em face de Deus. A rota evolutiva é o programa das comoções, dos abalos, dos fracassos confessos em matéria de convicções. A caminhada no rumo do Céu interno é a lapidação dolorosa das convenções humanas, dos interesses de grupos, dos conchavos religiosistas, de tudo aquilo que ostentou o brilho das falsas jóias, o esplendor fátuo das labaredas repentinas.

Ninguém evolui sem se dismantelar nas tradições arraigadas. Aqueles que se aferram a elas, encontram na dor o instrumento ideal de renovação. Infelizmente, poucos são os que primam pelo AMOR e pela SABEDORIA, dispensando-se de escravizações ao vício nefando das ingerências ronceiras da tradição idolatra, supersticiosa e de todo retrógrada. Infelizmente, o grande número prefere cevar o ranço das teorias engarrafadas, das pílulas convencionais, dos arranjos através dos quais os mais espertos vivem à custa dos menos racionais.

O bom lema será o que ordene assim — “Sábio da Terra, desconfia da tua Sabedoria! Santo da Terra, desconfia da tua Santidade! Lembra-te de que o Cristo, chamado de bom, respondeu que só um é bom, Deus!”

Onde estão, no entanto, os simples e os humildes, para que assim procedam? Se eles existem, certamente é em número limitado, não bastando para fazer regra e impor-se à Humanidade inteira. E por isso a caravana marcha lentamente, cheia de erros e de falhas multimilenares, esperando sempre que os esbarrões tormentosos a façam mudar alguns centímetros na direção da libertação final.

Todos ouviram, através dos tempos, a Voz que clamara — “Procurai a Verdade e a Verdade torná-los-á livres”. Nas obras, porém, todos se agradam com a mentira e com os animalismos que degradam. A Verdade tem servido para acobertar os feitos tenebrosos da corrupção. Pelo menos, de homem para homem, as aparências são de respeito à Verdade, enquanto que as realidades são de inteira disposição aos enganos e mistifórios. É quase total o número dos que batem com as mãos no peito e clamam Senhor! Senhor! Variam os continentes, as raças, os povos, as facções religiosistas e a palavra que domina o nome de Deus; mas o processo de cultivar a mazela em nome da Virtude é o mesmo por todas as partes!

Eu também acompanhei a caravana de sofistas da Verdade; eu também cheguei a pensar que havia esperteza na malícia e na honra na facção sectária esposada. E não foi apenas em uma passagem pelo vale carnal, pois andei cantando e somando centenas de peregrinações. Centenas de imersões carnavais, bem propositadas e muito mal usadas! Isto é, tão bem programadas antes de

encarnar, o quanto mal aplicadas depois de estar no uso das relativas liberdades humanas.

E o resultado? Ora, irmãos, o resultado fora sempre aquele mesmo, pois aquele fenômeno que devera ser de libertação dos grilhões temporais, e imersão na lindes clarinosas dos planos superiores, resultava sempre na entrega antípoda, ia deixar-me noutra endereço, no seio das piores condições, onde além de ter tudo a fazer, cumpria ainda pagar em forma de angústia ao desprezo tributado à Soberana Causa. Penosa coisa é pretender focalizar o Céu pelo prisma das tradicionais convenções sectárias da Terra!

Sim, posso garanti-lo, custa muito caro imaginar que a Verdade possa ser adquirida pelo preço que os agrupamentos sectários do mundo determinam. Quando a hora chega de ir ao guichê, a fim de receber os dividendos, nem mesmo se encontra o caminho que a ele conduz! Fica-se no ambiente humano e defrontam-se todas as dificuldades que jamais foram imaginadas. E quando se fazem raciocínios a respeito de todo aquele arsenal de certezas e de validades com que o sectarismo esposado pretendia ser o exato salvador, nada se encontra, a dor e a treva a tudo respondem com a mais absoluta indiferença!

Escoados os dias, os decênios de dor, volta-se a ouvir a fala singela da Verdade, que vem através de um simples irmão, alguém que já tinha a certeza de tudo, porque também fizera, muitas vezes, o trabalho do falso profeta de si mesmo. Tem na palavra a rigidez que a experiência lhe outorga:

— Gregório, vem comigo... Trago ordem para recolhê-lo a um hospital, para que logo mais se prepare e retorne ao plantel da carne...

— Da carne?!... Mas se dela vim!...

— Que tem isso, Gregório? O que importa não é quantas vezes se vá e venha; o que importa é como se aproveita o tempo pelo emprego das oportunidades conferidas. Quem usa mal ao tempo que lhe dão e às liberdades de que dispõe certamente responderá pelo crime de lesa-deveres. E como aquilo que cumpre desenvolver no íntimo é devido a cada um, porque o Reino de Deus é de ereção individual e obrigatória, eis aí que é preciso tentar tantas vezes quantas sejam necessárias, até que acerte a conduta e resolva o desiderato.

— E a influência da religião?

A isto, o servidor encolheu os ombros e argumentou, enigmático:

— Para falar com franqueza, Gregório, eu não sei se a Verdade é religiosa... Nunca me ocorreu perguntar semelhante coisa!... E mesmo que

ocorresse, não sei como poderia fazer a pergunta, uma vez que a Verdade se expressa por tudo e jamais usa linguagem particular.

— Então, com quem falar?

— Com quem falar, há muito... Não lhe estou ouvindo, acaso?

— Sim, está... Porém, onde estão os juizes e conselheiros?

O servidor sorriu, meneou a cabeça e afirmou:

— Muita gente fala, muita gente ajuíza e aconselha, irmão Gregório; porém, em matéria de realização, ninguém poderá fazer aquilo que cumpre a cada um. Não te esqueças de que jamais passou pela Terra quem desse passes de mágica e fizesse santos ou perfeitos. O Cristo, que foi o maior dos emissários e o mais completo curador de chagas, nunca se prontificou a fazer santos à custa de Seus poderes. O Reino de Deus está dentro de cada um, não virá com mostras exteriores e da Lei nada escapará. A Lei contém tudo em matéria de observações, ofertas e recursos; se pretendes conhecer, pergunta-o ao próprio Cristo.

— Pergunta ao próprio Cristo?! Como?!...

— Pergunta ao Cristo obras, ao Cristo exemplo, irmão Gregório.

— Não sei o que dizes... Não te entendo...

E o servidor respondeu-me, bondoso:

— A Lei de Deus, Gregório, contém três realidades fundamentais — a primeira ordena que não se pratique idolatrias; a segunda ordena a que se viva em pleno regime de decência social; e a terceira ordena a que se respeite a Revelação, a fonte de água viva, o instrumento de ilustração e de consolo. Creio que você não entendeu o Cristo em Sua feição obreira, o Cristo trabalho e exemplo.

Atônito, respondi:

— Por Deus! Passei a vida com o Evangelho entre as mãos!

E o servidor respondeu-me:

— O que você teve entre as mãos, a vida inteira, foram as letras... Bem sei que teve o papel e as letras entre as mãos a vida inteira. Talvez que, por isso mesmo, não teve tempo de pensar na idolatria da forma, na falta de respeito aos direitos do próximo e no dever de procurar os ensinamentos da Revelação. Ora, como é fácil entender, irmão Gregório, Jesus não perdeu tempo... Isto é, Jesus, como Divino Modelo, não andou dando trelas ao papel e às letras da Lei, tendo apelado às obras.

Abismado, murmurei:

— O Evangelho!... Que vale então o Evangelho?!...

Sem perder tempo adiantou-me:

— Eu não sei o que valem o papel e as letras... Sei, porém, que Jesus deixou no mundo a Divina Herança. E esta Divina Herança é a Doutrina que se fundamenta na Lei, no Amor e na Revelação. Quem passa a vida vivendo a Lei, cultivando o Amor e praticando a Revelação, por certo não dará com os costados nas trevas.

— Quanta gente vive errada no mundo!... — exclamei apavorado.

E o servidor afirmou com bonomia:

— Todavia, Gregório, o Amor e a Ciência conduzirão as almas à pureza e a Sabedoria. Assim sendo, lembra-te, as palavras Deus, Cristo, Verdade, Evangelho, Lei, Amor, Revelação e Sabedoria jamais devem ser olvidadas nas obras de todos os minutos da vida. Nas obras, fica repetido, pois de aparências o mundo humano está mais do que repleto, desde quando não sei.

— Ainda bem que me avisas... Mas quem avisará os homens, lá no mundo?

O servidor abanou a cabeça e sentenciou:

— Em primeiro lugar, a Lei contém a Moral, o Amor e a Revelação em si mesma; em segundo lugar, Jesus Cristo foi ao mundo para derramar do Espírito sobre a carne, sendo a Revelação a base do Cristianismo; em terceiro lugar, depois de haverem medrado na Terra as corrupções, retorna a Doutrina do Cristo ao seu posto, no seio da Humanidade, com o nome de Espiritismo. Será fácil, portanto, a quem desejar conhecer a Doutrina da Verdade, ter onde aprender.

Considerando as tremendas falhas humanas, que motivam as contradições e os erros de observação e análise, de opinião e conceituações em geral, obtemperei:

— Mas quem fará com que os humanos tenham, como dizia Jesus, ouvidos de ouvir? As divergências religiosas aumentam a cada dia!...

— Quem faz questão de ter o melhor conhecimento da Verdade; porque, afinal de contas, as religiões não passam de instituições inventadas por homens, para em nome de Deus, do Cristo e da Verdade, fazerem o seu comércio ou terem como facilitar a expansão de seus instintos divisionistas e sectários. Todavia, cumpre saber, Deus, o Cristo e a Verdade, esta como Doutrina, não são sectários, não são escravos de conceitos e de preconceitos humanos; não criam dogmas, rituais, paramentos, simulacros, fingimentos e maquinações político-econômicas. Portanto, sabendo-se que a Verdade não tem pressa, sabemos também que outras eras virão e forçarão os homens ao encontro das leis do Senhor. Elas são leis que jamais foram e nunca serão

escravas dos engenhos idólatras dos homens. Leis que são, mais ou menos tarde, demonstrarão o que é de Deus e aquilo que é apenas de fabricação humana, visando interesses subalternos, criando condições para a manifestação dos mais desenfreados assanhamentos temporais, porque facilita vazão à mediocridade e aos erros de toda ordem.

Admirado exclamei:

— Sim, Senhor! Vejo que é absolutamente avesso aos cultos exteriores, ao que tem caráter religioso-formal!

O servidor entristeceu, meditou e comentou:

— Tenho palmilhado a via crucis das vidas mal empregadas... Minhas últimas encarnações passei-as entre cultos religiosos e erros inomináveis, pois andei tomando parte, na Europa, em acontecimentos inquisitoriais tremendos. Fui um dos animadores da fatídica noite de São Bartolomeu... Estive me afogando em sangue e uivos lancinantes por mais de oitenta anos, depois do que fui recolhido, para vir aos poucos obtendo um pouco de melhores conhecimentos e algumas oportunidades de trabalho... Lá para trás, também andei fazendo horrores... Sou alguém que não tem muita luz, que é pobre em raio de ação, mas é rico em fartíssimas provas, de somas elevadas de experiências dolorosas. Por isso mesmo, Gregório, repito com Jesus, que o conhecimento das leis e suas práticas salvam, enquanto que as religiões apenas fomentam vícios idólatras, fabricam simulações e produzem fanáticos e criminosos. Aqueles mesmos que se acreditam acima de idolatrias, porque vivem de Evangelho nas mãos, como você andou fazendo, nada mais fazem do que cometer a idolatria da letra que mata, pois interpretam a letra com vício e empregam as lições com malícia. Afinal, Gregório, fora da Lei, do Amor e da Revelação não pode haver Cristianismo. E Cristianismo é, por isso mesmo, a Doutrina da Verdade, a Doutrina que, conforme a palavra de Jesus, irá, aos poucos, ilustrando e consolando a Humanidade, já que as Verdades não podem ser assimiladas de um golpe por todas as criaturas.

— Reconheço, bondoso servidor, que Jesus não falou tudo, tendo dito que ao Consolador caberia informar de tudo, no curso dos tempos; e que, infelizmente, o Consolador não estava na minha seita protestante, o que criava uma situação de mágoa, de incertezas cruéis.

— Gregório, Jesus deixou a Herança do Céu na Terra; basta que se leiam os capítulos um e dois dos Atos e doze, treze e quatorze da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, para se saber que Jesus não prometeu nada em vão. A comunicabilidade dos anjos era ânimo, era o selo da função missionária de Jesus, sendo a fonte consoladora e ilustrativa dos primitivos

cristãos. Foram os interesses subalternos de Roma que fizeram desaparecer a Doutrina do Cristo, sendo então criada a religião do Império, sobre clerezias, idolatrias e comércios pagãos em geral, além de ser criada a Inquisição, a fim de proteger a corrupção e consolidá-la.

Aproveitando o lapso havido, inclui:

— Não padece dúvidas, o fato de estar a religião do Império em contradição com os ensinamentos e as práticas do Cristo; e muito mais diferença notamos, quando fazemos questão de confrontar os atos dos Apóstolos, depois do fenômeno do Pentecostes, com o que faz e impõe a igreja romana. O Livro dos Atos contém lições de extraordinária grandeza, todas elas fundamentadas na comunicabilidade dos espíritos. Naqueles dias, pelo menos, o Consolador não era uma ilusão, nada continha de vago e inútil, mas era sim o fato consumado, a consolação e a ilustração provinda dos anjos ou espíritos, com caracteres práticos. Isso é que muito me fez pensar, durante a vida toda, pois notava o contraste entre o que sucedia entre os cristãos primitivos e o moderno Cristianismo, onde só existiam letras, palavras, discursos, formalismos e outras tantas invenções humanas. Quantas vezes, bondoso servidor, perguntei a mim mesmo sobre o paradeiro do Consolador, daquela fonte viva de suma espiritualidade, com que se alegravam e sublimavam os cristãos daqueles dias.

O servidor sorriu, com bastante significação, perguntando:

— Então, Gregório, você confessa que reconheceu as falhas de sua seita e não fez coisa alguma para repará-las?

Primeiro fiquei em suspenso, meditando no que havia de dizer, pois reconheci que ele estava usando de técnica pericial na discussão em jogo; logo após falei, um tanto submisso, confessando a falta:

— Bem... Bem, eu sei que andei à procura do Consolador e não o encontrei no seio do protestantismo... Li com atenção o capítulo quatorze da famosa Carta de Paulo aos Coríntios, mais de centenas de vezes, creio, e sempre fiquei no vácuo, sem saber o que dizer sobre o terrível lapso. Onde foi parar a Revelação? Quem diria o suficiente sobre a sua desapareição?

— Falou com o Pastor, alguma vez, sobre isso? — perguntou-me o servidor?

Respondi com franqueza absoluta:

— Nunca! Tinha receio de passar por ignorante... Os Pastores todos diziam, que o Consolador agia como inspirativo e não como espírito comunicante. E quando se liam os textos referentes à comunicação dos anjos ou espíritos, então diziam que os anjos eram seres especiais, sendo o contrário

dos mortos, que deviam ficar na tumba, até o dia do Juízo Final, quando acordariam para serem julgados.

— Eu sei disso tudo, porque também andei trilhando o mesmo erro. Meditei muitas vezes sobre os anjos comunicantes do Velho Testamento. _Considerarei fartas vezes sobre o fenômeno do Tabor, onde compareceram Moisés e Elias, falando com o Divino Modelo e os três Apóstolos. Tive muitos tratos com o Livro dos Atos, onde a comunicabilidade dos espíritos é notório e indiscutível. Todavia, como era clérigo e tinha parte saliente no Santo Ofício, vivi a luta tremenda por dentro, fervilhei em minhas angústias, sem deixar transparecer por fora a menor evidência de minhas cruciantes dúvidas.

— E deixou a carne, bondoso servidor, nesse terrível estado?

— Mais do que terrível, porque deixei a carne sem saber, mergulhando na lameira de sangues apodrecidos e fedores!... Sei o que é sofrer!... Gregório, podemos iludir os homens, podemos falhar perante a nossa consciência, mas jamais poderemos derrogar as leis fundamentais e regentes da Criação. Podemos querer e forçar determinadas concepções e obras, porém a Verdade chega, através das leis básicas, fazendo tudo retroceder, colocando as coisas no devido lugar, e isto à custa de tremendos sofrimentos. Os homens imaginam e engendram acontecimentos humanos, muitas vezes ultrapassando os limites do próprio ridículo, pela desabrida presunção com que formam seus disparates; mas a Verdade comparece, nos permeios da vida e dos fenômenos, e os artificios estúpidos são derreados, ruem por terra, fazem a vez da lama e da miséria. Por tudo isso, por tamanhas provas que temos de erros perpetrados, e amontoados nos desfiladeiros da Humanidade, podemos dizer e devemos assinalar, que as religiões foram as verdadeiras forjas produtoras de erros, farsas, crimes e hediondas situações. Traíram-se desastrosamente!

— Dolorosa contingência a nossa!... — murmurei, cheio de pena.

— Somos dois errados confessos, somos dois fracos perante nós mesmos, pois é patente que divisamos a Verdade e não a soubemos respeitar, pelo menos um pouco. Longe estivemos dos Wicliff, dos Huss, dos Lutero e dos Giordano Bruno. A nossa moral não deu para olhar a Verdade de frente... Ficamos encolhidos e sujeitos, acovardados diante do monstro do convencionalismo. Vimos a luz e fizemos tudo para garantir a treva! Em nome de Deus e do Cristo, da Verdade e do Bem, tomamos pela mão e conduzimos a mentira e o crime! O pouco de paz que temos é ainda por empréstimo, é obra da Misericórdia Divina, que aguarda no Tempo e no Espaço os devidos resgates. Tenhamos, pelo menos de ora em diante, a

coragem de ir à crosta, aos homens, e falar com franqueza e realismo sobre quem fomos e o que nos ocorreu, por causa dos erros doutrinários e das maldades praticadas, por culpa de nossa falta de melhor caráter. Vamos dizer que a Verdade não se curva aos caprichos sectários de quem quer que seja; Digamos que convenções e conchavos de homens nada podem sobre Deus e Suas determinações; aconselhemos a que se aproximem da Lei, do Amor e do Batismo de Espírito, pois que esse foi o Evangelho vivo entregue pelo Cristo à Humanidade, e não o amontoado de letras, mal ajambradas e piormente traduzidas, de modo a facilitar maquinações e conchavos, clerezias e engodos exploradores. Tudo para que políticas e imperialismos pudessem fazer seus cavilosos negócios, suas carreiras tenebrosas por entre os movimentos humanos, custando-lhes atrasos e materialismos, animalidades e situações agravantes.

— Falar aos homens desta forma? Por qual meio? — Indaguei, surpreso.

Entre sorrindo e meditativo, perguntou-me o servidor:

— Em que ano estamos nós, segundo o calendário da Terra, que é o nosso, nestas esferas próximas da crosta?

— Creio que por volta do ano de mil e oitocentos e noventa e cinco, pouco mais ou menos.

— Estamos no ano de mil e novecentos e onze. Tens estado um pouco mais gemendo as conseqüências de nefastas ações. O que pretendo, entretanto, é dizer-te que as coisas estão mudadas, muito mudadas... O Consolador, tal como Jesus o deixou no mundo e tal como o praticaram os Apóstolos e primitivos cristãos, de novo impera entre os homens mais esclarecidos. As legiões do Cristo de novo falam aos encarnados, ilustrando-os e consolando-os, concitando-os à luta contra as trevas de variada ordem. É a batalha do Senhor, para confundir os orgulhosos e abrir os olhos aos cegos. É o preparo da Humanidade com vistas à Era que virá...

— Os mortos instruindo os vivos? — perguntei, duvidoso.

— Todos os que desencarnam ressurgem dos mortos ou em espírito. Bem o disse Jesus, que Deus não é de mortos, e sim de vivos, porque os merecedores serão como os anjos do Céu. Lembra-te, Gregório, que as palavras, anjo, espírito e alma se equivalem na linguagem bíblica. Por isso mesmo, vá abandonando as tuas velhas ou criminosas concepções, pois elas já te custaram dezenas de anos de terríveis sofrimentos e atrasos.

Ocorreu-me pensar em certa condição e perguntar:

— Que situação embaraçosa! Não cometi crime algum, para merecer tamanha punição. Fui luteranista e não andei semeando morte, roubos e outras grandes iniquidades. Como é que vim a ser tão fortemente punido?

— De quantas encarnações te lembras, Gregório? — perguntou-me, olhando-me de maneira enigmática.

— Não sei disto coisa alguma, bondoso servidor. — respondi.

— Isso derroga as leis das encarnações sucessivas? — tornou a perguntar.

Depois de meditar, respondi:

— Se as leis derivam de Deus, nada poderá eliminá-las. O servidor assentiu com o movimento de cabeça murmurando com gravidade:

— As concepções humanas jamais poderiam alienar as leis regentes do Cosmo. A Verdade não tem religião, seja esta ou aquela. Não se curva a nada. Os homens é que se metem a legislar por conta de Deus, pensando que podem ensiná-LO. Inventam conceitos e preconceitos, fórmulas e rituais, decretando sua adoção pelos mais fracos e menos capazes de reação. Iludem-se a si mesmos e pensam que estão sendo preciosos causídicos da Ordem Divina! Pretendem ser ministros de Deus, à custa de se fantasiarem e de se tornarem propagandistas de farsas e de maquinações idólatras. A morte colhe-os de improviso, como o ladrão da parábola...

— Isso mesmo!... — Anexei num ímpeto estranho.

— Espere, advertiu-me ele, desejo dizer-te mais... Os teus muitos sofrimentos não derivaram da vida que vens de viver na carne. Eles são, na maior parte, frutos de antigas encarnações e obras. Quanto a esta última passagem carnal, devias ter cooperado nas preliminares da obra restauradora do Caminho do Senhor, da Doutrina que tem fundamento na Lei, no Amor e na Revelação. Todavia, como rico e fanático que foste, não tiveste tempo de atender aos reclamos da Verdade. A promessa feita está sem cumprimento...

— Promessa feita?!...

— Sim, o programa elaborado em conformidade com as tuas necessidades e aprovações. Vindo na trilha de grandes erros, pois fomos daqueles que traímos os sacrifícios de Jesus, eliminando a Excelsa Doutrina, já temos fracassado algumas vezes... Embora sem matar, sem roubar e sem cometer falhas graves, nada fizeste em benefício da reposição das coisas no lugar. Em nada colaboraste para com aqueles que deveriam ter feito a grande obra de renovação. Ficaste com o teu dinheiro e com o teu sectarismo, sem avançar um passo no caminho da recuperação íntima, do resgate de algumas faltas pretéritas. Foste à carne como um devedor, decidido aos melhores

esforços ressarcitivos. Devias cooperar na obra restauradora, amparando o grande surto revelacionista que se impunha aos homens de boa-vontade. Porém, em virtude do mundo, de seus gozos e de suas falácias, nada fizeste.

— Ouvi falar muito na comunicabilidade dos espíritos, por vários meios. Nunca dei atenção a tais fenômenos, pois sempre foram catalogados como diabólicos. Se a reparação devia vir por esse meio, bem difícil me seria consegui-lo, dadas as minhas convicções religiosas.

— Sei disso e muito bem. Aqueles que não souberam ouvir e entender ao Cristo, também estavam cheios de convicções religiosas. Por isso, tendo as suas razões para ensinar a Deus, como poderiam aprender com o Divino Emissário? E nós, Gregório, que no século quatro decretamos o desaparecimento da Excelsa Doutrina, a bem dos egoísmos do império romano? Por causa do mais sanguinário e despótico imperialismo do tempo, de sua sanha de dinheiro e de obediência, não fizemos derrear a Doutrina que custou a Jesus o imenso sacrifício? Em que conta tivemos a Lei, o Amor e a Revelação?

Minha cabeça estava, parece que inchada; e por isso roguei:

— Peço que me permita descansar um pouco; sinto-me quebrantado!

O servidor deu-me a mão e concordou.

— Eleva teu pensamento a Jesus, vez que trago ordem para retirar-te deste lugar de trevas e de dores. Vamos daqui, Gregório, esperando jamais aqui retornar por nossas culpas.

Suspenso em suas forças, penetramos os ares e fomos dar em uma Terra que era e ainda é o retrato da Terra melhorada, um pouco melhorada, nada mais. E ao chegarmos a um grande casarão, com feição de hospital, fui entregue a um guarda, com as seguintes palavras de observação:

— Gregório, vais ter aqui limpeza, bons tratos e dormida... Espera-me, que a minha visita será oportuna.

— De fato, ali passei por apreciável reforma exterior... Exterior, sim, que as reformas interiores custam vidas e provas, expiações e trabalhos porfiados.

Quando o servidor voltou, dias depois, vendo-me limpo e alegre, comentou:

— Por fora bela viola, por dentro pão bolorento!... Eis como somos nós, Gregório, por enquanto, eu, você e muitos outros que habitam esta região. Todavia, o Bom Deus, através de Suas leis, oferece tempo de mora, estende os dias de ponderação, programação, trabalhos e vitórias ressarcitivas. Saibamos portanto, durante estas etapas de calma, de trégua bendita,

aquilatar fatores e fazer os preparativos necessários aos novos lances realizadores do porvir, lances que serão inevitáveis e necessários, intransferíveis e obrigatórios.

— Então, bondoso servidor, este lugar é um reduto de almas penadas?

Sorriu o primeiro sorriso largo que lhe vi no semblante, assinalando:

— Almas penadas, porém creditadas pela Misericórdia do Senhor. Se os pecados fossem descarregados sobre nós, com o peso total, estaríamos ainda nos baixos tormentosos da subcrosta. Convém não esquecer que, embora não havendo esquecimento ou perdão das falhas, há contemplação e prolongamento por parte da Lei, quanto aos devidos resgates e obrigações progressivas. Por esta razão, ou por estes tempos de mora, é que muitos acreditam, na crosta e por aqui, no perdão absoluto das faltas cometidas. Isto porém não existe, saiba-se de uma vez por todas. O que acontece normalmente, e normalmente no âmbito de circunstâncias judiciais vigentes na Criação, é que as lesões, as marcas de culpa ficam acobertadas, até que a oportunidade chegue, no Espaço, no Tempo e no curso das vidas, para que em forma de oportunidade, provas e expiações, a criatura se desfaça das manchas lavradas em si mesma. A regra da Lei, de modo geral, é esta — quem comete falta deve resgatá-la, ou compensando com o bem-fazer ou penando na razão direta em que fez penar! Fora disso tudo são conversas e suposições fiadas.

— Quer dizer então, bondoso servidor, que as minhas faltas, registradas por mim na minha estrutura moral, estão agora acobertadas?

— Simplesmente, irmão Gregório. Nossas culpas, que se acham em nós registradas em forma de manchas de variantes colorações, terão que ser um dia eliminadas de todo. A Lei não dispensa a Misericórdia e nem a Misericórdia dispensa a Lei; o que não existe, de modo real, é perdão. Quem ferir, assim mesmo será ferido, caso as circunstâncias de agravo não lhe permitam resgatar as faltas com as obras de benemerência. Em geral, saiba-se, quem erra com conhecimento de causa paga em forma de expiações e dores. Aqueles, porém, que erram espontaneamente, sem conhecimento de causa, terão outras prerrogativas ao dispor. O que não ocorre, de modo algum, é o perdão, a eliminação de registro culposo, sem a contribuição do trabalho reparador.

Silenciou, encarou-me com olhar indagador e murmurou:

— Queres conhecer a questão de modo prático?

— Quero... Mas, como farei semelhante coisa? Estou num vácuo completo, nada conheço desta plagas e de suas contingências.

— Não te importes, Gregório, que a Sabedoria Divina é mais profunda do que parece e as marcas estão em nós mais evidentes do que imaginamos. E se ninguém tivesse eliminado do seio da Humanidade o batismo de Espírito, a Graça da Revelação trazida por Jesus Cristo para toda a carne, aqui não estarias a dizer que vives num vácuo, sem nada entender destas plagas e de suas contingências inerentes; porque a mesma Revelação, no curso de quase dois mil anos, teria elevado imensamente o nível de cultura espiritual da Humanidade. Todavia, como fomos daqueles que tudo fizeram para liquidar com a comunicabilidade dos espíritos, nada nos custará sofrer com bastante resignação. Quanto ao que lhe propus, sobre o conhecimento prático da lei das registrações íntimas, fica dito que dentro em breve faremos a experiência. Por enquanto, freqüente a biblioteca da região, para ir conhecendo alguma coisa de nossa gente e de nossos deveres futuros. Saiba que antes de ir para a carne, daqui saiu... Esta é a nossa região de merecimento... Os melhores planos de vida são aqueles que se encontram mais para longe das vibrações grosseiras da crosta. Entretanto, ainda estamos longe de tudo aquilo que é divinamente melhor. Isto é, estamos longe do Cristo interno... Somos centelhas divinas em estado fosco, bastante apagadas, infeliz-mente. Porém, como irá saber, o Espaço, o Tempo e as vidas, com suas ofertas à base de oportunidades, estão ao nosso dispor, embora sob o peso e a medida...

— Sob peso e sob medida? — Intervi, deseioso de saber de nossas possibilidades.

— Repare que foi à carne para cooperar nos trabalhos restauradores, tendo ouvido falar na reposição do Consolador no seu devido lugar, e que todavia, nada se importou com o movimento...

— Todos os nossos Pastores diziam que eram coisas diabólicas, que nenhum luteranista devia se aproximar de tais causas.

— O mesmo que fizeram a Jesus, não acha? Entretanto, andei observando: muitas vezes que folheava o Livro Sagrado, procurando explicações a respeito do batismo de Espírito, causava-lhe estranheza haver desaparecido da Terra o Consolador trazido pelo Cristo. E nada fez, bem sabe, preferindo ficar com a seita e com o comodismo tão vastamente abraçados. Por isso, deixou a carne farta, deixou a vida de regalos temporais, havendo mergulhado na treva expiatória. Verdadeiramente Gregório, temos palmilhado estradas vergonhosas!... Por aqui, nesta região, todos somos grandes culpados, todos temos muito por fazer.

— Como disse, bondoso servidor, estamos longe da Pureza e da Sabedoria...

— Porque deixamos os caminhos do Amor e da Ciência, para fazermos contradições à Doutrina do Pai, que o Celeste emissário entregou à Humanidade. Sem Lei, sem Amor e sem Revelação, como poderá haver Cristianismo, Gregório?

— Ainda bem que outros fizeram a obra restauradora!... Gostaria de ir observar o que acontece por lá...

O servidor observou-me, com acentuada gravidade:

— A restauração está feita, mas falta aquilo que Jesus disse aos Apóstolos, como está escrito no primeiro capítulo do Livro dos Atos; falta atingir os extremos da Terra! Falta ilustrar e consolar a Humanidade inteira, transformando a Humanidade em coisa preciosa à Verdade e ao Bem!

— Não se poderia forçar o avançamento da doutrina no seio da Humanidade?

O servidor sorriu e perguntou-me:

— Com missionários que se entregam a fanatismos sectários e a regalos do mundo, Gregório? Que temos feitos nós dois?...

Constrangido, balbuciei:

— Temos feito a obra da contradição!...

O servidor emendou:

— A humanidade inteira faz a obra da contradição... Pouquíssimos se entregam ao bom procedimento, conscientes de que a Lei de Deus não pede exteriorismo algum, mas sim aversão à idolatria, estima pela decência de conduta social e respeito pela Revelação. Poucos fazem questão de iluminar a intimidade e quase todos buscam aparecer através de aparências de culto. A fé sofisticada tomou conta das religiões e os homens não conseguem viver sem máscara! O cérebro e o coração estão a serviço da mais desbragada hipocrisia, porque os homens sabem que o mundo vê por fora e não por dentro! Por isso mesmo, levantam-se clerezias, templos de pedra e de pau, ornamentados de torres caríssimas, enfeitados de ouro e de púrpura, enquanto que nos cérebros e nos corações vicejam as pragas da ignorância, do vício idólatra e supersticioso, instrumentos da lama e dos baixios, tudo aquilo que em nome do Senhor envia as criaturas aos rincões trevosos e fedorentos do mundo espiritual!

— Como dar jeito nisso, então, bondoso servidor?

Ergueu as mãos, como quem diz para esperar, comentando:

— A Verdade não tem pressa e os abismos funcionam normalmente! No Tempo e no Espaço e através das vidas, o espírito defronta-se e trabalha

intimamente, tentando tantas quantas vezes sejam necessárias! O Cosmo funciona, o seu mecanismo é perfeito e as criaturas não podem escapar do jugo das leis fundamentais. Tenha confiança no Bom Deus, mas não descuide de tuas obrigações individuais... Nunca haverá um Redentor de culpas e nem jamais aparecerá quem faça a evolução por terceiros! A Lei é uma para todos, embora os homens possam adular os chamados Livros Sagrados... Sim, Jesus Cristo nunca Se disse primogênito, unigênito e nem tão pouco redentor... Mandou a cada um seguir o Seu exemplo e disse que muitos serão aqueles que clamarão Senhor! Senhor! sem serem atendidos! Quem foi enviado pelo Pai para servir de Modelo, de Ponto de Referência, andou curando toda sorte de doenças, andou pregando a Doutrina e vivendo-a, mas nunca pensou em dar passes de mágica e transformar espíritos errados e roneiros em espíritos perfeitos! A mistificação veio dos homens e não do Cristo! Ele nada prometeu em vão e ensinou o reto caminho, tendo deixado a Doutrina que ensina a Verdade, que consola e que ilustra, para que não se culpe a Deus de não ministrar os devidos recursos, de faltar com as Suas instruções.

— Nesse caso — intervi — o Reino de Deus custa o preço dos esforços a realizar?

— Não ensinou Jesus três Verdades Básicas? — tornou a responder.

— Quais? — perguntei, ávido de saber.

O servidor enumerou.

— Afirmou que o Reino do Céu está dentro de cada um de nós; salientou que o Reino do Céu não virá com mostras exteriores; e advertiu que da Lei nada passará, sem que tudo se cumpra, até o último ceutil. Quanto ao mais, como já ficou dito, a Palavra de Deus sempre foi a Revelação. Primeiro o que é de Deus, depois o que é do homem. Os documentos escritos devem confirmar a Revelação, e nunca ficar a Revelação sujeita aos documentos escritos, que estão ao sabor das corrupções humanas. E para não duidares, e teres certeza, lembra-te de que a função de Jesus seria tornar a Revelação de alcance geral, para toda a carne. Não mais alguns Cenáculos, bem poucos, localizados longe das cidades, onde alguns iniciados mantinham contato com os anjos ou espíritos; porém, a Graça da Revelação generalizada, posta ao alcance de todos filhos de Deus. E é isto que ora estamos tratando de estender pelo mundo, a fim de se cumprir a palavra de Jesus, de levar o derrame de espírito aos extremos da Terra.

— Muito bem! — exclamei satisfeito, movido de entusiasmo.

O servidor sorriu observando:

— Muito bem, sim senhor! Não é assim que os ensinamentos da Revelação confirmam a evolução de dentro para fora? Os elementos que fornece é Deus, mas a elaboração cumpre a cada filho. Porque de Deus, sabemos, tudo vem em potencial. A cada um segundo as suas obras é lei, não é afirmativa de caráter contemplativo ou místico. Quer dizer o que realmente vem a ser — quem não se desenvolve, quem não se desperta, não gozará do Reino do Céu.

— Maravilhosa Justiça! — tornei a dizer, satisfeito.

— Maravilhosa e plena Justiça, diante da qual ninguém é especial! A centelha que se acha oculta no ímo da criatura, assim como o diamante no seio da rocha, à custa de seus esforços terá que vir a brilhar, rompendo com os grilhões da matéria e do animalismo! Terá que lutar e vencer, porque a finalidade que lhe cumpre está jungida às leis de Deus, não poderá ser esquecida e nem desviada de todo e para sempre. Toda vez que triunfa, marca-se luminosamente. Toda vez que fracassa, que comete falta, marca-se gravemente. Para todos os efeitos, sofrerá ou gozará, assim como se prepare através de obras. Isso que somos, por exemplo, é aquilo que fizemos para ser; e aquilo que temos, em potencial, de luz e de glória para despertar, iremos tendo e gozando na razão direta da evolução feita. É no íntimo que trazemos o Grande Juiz, a Lei Regente do Senhor, que conduz a Criação a seus devidos fins, sem discutir e sem falhar, sem fazer alardes e sem pedir conselhos.

— Se as religiões, ao invés de oferecer carnavais e cuidar da vaidade, da pança e do bolso de seus proprietários ou ministros, dissessem assim, lembrassem os Mandamentos da Lei, tudo iria bem melhor. As criaturas não se desviariam do reto caminho. Confesso que começo a sentir repugnância por aquilo que se diz religião na Terra.

— Como já lhe disse, Gregório, a Lei contém tudo: ordena a não cometer idolatrias, ordena a ser decente na conduta social e proclama o ministério da Revelação, pois veio por ela. O que não faz, de modo algum, é dizer para que se tenha este ou aquele credo, este ou aquele sectarismo. Ela cinge-se às leis regentes e ensina tudo certo. Por isso mesmo, quem for à Terra em nome do Senhor, terá que repetir com Jesus — da Lei nada passará, porque tudo se cumprirá!

— Realmente, bondoso servidor, ela concita ao essencial. Enquanto isso, foram surgindo na Terra as Organizações ditas religiosas, traficando com toda sorte de aparências de culto, ensinando a esquecer a Lei, que é fundamental e sem artimanhas enganosas.

— Nós podemos falar de cátedra, Gregório, sobre tais criminosas corrupções. O nosso trabalho mais triste, no curso de nossa história, foi esse

mesmo. Temos o que resgatar, estamos obrigados a determinados serviços ressarcitivos, pois fomos daqueles que muito fizeram para converter o Cristianismo do Cristo em instrumento de explorações cavilosas. Em Jesus Cristo, que foi apresentado ao mundo como Divino Modelo, ou para ser imitado, temos a lição viva das verdades salvadoras contidas na Lei. Tudo em Jesus, foi e continua sendo fundamental — a Moral, a Fraternidade e a Revelação. Que mais afinal de contas, é necessário, para que haja organização e paz nos quadros da evolução?

— Sinto vontade de realizar alguma coisa útil...

O servidor apanhou-me pela mão, convidando:

— Venha comigo, que tenho de apresentá-lo a quem de direito. Quanto ao que temos conversado, de caráter doutrinário, procure não esquecer. Fazemos, nestas regiões, muito de Doutrina em aparentes conversas sem menos importância. Aliás, é bom dizer, procure compreender que a vida comum encerra verdadeiros cursos de sabedoria, cursos que na Terra foram desprezados e esquecidos em virtude de artimanhas inventadas pelas organizações que passam por religiões. Verdadeiramente Gregório, os espertalhões colocaram a ficção no lugar da realidade, fizeram sofisma em torno de tudo e deram feição comercial aos despojos da honestidade. De tal modo escamotearam as verdades espirituais, que as criaturas, até mesmo as de melhores intenções, esqueceram os dotes do cérebro e do coração, de onde deveriam extrair as luzes e as glórias imperecíveis do espírito, para se entregarem totalmente aos astuciosos simulacros inventados por aqueles que, desviados do reto caminho da decência, nada mais viram na Excelsa Doutrina do que um excelente meio de vida e grande recurso para garantir a voracidade dos imperialismos temporais. Eu e você, Gregório, temos muito que fazer... Vamos, que as culpas do passado estão a forçar as oportunidades do presente. Não percamos tempo agora, na hora de resgatar, assim como não o perdemos naqueles dias, quando aproveitamos todas as oportunidades para trair o maior dos filhos de Deus vindos à Terra.

— Bem posso admitir, que meus sofrimentos do presente não surgem apenas das faltas decorrentes da última vida carnal... Da última encarnação, como dizem os orientais e como professam os espíritas, não é isto? Já estou admitindo, bondoso servidor, princípios doutrinários que julgava ilusórios.

— Andando pela formosa alameda, que se ostentava como prolongamento das alamedas da crosta, paramos defronte a uma árvore imensa, como eu jamais imaginara existir, situada num parque paralelo. Primeiro o servidor falou da árvore, dizendo ser ela oferta de um antigo

governador da região; estimada por todos os habitantes com o máximo carinho. Depois, retornando ao assunto, observou-me:

— Não são princípios doutrinários, irmão Gregório. Lembre-se que a imortalidade, a responsabilidade, a evolução, a comunicação, a reencarnação e a pluralidade dos mundos habitados são verdades inerentes à Criação e aos espíritos. São leis, digamos, e nenhuma conceituação humana poderia jamais aliená-las. Quero e faço empenho que você queira, nunca mais voltar atrás, nunca mais descurar das verdades fundamentais, para andar dando atenção às simulações inventadas por homens destituídos de conhecimento e mais ainda de escrúpulos.

— Depois de termos andado bom trato de chão, penetramos por belo jardim, dando entrada em um castelo, estilo inglês, plantado a cavaleiro de boa elevação. Ali dentro, sentado a uma secretária, estava um homem de aspecto pacífico, entregue ao abandono de si mesmo, de olhos fechados e parecendo dormir. Seus cabelos, de todo alvos, davam-lhe aspecto venerável. Sua expressão, como logo se percebeu, denotava o homem polido e bem falante, porém atrelado ao carrilhão de pesadas faltas do pretérito. Ele era mais sujeito do que manso, menos pacífico do que pecador penitente. A tristeza vazava de sua personalidade, assim como nas enchentes os rios transbordam e invadem as terras circunvizinhas.

— Carlos! — bradou o servidor, fazendo-o retornar ao mundo local.

Carlos levantou-se, esfregou os olhos cansados e indagou-nos:

— Em que terei a graça de poder servi-los?

O servidor falou-lhe:

— Este é Gregório, nosso comparsa em gênero, grau e número. Trouxe-o a fim de que, em muitas oportunidades, tenha com quem trocar idéias e ir-se identificando com a nossa região, sociedade, costumes e atribuições em geral.

— Vem da carne agora? — perguntou Carlos, com viveza evidente.

— Vem das trevas e das dores, onde perambulou pelo espaço de sessenta e poucos anos, em virtude das falhas do passado e dos fracassos do presente. Gregório foi dos nossos, em várias ocasiões, tendo semeado pelos caminhos do mundo fartas trevas e pródigas tormentas. Como tal, irmão Carlos, importa que se vá tornando consciente das verdadeiras realidades. Ele que vá deixando para trás as supostas vantagens que as falsas crenças lhe andaram metendo na cachola...

Carlos interrompeu-o, indagando:

— Como é isto? Ele pensava comprar o Reino do Céu com dinheiro?!...

O servidor explicou-lhe:

— O dinheiro fez a sua parte na soma dos prejuízos, não há dúvida... Mas as piores coisas quem fez foi a má conceituação religiosa...

— Outra vítima dos conchavos humanos?— intercalou Carlos.

— Sim, uma das vítimas de seus próprios atos nefandos... Quem trabalhou para corromper o Cristianismo do Cristo, implantando o Cristianismo dos interesses dolosos do mundo, veio mais tarde a ser vítima de suas mazelas. Foi alguém que se filiou a uma das seitas protestantes, onde as leis de imortalidade, de evolução, de reencarnação e de responsabilidade, principalmente essas, sofrem toda sorte de lesões, de atrofias e de negação. Acreditou nas convenções humanas, que lhe falaram da salvação pela graça e deu de ombros para os melhores deveres de conhecimento e de obras.

Ao demais, foi ao mundo carnal para servir de partícula restauradora, cooperando no grande movimento de que temos perfeito conhecimento, nada porém tendo feito, por dar crédito àqueles mesmos conceitos que enviaram Jesus ao pelourinho do sacrifício. Tendo dinheiro à farta e um credo que sabia chamar de infernal ao renovo do batismo de Espírito, teve tudo em mãos para acumular mais algumas faltas graves, enquanto que nada fez para dirimir alguns débitos do pretérito calamitoso.

E depois de breve lapso, analisou com severo critério discernitivo:

— Bem sabemos nós, Carlos, que a obra de Wicliff, Huss, Lutero e Giordano Bruno, foram as preliminares da restauração do Cristianismo do Cristo; foram a obra de sapa, a remoção dos maiores obstáculos, porque foram a brecha nos dogmas ferrenhos, despóticos e sanguinários de Roma. O luteranismo, encarado como Reforma é apenas absurdo, pois não contém a eclosão mediúnica do Pentecostes. Não participa do derrame de Espírito sobre a carne, que foi a Graça trazida por Jesus, de modo generalizado ou sem fronteiras de raça, cor ou credo. Quem pretende que Lutero tenha feito a Reforma, por certo erra gravemente, pois ele foi apenas um passo na via restauradora. Antes dele vieram Wicliff e Huss, os verdadeiros fundadores do protestantismo, sendo que depois dele deveriam vir aqueles que arrastaram consigo a nova grande eclosão do Pentecostes, a disseminação da Revelação sobre toda a carne. Lutero é um dos esteios da reposição das coisas no lugar, mas está longe de ser a medida restauradora. Os fanáticos, que em torno dele se movimentam, são tanto contra o batismo de Espírito, quanto aqueles que em Roma, no quarto século, liquidaram com o Cristianismo do Cristo e implantaram aquilo que seria para Roma verdadeira fonte de renda e de obediência. Gregório foi um daqueles que se meteram no cipal das

conceituações precipitadas... Foi, infelizmente, como milhões o são ainda, arautos do Cristo de um modo e blasfemos do Cristo de outro modo.

Escutando-o falar, intervi:

— Bem, mas não estou atado eternamente ao carrilhão do erro; creio que serei capaz de fazer alguma coisa a bem da Verdade que livra. Que há demais, afinal de contas, que eu faça parte dos trabalhos que disseminam pelo mundo a Doutrina que se estriba na Lei, no Amor e na Revelação? Concordo em que tenha falhado muitas vezes, mas quero concordar em que possa acertar mais vezes ainda, não é justo?

O servidor abraçou-me, dizendo:

— Embora ninguém seja redentor de segundos e terceiros, porque a cada um cumpre carregar a sua cruz e triunfar; embora ninguém possa fazer a evolução que a cada um cumpre; embora quem errar ou ferir tenha que pagar até o último ceutil, digo que a tua recuperação é medida que a todos nós impõe atenção e certas obrigações. Afinal de contas, Gregório, aqui somos, neste local, um aglomerado de elementos altamente culpados, em trabalho de ressarcimen-to. Assim como temos errado em credo, impondo corrupções em nome de Deus, do Cristo, da Verdade e do Amor, assim importa que façamos a reparação. Temos de agir e estamos agindo, sob a tutela de elevados mentores, a bem da disseminação do Consolador entre as gentes.

— Por que, bondoso mentor, especifica Deus, o Cristo, a Verdade e o Amor? Em Deus, para quem souber discernir, não está tudo resumido de modo total?

O servidor sorriu, e, com significativo abano de cabeça, murmurou:

— Em Deus não quer dizer em nome de Deus. Em Deus tudo é perfeição total, bem assim como em Cristo tudo é exemplo total. Da mesma sorte, Gregório, na Verdade e no Amor, tudo está resumido. Porém, saibamos, em nome de Deus, do Cristo, da Verdade e do Amor, as próprias religiões têm cometido os piores, os mais hediondos crimes, por haverem inventado, à custa desses nomes, as piores mentiras, os mais repugnantes vícios idólatras. Depois de transformarem a fé em meio de vida, de tudo lançaram mão para fartar a pança, encher o bolso e cevar orgulhos e vaidades. Por isso mesmo, aprenda a discernir entre o que é Virtude e as tribofeiras que em nome dela os homens fabricam e impõem aos menos cautos. Não somos nós mesmos o grande exemplo a ser observado? Em nome de quem fizemos tanto mal, a nós mesmos e a bilhões de irmãos, no curso dos séculos?

Carlos comentou, pesaroso:

— Se ninguém tivesse corrompido a Excelsa Doutrina; se tivesse tido curso a Doutrina que Paulo resumiu nos capítulos doze, treze e quatorze de sua I Ep. Aos Coríntios, em que grau de espiritualidade estaria hoje a Humanidade?

O servidor emendou:

— O Livro dos Atos, inteirinho, exemplifica a comunicabilidade dos espíritos, a vivência do derrame de Espíritos sobre a carne. Ele apresenta, ao vivo, tudo aquilo que Jesus disse e prometeu nos capítulos quatorze, quinze e dezessete do Evangelho segundo João.

Entrei com a minha opinião, já que o tema era simples, dizia respeito à comunicabilidade dos anjos, espíritos ou almas, coisa de que o Velho Testamento está abarrotado:

— Uma vez que tudo gira em torno da comunicabilidade dos espíritos, podemos dizer que a bíblia inteira é espiritista. No próprio Cristianismo, além de Jesus ter passado Seu tempo messiânico a expelir maus espíritos; além de ter ido fazer sessão espírita em que compareceram Moisés e Elias, no alto do Tabor; além de tudo isso, não foi um espírito chamado Gabriel quem anunciou o nascimento de João Batista e de Jesus? Ora, se a questão toda gira em torno da Revelação, e a Revelação é a comunicação dos espíritos, creio que não temos dificuldades a vencer, de ordem doutrinária. Com a Lei de Deus todos concordam e quanto ao Amor é fora de dúvidas que todos o reconhecem, embora não o pratiquem, a suprema virtude a ser concebida humanamente. Que temos, afinal de contas, de mais difícil a ultrapassar, a fim de podermos trabalhar livremente a semear pelo mundo a Doutrina transmitida por Jesus?

Carlos levantou-se de onde estava, ficou de pé à minha frente, eis que me havia sentado, e observou:

— Aqui tudo é fácil de ser compreendido e admitido, principalmente depois de atravessar algumas dezenas de anos nos abismos... Vá dizer isso aos fanáticos lá da crosta!... Cada qual tendo seu vício sectário, pensa até que pode ensinar Doutrina ao próprio Deus!... Se Jesus afirmou, diante do mundo, que muito mais tinha a dizer, coisa que seria feita através do Consolador, porque naqueles dias não conseguiriam aceitar; se Jesus assim advertiu, abrindo os olhos de todos para as verdades que a Revelação cumpriria ensinar; se o Cristo assim chamou a atenção dos crentes para as realidades instrutivas e consoladoras do Paráclito, nem por isso, um só fanático, viciado na interpretação errônea dos textos, deixará de se sentir autorizado a desmentir o Cristo um milhão de vezes por dia!...

O servidor soltou forte gargalhada, anuindo:

— Tome medida de si mesmo, irmão Gregório, como agiu lá no mundo? Conseguiu alguém lhe convencer, de que o Espiritismo é apenas o retorno ao culto da Igreja Apostolar? Viu você, no Espiritismo, pelo menos os capítulos um, dois, sete, oito, dez, e dezenove dos Atos dos Apóstolos?

Calei-me, porque de fato não fora mais do que fanático, tanto quanto hoje sei que milhões ainda o são. Depois de passar sessenta e tantos anos nas trevas, e de receber instruções tão ao vivo, no mundo espiritual, é fácil admitir o que seja a Doutrina de Deus, de quem fora Jesus o Celeste Transmissor. Todavia, para se aquilatar do ponto de vista da crosta, basta dizer que nem Jesus fez o milagre da aceitação por todos os homens da Palestina; daqueles homens que estavam a par do que haviam feito os Patriarcas, Moisés e os Profetas, tudo à custa da comunicabilidade dos anjos, espíritos ou almas. Mesmo agora, que transmito estas palavras, quando o Espiritismo comemora o seu primeiro centenário de Codificação, quem poderia falar na boa-vontade dos homens, para com ele, que se estriba exclusivamente na Lei, no Amor e na Revelação?

Não padece dúvidas de que a libertação do espírito vem da Verdade conhecida e vivida; vivida, fica bem entendido! Porém os homens, na crosta, enxergam a Verdade, pelo prisma da mentira que lhes agrada e endossa os piores vícios concepcionais. Em matéria de Verdade, cumpre dizer, os homens podem antes dar em obcecados e fanáticos de suas próprias concepções, do que em verdadeiros conhecedores e cultivadores de suas virtudes libertadoras.

Por isso mesmo, foi com prazer que ouvi Carlos dizer:

— Perante a Verdade, não esqueçamos, alguns se portam como Maria de Magdala, enquanto que outros carecem de choque violento, assim como Paulo de Tarso. Ela, pecadora e simples, vazia de galardões do mundo, viu em Jesus um reflexo de Deus, cheio de Verdade e de Amor! Ele, fariseu e armado das prerrogativas do Sinédrio, viu apenas um nazireu pobre, um arruaceiro dotado de mágicos poderes, assim como tantos os havia entre os Essênios. Para ela bastou o halo sublime que envolvia o Celeste Ungido; para ele foi necessária a intervenção do sofrimento!

Senti, ouvindo aquilo, pena de mim mesmo. Um grande constrangimento avassalou-me a alma, sentindo indômita vontade de chorar, o que o fiz, pois não houve como reprimir o pranto.

— Que lhe passa? — perguntou-me o servidor, atencioso em extremo.

— Vergonha e pena de mim mesmo...

— E por que agora, que está muito melhor?

Expliquei:

— Comparei-me a Maria de Magdala... Ela com seu espírito simples, capaz de assimilar a ternura de Jesus, com Jesus triunfou, antes de haver Ele derramado o Seu sangue inocente; e eu, fanático das palavras evangélicas, acreditei-me sempre discípulo fiel, garantido perante Deus!... Quem será, realmente, perante Deus, o primeiro ou o último?!...

Carlos adiantou:

— Na minha opinião, o Amor e a Ciência completam o espírito. Como, porém, o Amor é mais operante e importante, creio que os primeiros serão sempre aqueles que tenham mais cheios de Amor o coração e menos fartos de presunção o cérebro. A diferença, penso eu, entre Maria de Magdala e Paulo de Tarso, deve ter sido essa. Ela viu Amor nos olhos de Jesus, enquanto que Paulo andou encarando as palavras e os atos de Jesus, pelo prisma das simulações clérigo-farisaicas. Aqueles que, no mundo, vivem de evangelho em punho, encarando a Verdade pelo prisma dos vícios, das corrupções interpretativas, estão ainda a imitar Paulo de Tarso. E aqueles que se julgam vazios de importâncias mundanas, simples pecadores diante de Deus, esses curvam-se perante Jesus e Sua função missionária; isto é, procuram aprender com Jesus, não tendo a presunção de que podem ensiná-LO.

— Se não isso, — entrecortou o servidor, — pois ratificar o Cristo é coisa que assusta aos espíritos supersticiosos, e os idólatras das formas e das letras o são intensa-mente, pelo menos é certo que tudo fazem em matéria de malabarismos, a fim de darem às afirmativas textuárias, interpretações capciosas, absurdas e de todo vazias de senso real. A prova temo-la, como podemos observar, na ocorrência de Paulo, que ao deparar com o Cristo redivivo na Estrada de Damasco, ali encontrou a maneira de abandonar a conversa fiada, os rituais e os conchavos de homens, para enveredar nos domínios das virtudes espirituais, das faculdades psíquicas, do cultivo simples e puro da Revelação ilustrativa e consoladora. Daquela hora em diante, Paulo avançou pelo caminho fértil da divisa essênia, que assim dizia — “Tudo pelo interior, nada pelo exterior; tudo pelo espírito, nada pela forma.”

Carlos concordou:

— A Madalena estava à margem das injunções presunçosas e degradantes do orgulho e da vaidade que os exclusivismos sectários engendraram. Ela, gente do povo e pecadora reconhecida, não se julgou capaz de ser juiz do Celeste Ungido; e por isso, diante da luz da Verdade e do Amor, portou-se com simplicidade e adoção. Quem tem feito muitos homens

errarem, enveredarem mesmo pelos caminhos da corrupção, é a presunção que verte do orgulho sectário. Se o bom senso manda que o santo desconfie de sua santidade e o sábio faça o mesmo para com a sua sabedoria, certo é que os idealistas da Terra pouco ou nada sabem fazer a esse tal respeito. O vício que criam, e ao qual se entregam ardorosamente, fá-los apenas fanáticos, tange-os no rumo dos dogmas absurdos e das manias criminosas. E como sabemos, toda e qualquer modalidade idólatra pode viciar tremendamente, chegando aos extremos da atrofia moral, que é a pior de todas, porque é aquela que elimina na criatura a capacidade discernitiva e a força de vontade com que vencer, com que sujeitar as próprias fraquezas e falhas. Aos fanáticos, nada se deve pedir!

— Justamente! — anuiu o servidor — Temos a prova no fato de Jesus, defrontando o Sinédrio por três vezes, e a Pilatos nas horas finais, e a Herodes uma vez, jamais ter pretendido convencê-los da Verdade de que era detentor e da Graça de que era portador. Os fanáticos, religiosos ou políticos, mui raramente conseguem ver além da barreiras que seus exclusivismos lhes permitem. São cegos e se qualificam clarividentes, vivem nas regiões ensombradas do pensamento e da ação, ao mesmo tempo que se julgam luminares da Humanidade. Nos mundos inferiores, nas sociedades atrasadas, deve-se encarar com muito cuidado aos que se acreditam plenos de certeza e de valores, principalmente quando são dos piores, daqueles que não admitem confrontações, que não conseguem respeitar pelo menos os fanatismos alheios...

Houve riso geral, tendo dito Carlos:

— Por experiência própria, todo cuidado é pouco quando se lida com gente que só aceita um Livro, uma Ciência, uma Arte, uma Religião, uma Filosofia, etc. Os indivíduos monocêntricos, reclamam muita atenção, pois quase todos, em sua tremenda maioria, são desvairados que se presumem messiânicos.

Achei que devia comentar e fi-lo:

— Atrás de um grande errado ou corruptor, formam-se caudais de errados e corrompidos. Quem andou metendo, nas letras ditas Sagradas, as alterações que fazem enveredar aos piores desvios concepcionais? Se disse alguém, em primeiro lugar, que Jesus foi primogênito de Deus, ou unigênito, ou redentor das culpas alheias, muito naturalmente isso tornou uma torrente de outros tantos fanáticos e errados. Em um mundo onde o analfabetismo é quase a medida geral, toda aquela corrupção que é imposta pela força dos maiores das sociedades, transforma-se em virtude acatada e até mesmo

adorada. Além dessas insinuações destituídas de Verdade, muitas outras foram incrustadas nos textos ditos sagrados, fazendo as gentes cursar caminhos de erro e culpa.

O servidor olhou-me com espanto, exclamando:

— Olhe quem fala!... Um daqueles que no século quatro tudo fez para garantir a corrupção do Caminho do Senhor, engendrando a instituição que combateria a ferro e a fogo a todos quantos teimassem em continuar nas práticas mediúnicas, ou no batismo de Espírito, vem agora tomando ares de vítima inocente!...

Diante de meu silêncio enigmático, Carlos prosseguiu:

— Sim, Gregório, você foi um dos inventores e propulsores da corrupção do Cristianismo. Você muito fez para deitar por terra a Doutrina que se estribava na Lei, no Amor e na Revelação, que então, ou que até então se dizia o Caminho do Senhor. E para defender a novel religião, que traria ao Império Romano dinheiro e obediência, procurou formar uma instituição policial, que mais tarde um pouco se chamou de Tribunal de Inquisição, vindo mais tarde ainda a se intitular de Santo Ofício. Em resumo, Gregório, ao ser no quarto século eliminado o Cristianismo do Cristo, para ser implantado um credo interessante ao Império, em nome de Deus e do Cristo, foi você quem prevaleceu em muito, por ser então pessoa de grande acatamento e poder junto de Constantino, o homem que venceu Maxêncio. E se quiser a prova, nós te faremos tê-la porque os registros estão nos indivíduos e é muito simples e fácil obtê-los.

Tive que sorrir amargamente, confrontando o homem com os fatos, as aparências com as realidades. Vir do mundo em estado de trevas, depois de andar toda a vida carnal de Evangelho em punho! Acreditar-me lavado pelo sangue de Jesus, para depois reconhecer-me um dos maiores traidores do mesmo Jesus! Acreditar na salvação pela fé ou pela graça, vindo a me encontrar frente a frente com as mais tristes e incriminantes obras! Teimar no mundo que só se poderia ter uma vida carnal, quando vim a me encontrar diante das vidas sucessivas e fartas de crimes a serem resgatados! Julgar de maneira degradante os mortos, quando eu estava vivo e cheio de responsabilidades de trabalho! Considerar diabólica a comunicação dos espíritos, quando foi essa a Graça, e não outra qualquer, a que Jesus entregou a toda a carne, para servir de escola, de ilustração e de instrumento consolador!

— Quantas contradições! Quantos erros nas religiões! — exclamei, cheio de constrangimento, curvado ao peso de terríveis remorsos.

O servidor comentou, com boa dose de piedade e bastante convicção:

— A Lei não é sectária; a Justiça não é parcial; o Cristo advertiu que a libertação vem da Verdade executada; o Amor, como supremo instrumento de vitória, não é exclusivista; e o derrame de Espírito sobre a carne, nada tem a ver com os conchavismos de grupos ou de instituições religiosas inventadas por homens. Logo, irmão Gregório, é melhor ser amigo da Verdade do que ser proprietário de muitas convicções sectárias.

E como me visse triste, muito triste, aconselhou-me:

— Gregório, vamos andando... Quem fere, assim será ferido, mas com a vantagem de resgatar as faltas e de prosseguir no sendeiro da Pureza e da Sabedoria. É nisto que devemos confiar, porque outra alternativa não existe. Vamos enfrentar a eternidade, conscientes de que temos Deus por Pai, o Cristo externo como Modelo, o Cristo interno por Objetivo, a Verdade por Estrada, o Amor por instrumento de Vitória e a Revelação como fonte de Ilustração e de Consolo. Com ou sem letras ditas sagradas, este Evangelho é o Evangelho do Cristo que se faz presente através das legiões consoladoras, que se aprestam para falar aos homens de todas as latitudes do Planeta. E nós, Gregório, temos alcançado a dádiva de merecer um posto de trabalho em tão grande obra de saneamento da Humanidade terrícola. Vamos, pois, que ao Reino de Deus, que é interior a todos os filhos, só se poderá ir à custa de obras redentoras e evolutivas.

— A existência do espírito parece um sonho trágico! — Brama dolorido.

— Poderás dizer isso quando estiveres nas alturas gloriosas da vida superior?

— Não sei... Bondoso servidor, estou dolorido por dentro e por fora!...

— Poderia modificar as leis fundamentais do Universo, Gregório?

— Tenho certeza que não...

— Então, Gregório, vamos dizer aos homens, nossos irmãos, que ora gravitam sobre a Terra, e nas regiões inferiores do mundo espiritual, que a Verdade de Deus não é aquela que no mundo as religiões têm imposto às criaturas; vamos falar a linguagem da vida simples, sem idolatrias, nem de formas e nem de letras, assim como Jesus deu o Seu Divino Exemplo, entre o povo chagoso e lacrimoso, triste e sedento de luz, cego e coxo, surdo e mudo, faminto de todos os manjares. Vamos prosseguir com a obra de Jesus, vamos tirar de cima das gentes o jugo de fomes e de mentiras que os donos dos povos e das religiões lhes impuseram! Vamos dizer aos nossos irmãos que a libertação está no conhecimento das leis aplicadas, e que jamais poderá vir de

fora ou por meio de simulações comerciáveis! Vamos convidar a que todos se lembrem de seus corações, onde a paz deve reinar à custa de boas obras, não de farsas executadas com aparências de unção e devotamento! Vamos ensinar como devem ser usados os respectivos cérebros, através de singelos comportamentos, e nunca segundo os caprichos exigidos pelos conceitos cegos daqueles que se acreditam senhores da alma, do bolso e da consciência de seus semelhantes menos cautos!

Na alameda, cheia de sol e de vida, embora de todo com aparências da crosta, deixei de pensar tão gravemente em meus problemas íntimos; havia gente andando, falando, rindo, discutindo, etc.

— Estás vendo, Gregório?— perguntou-me o servidor, com inteligência.

Depois de meditar, respondi:

— Tal e qual na crosta, com a diferença deste sentido de paz que lá não se percebe...

— Quero dizer-lhe, — observou ele, — que esta gente toda é culpada de muitos delitos; no entanto, como vê, parece despreocupada. É que aprenderam a lição mais encantadora, aquela que manda confiar em Deus e na vida eterna, no Amor e no Trabalho, nas vidas sucessivas e nas divinas oportunidades redentoras e evolutivas que a vida em si contém.

— Gente de todos os credos? — perguntei.

— Gente que não teve credo algum, gente que teve os mais bizarros modos em face da Verdade. Todavia, Gregório, se os homens são diferentes em face da Verdade, a Verdade é sempre igual em face dos homens. Estando eternamente no seu Posto de Honra, e não tendo pressa, aguarda que se modifiquem os conceitos, as obras, as condições e situações... Mais depressa uns, menos ligeiro outros, todos os filhos do Pai a ela chegarão. Alguns aprendem a lição do bom senso, usando bem o Amor e a Ciência; outros portam-se como alunos malcriados, só produzindo alguma coisa à custa de sofrimento disciplinares. E o pior de tudo, lembre-se, é que aqueles que só andam sobre o guante do aguilhão, comumente vivem cantando a importância do sofrimento; tecem odes, cantam hinos de louvor à tortura, como se o prêmio das nobres conquistas fosse prolongado estágio nos abismos da subcrosta!

— É assim mesmo... A Verdade é, para cada um, assim como ele a possa conceber.

— E cada um fica, para a Verdade, no exato lugar em que se colocou. Por isso mesmo, Gregório, muito erram aqueles que ficam nas portas e não entram no Templo da Verdade; porém, muito mais erram aqueles que, ficando nas portas do Templo da Verdade, não entram e não permitem a entrada aos que poderiam fazê-lo. E quanto a isto, tenha em mente, os donos de religiões são os maiores criminosos. Armam-se de autoridade aparente, inventam posições supostamente aceitáveis, fabricam as suas pílulas e teorias engarrafadas e vendem-nas aos simplórios...

Aguardei que completasse a frase; como ficasse a meditar, tendo oculto sorriso nos lábios, perguntei-lhe:

— E daí, bondoso servidor?

Desabriu em formidável gargalhada, coisa que mais tarde soube que lhe era do comum, para terminar o assunto de modo radical:

— Depois, Gregório, a estupidez humana, pela boca dos que se julgam prudentes, mas que na realidade são os pusilânimes, os fracos de moral, proclama que as religiões são caminhos que conduzem a Deus!... E dizer que essa gente vive a pronunciar o nome de Jesus, Aquele que, para deixar a Excelsa Doutrina da Verdade, que se fundamenta na Lei, no Amor e na Revelação, que não dependem dos conchavos e dos engodos dos homens, teve que banhar a cruz com Seu sangue inocente! Não sei, vivendo por aqui, como lá é possível a tanta gente andar servindo a dois senhores, ou conseguindo, ao mesmo tempo, colher com o Cristo e contra o Cristo. Em matéria de escamoteações, creio que os terrícolas levantariam todos os campeonatos, se houvesse uma disputa entre os mundos!

— Sem dúvida, bondoso servidor. Os que na Terra ouvem a Lei de Deus e põem-na por obra, devem ser bem poucos!

— Por isso mesmo, Gregório, quem habita as altas esferas são aqueles que seguem retos como o fio de uma espada, sem atender aos reclamos dos comodismos sociais, das injunções interesseiras. Pelo menos, já que Jesus viveu a função de Modelo a ser imitado, e não a de redentor de culpas alheias, não é difícil verificar que Ele não andou festejando as hipocrisias do mundo em detrimento da Verdade. E que isso lhe custou a cruz, não temos dúvida. Portanto, a questão toda reside é na linha de conduta.

— Entre Deus e Mamom, segundo a palavra de Jesus, os homens falam em Deus e praticam como Mamom. Poucos se lembram de que é preciso dar dignos frutos pelo exemplo, e muitos acreditam na lavagem dos pecados pelo sangue derramado por Jesus, como se Ele fosse um derrogador da Lei. Aquela palavra que diz — “Apartai-vos de mim, vós, que obrais a iniquidade” — não

faz eco na inteligência do maior número. E para falar com sinceridade, começo a ter medo da vida carnal!... Começo a temer o mundo!

— Quanto ao teu pavor pelo mundo, isso de nada adianta; o que adianta é dizer aos nossos irmãos, que leiam com atenção o último capítulo do Apocalipse. É o fecho de ouro de toda uma avalanche de advertências irrefutáveis e impassáveis. Não foi por acaso que ali foi colocado, como último lembrete aos que se dizem e se presumem cristãos.

Entretidos pela conversa, mal percebemos quando chegamos ao nosso destino, à residência do chefe de ser-viços socorristas daquela região. Como será fácil entender, pelo quanto já vos foi ensinado a este respeito, as esferas se subdividem em zonas, regiões e cidades, estando estas equipadas de todos os departamentos necessários, quer com referência aos serviços locais, quer a respeito das relações com as outras esferas e com a crosta.

Outra realidade que convém não esquecer é esta — quanto mais se afastam as esferas ou Céus, tanto mais diminuem as organizações de trabalhos inferiores, assim aumentam outros setores, aqueles que dizem respeito aos trabalhos direcionais administrativos. Por exemplo, para que hospitais e casas de tratamento nas altas esferas? E para que aquelas organizações administrativas que abrangem esferas, zonas, regiões e cidades abaixo situadas, nas esferas inferiores? Assim sendo, vamos resumir, cada Céu e suas subdivisões contêm aquilo, em organização, que lhe é necessário, de acordo com sua graduação e função.

Naqueles dias iniciais, quando eu estava bem pior do que agora, porque ainda sou humilde servidor, cheio de graves faltas a resgatar, estive subordinado à região que mantinha e ainda mantém muitos departamentos de socorro imediato, verdadeiros nosocômios iguais aos da crosta. Além disso, para aqueles que pouco ou nada quiseram com as coisas da fé, existem escolas religiosas apropriadas.

Na residência do chefe de serviços socorristas, chefe que obedecia a outros e de maior categoria em poderes individuais e funcionais, que estavam situados nas esferas, zonas e regiões acima, entramos em conversação animada. Os gráficos que nas paredes estavam alinhados, em sua sala de trabalhos, mostravam as dimensões que o seu departamento abrangia, o raio de ação, quer em relação à crosta, quer com referência às regiões astrais inferiores e, também, com respeito às articulações que mantinha com as organizações administrativas superiores.

Bem, como a crosta se sucede em desdobramentos, em crostas etéricas que aos poucos se vão tornando sublimadas e divinizadas, eis aí que os

institutos de toda ordem vão se desdobrando também, numa perfeição formidável. E assim, como a cada um será dado segundo seus desenvolvimentos íntimos, eis aí que a demografia terrícola tem de tudo e conforme os mérito de cada um. E se parecer difícil a alguém compreender estas perfeitas distribuições de locais, condições, situações, funções e estados de estar, que se lembrem de meditar nas criaturas ditas vivas da crosta e de suas diferentes condições e situações em face da gama social, que de alto a baixo apresenta formidável matizado hierárquico.

Estas realidades vão-se tornando necessárias, para o vosso conhecimento, porque a Terra marcha para a integração do conhecimento; isto é, a sua Humanidade, por desenvolvimento, de acordo com a evolução em geral do Planeta, terá que ir-se integrando na Terra-Cósmica, terá que ir deixando o tacanhismo da Terra-Crosta, que é o muito que até hoje tem admitido. Por isso mesmo, por que terá que se ir tornando homogênea com os planos ou Céus que a circundam, é de todo favorável que se vão habituando a tomar conhecimento destas realidades. E tereis, então, sem fazer muito caso da encarnação, que é transitória, a consciência plena de que tudo é parte integrante do vosso Planeta, a Casa Cósmica que vos pertence de direito e de deveres.

Naquele gráfico geral, o chefe de serviços socorristas designou o local onde estávamos; era um diagrama planetário-geral, com o Planeta exposto em escala mínima. Dali fomos ver os demais gráficos, onde estavam expostos os locais, observando que a região ficava bem perto da crosta e que era das bem atrasadas.

— Aqui estamos Gregório, — disse o chefe — porque não temos merecido mais do que isto. E como as leis vibratórias aproximam as criaturas do mesmo nível, é indispensável dizer que formamos uma cidadela de grandes devedores do passado. Temos precisão disto que fazemos, porque uns vivem fazendo pelos outros, já que uns têm feito com que outros errassem. Sendo assim, lembre-se, esta é a nossa fortaleza e posto de trabalho redentor e evolutivo. Evolutivo em geral e redentor em particular. Para evoluir, desde de que se não cometam erros mais graves, cumpre que se realizem os devidos resgates.

— Compreendo — comentei — que está escrito assim: — “Até o último ceitel”.

— Sim, — prosseguiu ele, — é muito fácil falar em Deus, no Cristo, na Verdade e no Bem; muito mais fácil ainda é viver criando formas de lambetismo, de bajulação, de engodos, de ladainhas piegas e simulacros

mistificadores. Entretanto, Gregório, nem Cristo é redentor de canalhismos que tais, e nem Deus aceita atos desse jaez a título de respeito à Lei! É bom avisar aos que se acham no mundo, e aqui nas esferas inferiores, sobre a necessidade de cumprir a Lei, o documento integralmente sério, tanto que Jesus a ele se cingiu, a fim de triunfar. Porque, digam lá o que bem entenderem, quantos tenham suas feições sectárias, mas a Verdade é que a Lei de Deus não é sectária. Ela é simples e vigente ao infinito; ela ordena a não cometer idolatrias, ela proclama a decência na conduta entre irmãos e ela concita à Revelação, à eterna fonte instrutiva e consoladora, que se chamava de Palavra de Deus, pois a Palavra de Deus nunca foi as letras adúlteras pelo homem. Quem, portanto, trair-se para com a Lei, pouco importa que viva praticando atos que tenham aparência de religiosos; porque os fingimentos humanos, bem ou mal intencionados, não convencem a Lei e nem a Justiça. Nós, Gregório, jamais estaríamos aqui, se as falácias e os engodos, as malícias e os rituais fizessem a vez do cumprimento dos deveres.

O servidor com gravidade comentou:

— Depois de centenas de anos, gastos em malabarismos clericais e outras artimanhas, aqui estamos, aguardando dias de trabalho, expiações e provas; enquanto isso, aqueles que foram nossas vítimas, e os que pareciam nada perante Deus, pairam nas esferas superiores, são os nossos chefes e instrutores!...

— Por que — perguntei — depois da Graça trazida por Cristo, que foi a Revelação tornada pública, como tendes me ensinado, vieram aqueles corruptores, que fomos nós mesmos, como também dizeis? Por que, afinal o Bom Deus não nos tolheu a criminosa conduta?

O chefe de serviços murmurou:

— O atraso adveio do Carma criado com a morte dos missionários... O batismo de Espírito ficaria, tal qual como está exposto no Livro dos Atos, e tal qual como Paulo ensinava a todos os cristãos, se não tivessem derramado o sangue de tanta gente, inclusive o de Jesus. A treva que veio do quarto século em diante, com o fim do batismo de Espírito, foi em consequência dos crimes cometidos. Convém lembrar, para todos os efeitos, que todos os crimes custam pagas e na razão direta. O crime que a Humanidade praticou, de ordem gravíssima, porque as vítimas foram os missionários portadores da Graça e da Verdade para a carne, devia custar as trevas e as dores que de fato custou. Ninguém se levantaria no mundo, para espezinhar o lugar santo por quarenta e dois meses, como diz o simbolismo do Apocalipse, em seu capítulo treze, se tal crime não fosse praticado. O lugar santo é a Excelsa Doutrina da Verdade,

de quem o Cristo foi o Celeste Transmissor. Ela se resume na Lei, no Amor e na Revelação; e fora disso não há Cristianismo, por mais que haja religiões, formalismos, clerezias e paganismos em nome de Deus e do Cristo.

O servidor anuiu:

— Lavrada a liquidação da Excelsa Doutrina, o campo ficou franqueado para os desmandos em geral. Vazios de Revelação, encheram-se de idolatrias e de toda sorte de malabarismos pagãos. Embora perpetrados em nome de Deus, do Cristo e dos maiores vultos do Cristianismo, tudo foram crimes e trevas. Eis porque estamos a mourejar por estas esferas de pouca luz, eis porque estamos servindo, com o pouco que temos ao alcance, nos trabalhos de restauração e de extensão, no mundo, das Verdades Revelacionistas. Estamos procurando desmanchar o mal feito, estamos em busca de reequilíbrio íntimo.

Estava pesaroso e a exclamação saiu-me da boca sem querer:

— Jesus que se compadeça de nossa miséria!

O chefe de serviços observou:

— Não pensemos, porém, em lavagem de pecados pelo sangue do Cristo e nem na salvação pela graça; tudo quanto nos será dado, estamos avisados, é em base de oportunidades de trabalho ressarcitivo. Já fomos convidados a dizer, a todos quantos aqui de novo aportam, para que se integrem nas palavras do capítulo final do Apocalipse, porque ele contém a síntese das Verdades fundamentais. E que ao Consolador cumprirá, no curso dos milênios, apresentar as minúcias da Verdade Integral, o Conhecimento por partes da Realidade Total, que se constitui do Criador e da Criação — do Imanifesto e do Manifesto. Porque o Espírito de profecia, sendo a Graça de Deus derramada sobre toda a carne, é o testemunho de Jesus e é o instrutor da Humanidade.

Vários elementos ali estavam, aguardando a palavra do chefe, para alguns casos de imediata solução; ele pediu licença e foi atendê-los, ouvindo a exposição e fazendo questão de que fossem imediatamente atendidos, todos aqueles casos que encerravam sofrimentos de irmãos. E por aqueles sete ou oito casos, condizentes com a situação de irmãos que se achavam em trânsito pelos caminhos trevosos, percebi o quanto a Lei e a Justiça estão ligados aos mínimos feitos dos filhos de Deus.

Terminadas aquelas providências, volveu o chefe, tendo-lhe eu perguntado:

— Tudo, pelo que se vê, está subordinado à Lei. Como fez ela para acionar as suas agências de execução?

Olhou-me bem e respondeu::

— A Lei escrita ou intelectual, Gregório, diz respeito à Lei de Equilíbrio, que é íntima e vigente de maneira total. Quem transgredir a Lei de Deus, por certo registra em si a marca transgressiva, a lesão, carregando consigo o seu fardo cármico, embora conheça ou deixe de conhecer, goste ou deixe de gostar. Diremos como de fato o é, que a criatura registra em si, pelas obras, manchas negras, opacas, róseas ou alvinitentes, etc. Ora, quem poderá desmanchar as negras e opacas, sem ser o seu próprio autor? E se ele assim se manchou, tornando-se afim com as trevas e as dores, como fará para resgatar e se elevar? Não está dito que pagará até o último ceitel? Não ficou avisado que a ferida de ferro também com ferro será resgatada? E se houvesse algum redentor, ou algum sangue a lavar crimes e pecados, como seria a Lei igual para todos:

Aproveitei o ensejo e perguntei-lhe:

— Por que o senhor mandou atender com presteza a esses casos?

Sorriu e com bondade informou-me:

— São casos de que tenho conhecimento, porque recebi há tempo ofício de esfera superior, do seu departamento que nos administra. Um caso como o seu, por exemplo, tivemos dele conhecimento muito anterior, estando na espreita desde muitos dias, para atendê-lo na hora justa em que o grau de equilíbrio determinasse. É o que ocorre sempre, pois as agências de socorro operam consoante a Lei de Equilíbrio, da qual a Lei de Deus, os Dez Mandamentos, são apenas o reflexo intelectual. Observe bem, Gregório, que a Lei escrita manda não errar, enquanto que a Lei de Equilíbrio, que é íntima, registra as ações no próprio indivíduo. A Lei escrita poderá ser negada, cuspidada, insultada, etc. Mas, diga-me, quem fará isso com a Lei de Equilíbrio, que é íntima e acima de cogitações humanas? Você conseguiu, durante os dias de treva e de dor, discutir com a Lei e a Justiça?

— Sendo assim,— comentei, — as religiões terão que se emendar de tremendas lesões doutrinárias... Confiam nas convenções humanas e desrespeitam as leis fundamentais.

O chefe observou:

— Jesus não desceu de Sua Esfera Divina, para recomendar religiões, e sim para falar a linguagem da Verdade ao mesmo tempo que entregar a Graça da Revelação para toda a carne, como estava prometido através dos Profetas.

Quem faz o espírito livre, é conhecer e viver a Verdade. As religiões, Gregório, foram inventadas por nós mesmos, os homens, com o fito de fazer

política e mercâncias repugnantes. Temos que dizer isso aos nossos irmãos da crosta, pela canaleta que é o Consolador repostos no lugar — o Espiritismo.

— Realmente, — pontilhou o servidor, — depois dos Grandes Reveladores da Verdade, apareceram os fazedores de engodos, os criadores de clerezias, aqueles que não viram na fé senão um bom meio de vida e outras explorações. Como tal, jamais foram amigos da Revelação, sempre perseguiram os cultivadores da mediunidade. É que no fundo, sempre souberam ser a Revelação a Palavra de Deus, o instrumento de advertência, ilustração e consolo. Assim é que apareceram as religiões, esses amontoados de asneiras que em nome de Deus, do Cristo, da Verdade e do Bem, fazem tudo quanto é sórdido, pois desviam as criaturas do Caminho da Libertação. Tudo isso sempre aconteceu, antes e depois do Cristo; isto é, em todos os tempos a Humanidade encontrou nos pretensos ministros de Deus, ou coisa que o valha, aqueles que, ficando nas portas, como disse Jesus, nem entram e nem deixam entrar aqueles que poderiam fazê-lo. Ou, então, segundo as palavras do mesmo Jesus, fazem questão de fazer um prosélito, para o lançarem na vida da perdição, pelos tremendos erros que o induziram praticar. Pelo menos repelindo a Revelação, entregam as criaturas aos cultos idólatras e supersticiosos, de onde logo mais surtem as negações, o materialismo e as brutalidades. O que devia ser caminho de espiritualidade, pelo conhecimento das leis e sua vivência, torna-se fábrica de animalismos brutais.

Mais um mensageiro chegou, querendo falar com o chefe.

— Fala, meu rapaz, ordenou-lhe o chefe, acolhedor.

— Trouxe o homem indicado; está muito mal, está alucinado...

— Xisto?

— Sim, chefe, ele está no posto de socorro número três.

O chefe convidou para o acompanharmos e, depois de dizer aos seus que iria e pouco se demoraria, fez-nos voitar até onde se achava o infeliz irmão. E este era um homem jovem, vestido de trapos e todo sujo, revelando no semblante as marcas de demência. Falava sem cessar, não conseguia estar parado e cuspiam para todos os lados. Seus olhos, fora das órbitas, vermelhos e lacrimejantes, causavam terror e pena.

— Precisamos!... Precisamos!... O Cristo virá!... Todos devem olhar!... Ele virá nas nuvens!... Olhem para as nuvens... Para cima!...

E disso não saía o pobre, torcendo-se para todos os lados, cuspidos a mais não ser possível.

— Vítima de fanatismo religiosos? — perguntei.

O chefe respondeu-me:

— Primeiro foi um dos verdugos de João Huss, um príncipe covarde e sem palavra, por cujas mãos o missionário da Verdade foi entregue à Inquisição; e depois veio a ser um adepto protestante, ficando assim fanático durante o noviciado. Ao desencarnar, como fosse de todo gravoso perante a Lei de Equilíbrio, por peso específico atirou-se nos abismos da subcrosta... Seus documentos vieram, faz algum tempo, ter a este departamento, razão por que o temos mantido sob vigilância, a fim de trazê-lo no tempo certo. Ele tem lá seus muitos erros, nós temos os nossos, mas aqui estamos a serviço da Lei e da Justiça; e, por isso queremos evitar qualquer injunção de caráter pessoal, qualquer ação que refletisse melhores ou piores sentimentos para com os nossos irmãos a socorrer.

— Que irá acontecer com ele? — perguntei.

O chefe sorriu, fez um gesto afirmativo de cabeça e explicou:

— Um caso de todo igual a centenas de milhares de outros... Por isso, Gregório, nós iremos fazer por ele a cura possível, de fora para dentro, para que ele, dentro de algum tempo, conheça o seu histórico e procure curar-se de dentro para fora. Ele como nós, e nós como ele, em face das Leis de Causa e Efeito. E Jesus, que é o Despenseiro Fiel e Prudente, o Divino Distribuidor de Graças e de Justiças, dar-lhe-á oportunidades de ressarcimento e de vitória. Porque os Cristos nada mais são do que filtros da Soberana Vontade, jamais pretendendo ser derogadores de leis fundamentais. Fica bem entendido, os Cristos Planetários não são, de modo algum, responsáveis pelas liberdades individuais de Seus tutelados. Por isso é que convidam a dar dignos frutos pelo exemplo, isto é, pelas obras. Creio, irmão Gregório, que já ouviu falar muito do último capítulo do Apocalipse.

— Sim, muito, bondoso chefe.

— Pois não é por acaso, Gregório, que temos feito assim. A Terra toda marcha por uma nova era, e as leis de Causa e Efeito irão pesar um pouco mais na balança dos orçamentos individuais. Cumpre que ninguém se esqueça de que chegou a hora de grandes movimentos renovadores, movimentos que não irão perguntar pelos credos sectários dos indivíduos, pelas suas religiões, mas sim irão aquilatar as pessoas, pelo seu comportamento em face da Lei, do Amor e da Revelação. Lembre-se que Jesus foi o Celeste Transmissor da Doutrina e que, nesta fase histórica, serão prestadas as contas por parte de legiões de criaturas!

Vieram os serventes convocados e o chefe de ordens sobre o que fazerem com o irmão alucinado. Todo o seu tratamento seria feito à base de magnetismo, isso eu compreendi muito bem na ocasião. Eu então não sabia,

mas depois vim a saber, que o emprego de fluidos eletromagnetizados virá a ser, um dia, a terapêutica geral, o remédio que começa do começo e vai aos confins da cura, principalmente para aqueles que intimamente fizeram sintonia com a Luz Divina, com Deus, o Pai, onde tudo tem partida, onde tudo é, onde tudo atinge a Sagrada Finalidade! E nem poderia ser de menos, pois sendo a Unidade Divina a Perfeição e a Origem, todos os filhos n'ela encontrarão, mais tarde ou mais cedo, o equilíbrio total, a perfeição em saúde, paz e movimentos, na carne ou fora dela.

Dias depois, fomos encontrar o jovem sentado e pacificado, nem parecendo aquele infeliz de dias antes. Estava a ler um livro, quando lhe perguntamos:

— Então, irmão Xisto? Está gostando destas esferas da vida?

Levantando-se, cumprimentou-nos, para depois dizer:

— Ainda bem que em Deus tudo está pesado e disposto!... Parece que comecei a ser alguém um dia destes, pois não tinha noção alguma de mim mesmo.

— Como encara o seu caso, do ponto de vista histórico, no quadro das leis de Causa e Efeito?

— As leis básicas, segundo estou lendo aqui, são a imortalidade, a evolução, a responsabilidade, a reencarnação, a comunicabilidade, a pluralidade dos mundos. As leis de Causa e Efeito são aquelas que nos fazem registrar os feitos individuais, para efeito de merecimentos ou agravos, em face da Lei Geral de Equilíbrio. A Lei de Deus, segundo leio aqui, é a advertência intelectual, em forma de mensagem espiritual. Quem reconhece que está traindo a Lei de Deus, os Dez Mandamentos, reconhece que está registrando em si faltas e agravos, aquilo que no Espaço e no Tempo terá que reparar, através das vidas sucessivas. As leis de Causa e Efeito, portanto, abrangem a evolução normal do espírito e os reajustamentos que devam ser feitos, em todo curso histórico, depois de ingressar na espécie hominal e ir tendo noção do que seja Bem e Mal, de modo espontâneo. E quando vier a ter consciência da Lei de Deus, terá aumentado a sua dose de responsabilidades.

— Justamente — concordei.

Ele prosseguiu:

— Dizem que dentro de alguns dias terei de ler o meu relatório dos últimos dois mil e poucos anos... Todavia, como estou chocado com estes ensinamentos, ou com as leis que este livro ensina, creio que devo pensar muito antes de responder a uma pergunta de tamanha monta e responsabilidade. Como vê, nem sei de meus dias anteriores, das vidas

passadas, isso que eu jamais na vida carnal seria capaz de admitir... Isso e outras mais... Estava me preparando para ser pastor...

— Qual o seu modo de pensar sobre religião, assim como no mundo carnal é ela organizada e se propõe a ensinar as criaturas?

O rapaz olhou-nos, a mim e ao servidor, com grande espanto no semblante; e, ao falar, com receio expressou-me:

— Não sei se os desagradou, mas creio que seria bom irmos aos nossos irmãos encarnados, e dizer-lhes a realidade; informá-los de que têm sido ludibriados, mistificados, transformados em objeto de nefando comércio! Pode ser que a vossa opinião seja outra, mas eu penso assim, depois do que comigo aconteceu. Fui enganado, fui traído!... Em nome de Deus e do Cristo, fizeram-me negar as Verdades para me fazerem afirmar as mentiras convenientes aos sectarismos humanos. Se me tivessem ensinado a Verdade, creio que teria admitido...

— Quando começou a se interessar pela religião? —perguntei-lhe.

— Aos oito anos e meio, na escola dominical para crianças, que alguns profitentes acharam por bem organizar, sob o controle do bispo e dos pastores. Ali comecei a ler de um modo e a ser convidado a entender de outro... Ao ser enviado ao seminário, mais tarde, estava fanatizado pelos conceitos que por tantos anos me fizeram repetir e aceitar. Creio que foi melhor ter enlouquecido, pois não ensinei falsas doutrinas a ninguém!... Sofri eu mesmo!...

— Tenha paciência... Não se exaspere... — falou-lhe o servidor, afagando-o.

— A mentira, — replicou ele, — não se justifica pelo fato de ser imposta em nome da Verdade!... Os senhores podem pensar como quiserem, mas eu fui enganado, fui traído de maneira cruel!...

— Apesar de tudo, Xisto, a sua loucura, como diz, não foi imposta pela religião. Outros se fazem bispos até, sem se tornarem mentecaptos. Quem sabe se em seu passado há algum outro agravo? Quem sabe?

Xisto encarou o servidor com ar interrogativo, inquirindo-o:

— O senhor sabe?... Por que não me conta tudo?...

O servidor respondeu-lhe:

— Eu sei um pouco... Ao chegar a hora, saiba, tudo ficará esclarecido. Tenha paciência e espere, ouviu? Não se altere, que nada adianta e muito prejudica.

Impaciente, o rapaz revidou:

— Neste livro está escrito, que os filhos de Deus possuem a Verdade em si mesmos, sendo a função da Revelação ensiná-los em tudo, no curso das vidas. E que a Doutrina da Verdade, transmitida pelo Cristo, teve por fundamento o batismo de Espírito, a Revelação tornada de conhecimento geral. Quem tinha direito de corromper a Doutrina deixada pelo Cristo? Se tiraram a Verdade do seu lugar, para que foi, senão para colocar no seu lugar a mentira? E se todos os homens têm o direito de ganhar a vida, por que alguns querem ganhar a vida ensinando a corrupção e o erro?!...

Em vista do seu estado, o servidor recomendou-lhe paciência e retiramo-nos. O rapaz tinha tendência à idéia fixa, e, por certo, tendo que falar, nada o faria mudar de tema e rumo.

Estando distante, disse-me o servidor:

— Poucos concordam em que cometem faltas, mas todos acham que podem acusar ao infinito.

— O egoísmo sempre se revela insaciável e o orgulho não quer perder vaza; o rapaz está muito cheio de si, porque desconhece seus erros anteriores, porque é incapaz, em tal estado, de se considerar grande culpado. Ninguém, em tais condições, deixa de acusar a tudo e a todos, por suas dores e sujeições.

— De qualquer modo, é uma vítima dos erros religiosos cometidos por muitos homens, inclusive nós mesmos... Todavia, não gosto de ser acusado assim violentamente, mormente por quem tantos crimes ainda arrasta na alma. Afinal de contas, cada qual prova o que é naquilo que tem, nestas plagas da vida. Aqui não se passam os enganos, erros e esbulhos da crosta, onde o mais justo pode ser crucificado pelo mais canalha; como pode observar, embora as verdadeiras provas estejam ocultas aos próprios culpados, jamais deixam de ser os motivos determinantes do estado de inferioridade e de sofrimento. Resta, apenas, que cada um se compenetre disso, para se acautelar contra certas precipitações, mormente aquelas que encerram acusações contra o próximo, contra os indivíduos.

— Acusando as instituições? E não dá tudo na mesma? Por acaso, bondoso servidor, atrás das religiões que primam pelo formalismo e agravam as Verdades, não estão aqueles irmãos que se locupletam com isso?

— Gregório, os irmãos culposos mudam de posição e de situação, enquanto que as instituições ficam produzindo errados... Nós, que fabricamos a igreja romana, para lhe garantir obediência e dinheiro, temos compreendido nossos erros e temos pago nossas dívidas. E a instituição, não fica sempre na mesma, fabricando erros, produzindo trevas, atirando as criaturas no regaço

da negação, do materialismo e da animalidade? Depois de fazerem o pior, que é criar a fonte de erro, que é a instituição errada, o restante dos males caminha por si mesmo. Agora a coisa não é com os homens, é com as instituições erradas, as fábricas de erros e de sofrimento. Ele, o Xisto, que se compenetre de suas culpas e que engrosse as fileiras do Consolador reposto no lugar. Gente muitas vezes melhor do que ele, não está fazendo apenas isso? E para tirar a mentira do lugar da Verdade, que é preciso fazer, senão alijar a mentira e implantar a Verdade?

— No curso dos muitos séculos, não é isso?

— Exatamente, Gregório; cada um em si mesmo terá o gozo de tê-lo feito, já que as realizações, todas elas, refletem-se no íntimo das criaturas. Antes de vencer fora, cumpre saber que é preciso vencer dentro. Jesus, parecendo perder, foi quem de fato ganhou. Aqueles que pensaram ganhar a partida, crucificando-O, nada mais fizeram do que descerem às vielas das trevas e das vidas expiatórias. E assim o será, saiba, em todos os tempos, na Terra ou onde haja quem ainda necessite evoluir. Querer consertar os outros é muito comum, Gregório; mas a vantagem é fazer o possível pela melhora íntima.

— Xisto, em breve, estará falando como nós; estará sabendo que as dores de fora são o produto das falhas de dentro.

— Esse é o retrato desta região... Aqui se agrupam elementos, que trazem nas entranhas históricas tremendos erros de caráter religioso, tristes lastros a serem desfeitos. E sem contar com redentores e nem lavagem pelo sangue inocente de suas próprias vítimas. A questão é cada qual se capacitar de que o reequilíbrio cumpre a quem se desequilibrou. Como tudo é registrado no imo, pelo próprio autor das obras, cumpre que o seu desfazer também seja no imo, pelo mesmo autor das obras criminosas. Deus tudo oferece em potencial; os Cristos Planetários administram imparcialmente, nada tendo com as liberdades de Seus tutelados; e os indivíduos devem aprender com as lições provindas da Revelação, a fim de se compenetrarem de suas responsabilidades e direitos em face das leis regentes do Universo.

— Muito bem, tenho aprendido perfeitamente. Aqui sempre se pode aprender bem e com presteza.

— Assim é, irmão Gregório. Mas lá na crosta a Humanidade se faz arredia aos nossos ensinamentos... A idolatria é um vício, apenas um vício pior do que os outros tantos vícios, como o fumo, o álcool, os entorpecentes, etc., etc. Por vício, saibamos, as práticas erradas e repugnantes parecem virtudes! É assim que os encarnados vão sabendo de certas verdades, sem se

poderem livrar das mentiras e dos erros de quem se fizeram escravos. Poucos acreditam na luz interior, nos valores do coração sublimado e da lucidez mental, de onde surtem as obras dignas entre irmãos, em virtude das observâncias da Lei de Deus; no entanto, quase todos confiam nas idolatrias, nas oferendas pagãs, nos rituais supersticiosos e no comercialismo dos cleros, que são coisas altamente comprometedoras.

Boa estava a prosa, mas ao chegarmos ao posto de serviço, lá estavam indicados dois serviços para nós. Um era retirar alguém de lugar trevoso, outro era entregar mensagens na crosta.

Meus primeiros trabalhos, em companhia do servidor, trabalhos que eu executava com devoção e anseios de aprendizados, foram cedendo ao crivo de uma análise ponderada, foram se enquadrando no plano das realidades simples, realidades que nunca deixaram de ser. Sendo a evolução apenas um processo, as condições e situações em que se enfonham os indivíduos, nada mais são do que normais, do que decorrentes da movimentação evolutiva.

Se a doença exterior aparece, isso é porque a doença interior a determina.

Os fenômenos teratológicos começam no âmago espiritual, refletem os desvios de ordem moral.

A falta de luz interna é quem provoca e autoriza a treva exterior.

Por mais que sejam postas em dúvida as decisões da Lei e da Justiça, o fato é que, vasculhando, e muitas vezes não é necessário vasculhar muito, no histórico individual vão aflorando as causas motivadoras, a vertente de trevas a fonte de variantes sofrimentos.

O grau de treva ou de dor pode variar ao infinito, pode atender a matizes extraordinários em matéria expositiva; porém, tudo está subordinado ao crivo da Lei de Equilíbrio, tudo são de evidências de lesões lavradas no imo através de obras alguma vez executadas, no curso das vidas. Podem, no exterior, comparecer as análises, as sondagens minuciosas, os diagnósticos profundos; mas, no princípio, as lesões serão sempre de caráter íntimo, infinitamente psíquicas.

Quem descarta o essencial, há de ter alterações no formal. A treva de dentro é a senhora da escuridão de fora. A mancha íntima ordena que haja a chaga exterior. E, na crosta ou nesta plagas da vida, embora sejam muitos os institutos de cura e de reparações, tudo isso é exterior, tudo isso é terapêutica de panos quentes, nada disso faz a verdadeira cura. Porque a verdadeira cura está na iluminação interna, é o produto da higienização essencial, é a que decorre da purificação espiritual.

O homem que fomos buscar no lugar trevoso era um doente de todos os males, era alguém que sofria de muitas lesões íntimas, estando no exterior de todo marcado pelas chagas e pelos indícios de alterações. A medicina, vossa ou nossa, diria palavras e citaria órgãos a mais não poder. Entretanto, colocado o homem na presença de cinco servidores do departamento de análise psíquica, pudemos ver que tudo eram males que brotavam das datas históricas e das ações criminosas por ele, o espírito, perpetradas com frieza cruelíssima.

Colocaram-no contra uma parede negra e reluzente, deitado em maca também negra e reluzente. Apenas os lençóis, untados com material químico-medicinal, com os quais o envolveram, eram brancos. E o pobre, todo chagas e dores, gemia angustiosamente. Quando os cinco servidores do departamento de análise psíquica, ficaram dele a uns quatro metros, de pé e com os braços a ele estirados. Parecia estar diante de cerimônia religiosa, pois a seriedade envolvia o processo todo, através do qual iríamos ver a história do irmão, a origem de suas trevas, chagas e gemidos.

Depois de alguns segundos o homem deixou de gemer; e mais alguns segundos se passaram, para que fôssem aparecendo, contra a parede negra luzidia, umas fumacinhas tênues. Estas tomaram corpo e, dentro em pouco, da densa fumaça foram se expondo formas, paisagens, vistas, etc. Ali vimos o homem a se movimentar, traficando com escravos, comprando e vendendo, fazendo longas viagens, cometendo tétricas ações.

Aquela época passou, aparecendo outra vida, em que o homem estava vestido de clérigo, movimentando-se entre templos e rituais religiosos, de permeio com algumas reuniões secretas, onde combinavam liquidar pessoas de prol social, como se fossem heréticas, afim de tomar conta de suas respectivas posses. E morreu apunhalado, por um outro clérigo, num porão escuro, para onde fora atraído, sob alegação de ali ter encontro com determinada senhora.

Depois dessa época, vimo-lo numa terra cheia de neve, frígida, a se movimentar por entre nobres e clérigos, tramando contra certo movimento, que bem se viu ser o movimento hussista; como homem autorizado pelo Vaticano, trabalhou diplomaticamente, fazendo mudar a feição dos acontecimentos. O seu trabalho custou muito sangue, muitas mortes entre os primeiros trabalhadores da restauração do Cristianismo.

A seguir, fomos vê-lo entre os espanhóis, toureando com maestria, sendo aplaudido por multidões frenéticas. Nada mais fez, do que matar

animais e regalar outros tantos seres humanos menos felizes, amigos de terríveis práticas.

E na vida anterior, que após foi vista, era um salteador de estradas, vivendo nas grutas libanesas; como chefe de bando, pilhava e matava sem a menor sombra de remorso.

Quando cessou a prova, a parede voltou a ser negra e lúzida e o homem estava calmo, não mais gemia. Seus olhos continuavam esbugalhados, congestionados, com manifestas evidências de terror.

— Conheceu-se? — perguntou-lhe o chefe da casa de provas psíquicas.

Ele fez um sim, com a cabeça, sem pronunciar palavras.

E o servidor, com quem eu andava, que recebera ordem de fazê-lo ver tudo quanto fosse necessário, falou-lhe:

— Agora você ficará curado por fora... Dentro em breve estará com as feridas cicatrizadas e a mente livre... No curso das vidas, porém, terá que se defrontar com as obras do passado. Eu não sei que coisas serão programadas, quando tiver que voltar à encarnação, mas sei que terá de se entender com as suas obras, vindo a sofrer de males correspondentes aos feitos criminosos. Os médicos dirão o que souberem e puderem, alegarão estas e aquelas causas, acentuarão estes e aqueles reflexos; nas bases, no entanto, estarão as chagas da alma, os erros cometidos nas vidas pretéritas. Nesta região, lembre-se, estamos em família... Todos, aqui, vibramos em um mesmo grau, embora possam variar de pouco os acordes pessoais. Temos muito sangue a resgatar, muitas mortes a penar, grandes e dolorosos feitos a ressarcir.

O chefe da casa introduziu:

— Não espere pelas graças miraculosas, nem lavagem de pecados por sangue nenhum, e tão pouco pretenda que formalismos religiosos façam alguma coisa pelo Reino do Céu que lhe cumpre desabrochar no íntimo. Trate de se preparar para as nobres ações, para os bons tratos sociais. Os esforços fraternos é que iluminam as almas, é que as fazem brilhar. Lembre-se de que dos templos religiosos saíram os assassinos dos Profetas e de Jesus Cristo, enquanto que das ações piedosas saíram as glórias reais. Procure meditar sobre a Lei de Deus, comece pelo começo... E se quiser o Modelo, medite nas obras de Jesus Cristo, porque Modelo é, e quem não procurar imitá-LO, por certo não alcançará a libertação gradativa. Em resumo, irmão, tire com trabalhos bons, de si mesmo, as marcas negras que em si mesmo registrou, com os trabalhos hediondos que andou levando a termo.

Pela primeira vez o homem falou, perguntando:

— Devo pedir a Deus o que?

A resposta do servidor foi justa:

— Para si mesmo peça arrependimento e para Deus peça oportunidade de trabalho fraterno. Não peça mais e nem menos do que isso, porque nisso está contido o de que necessita e deve fazer. Lembrando que Deus é presente, assim como presente é a Divina Autoridade Administrativa de Jesus Cristo, em si mesmo poderá aquilatar de seus méritos e deméritos, desde que se recolha, concentre e proponha-se aos atos de redenção.

O homem fez grande esforço, olhou ao redor e perguntou:

— Isto é uma igreja?

O servidor respondeu:

— Todos, ou quase todos, aqui, fomos criminosos em nome de Deus, da Verdade, do Cristo, do Bem e da Justiça... Por isso, temos por objetivo conhecer e cultivar a Verdade, assim como possamos conhecê-la. A Verdade, para nós, não é religiosa, não se escraviza a conceitos e a preconceitos humanos. Demais, como deverá vir a conhecer, a Lei de Deus não manda ter esta ou aquela religião; ela ordena no sentido de não idolatrar, de ser decente na conduta social e de respeitar-se a Revelação. O mais tudo é produto de conchavismos e engodos inventados por homens. Lembre-se de que Jesus assim interpretou e deu exemplos de servidor da Soberana Vontade de Deus. Procure imitá-lo, se quiser ser cristão, se quiser vir a ser um espírito digno da Divina Paternidade.

— Pensei que fossem adeptos de uma nova religião. — comentou o homem.

Sorrindo amigavelmente, o servidor respondeu:

— Nada disso, pois temos aprendido com a vida, as lições da eterna Verdade. O que é humano passa, porque é falho e transitório, enquanto que a Verdade permanece e aguarda a chegada dos espíritos que se vão tornando decentes. A Verdade está nos fundamentos de tudo e de todos, e a ela devemos ir pelos caminhos que são o AMOR e o CONHECIMENTO. Tende cuidado com as religiões, porque em nome da Verdade os seus proprietários cometem todos os crimes e se julgam justificados perante a Lei de Deus. E, como já viu, em si mesmo tem a prova de que a Verdade não é parceira das traficâncias e dos cambalachos humanos.

— Um grande conselho! — exclamou o infeliz.

O servidor emendou:

Prefiro que seja o seu próprio conselheiro. Pergunte a si mesmo estas três perguntas, toda vez que tenha dúvidas a respeito de suas obrigações:

- 1) Estarei, de fato, combatendo em mim mesmo as tendências idólatras, sem o que jamais saberei amar a Deus em Espírito e Verdade?
- 2) Estarei, de fato, cumprindo com os meus deveres sociais, assim como a Lei ordena, a fim de merecer de Deus as bênçãos da Paz e do Progresso?
- 3) Estarei, de fato, honrando o ministério da Revelação, a Palavra de Deus, o instrumento de consolo, de advertência e de ilustração?

E diante da mudez do infeliz, que revela nada saber de tais Verdades Fundamentais, o servidor murmurou:

— Logo estarás curado e em estado de aprender as lições necessárias. Não te preocupes, que os ensinamentos virão e com eles os novos encargos, para que te libertes das culpas adquiridas e te faças um digno irmão de Jesus Cristo. Pensa, todavia, em termos de eternidade, para que te proponhas a andar devagarinho e com o máximo de segurança. A Verdade não tem pressa e nós devemos ser prudentes, para não cairmos em tentações, em abismos, por causa das precipitações que a vaidade, o orgulho e o egoísmo soem provocar e impingir.

Saímos dali e fomos à chefia de nosso departamento; horas depois, estávamos na crosta, para entregar a mensagem a que já me referi. Como fosse a minha primeira viagem à crosta, senti bastante a diferença de contato, o choque entre as condições vibratórias, pois a Terra e sua atmosfera irradiam de modo grosseiro, de modo grosseiro e bastante inferior do ponto de vista psíquico, em vista dos pensamentos, sentimentos e práticas de sua Humanidade.

A mensagem vinha de encontro a um pedido feito; um grupo de estudiosos queria fundar um Centro, em determinada região da França, escolhendo o patronato de alguém que fora canonizado pela igreja romana, pelo fato de se comunicar entre eles através de uma senhora, portadora de ótimas faculdades mediúnicas.

A consulta fora feita pelo chefe do grupo, em lugar diferente e através de outro médium. E continha bastante prudência, pois ele achava que o tal patrono, embora dócil aos ideais cristãos, tivera em vida procedimento contrário à Lei de Deus, pois fora um dos grandes chefes inquisidores. Consentia, como disse, em que fosse indicado como patrono do Centro, não porém com o título de santo, assim como a igreja romana o impusera aos seus profítentes.

A resposta do Plano Superior, onde fora parar a consulta, veio em desabono do patrono sugerido, pelo fato dos trabalhos que teria o Centro de levar a termo, onde teriam de intervir grandes vultos da erraticidade. O

patrono deveria ser escolhido entre os virtuosos de fato, não os santos feitos segundo as conveniências do mundo. Porque o tal espírito indicado, ali presente, não passava de um grande infeliz, tomando ares de importante, de autoridade, sujeito ainda ao guante de seus orgulhos despóticos. Não estava sofrendo, pois já havia feito severos resgates, mas estava planando em esfera mental e vibratória fartamente inferiores.

Como resultado, a senhora médium afastou-se, magoada com a preterição de seu querido santo. Mais tarde, não muito mais tarde, depois de organizado o Centro, fomos visitá-lo, tendo encontrado ali severo ambiente, de todo disposto aos melhores feitos. E ficou combinado, entre as partes, da crosta e do mundo espiritual, que alguns médiuns viriam, encaminhados pelo nosso plano, a fim de que eles pudessem trabalhar pelo bem da Humanidade, à altura de seus recursos.

Com o tempo, ficou sendo um dos bons Centros em chão francês, produzindo maravilhosas curas e levando o conhecimento da Verdade a muitas inteligências. Para serviços tais, importa que o AMOR se imponha, o que não aconteceria, caso fosse oficializado o patronato daquele vulto, falho de virtudes e farto de vício, entre os quais se salientavam a idolatria e o imenso orgulho, que lhe minavam o íntimo, prejudicando-o tremendamente em suas necessidades evolutivas.

Não tanto a idolatria, pois são muitos os espíritos que, por infantilidade, a ela se entregam, por seu intermédio adorando a Deus, embora sacrificando suas necessidades íntimas de aprimoramento psíquico. Realmente, a idolatria não faz tamanho prejuízo, quando o espírito é simplesmente infantil, sujeito a superstições e a simulacros, pela sua própria falta de noção da Verdade e de suas responsabilidades. Assim como não se pode querer que o espírito infantil proceda com superioridade.

Entretanto tal não se passa com o orgulho, pois este fere frontalmente as virtudes latentes da centelha espiritual, que carece de evoluir, que necessita de luz e de trabalho. O orgulho engendra vaidades e comanda toda e legião de outros defeitos; o orgulho cega a criatura em face de suas prementes necessidades, chafurdando-o nos abismos trevosos, enquanto lhe faz parecer que é mais do que os outros! Quem quiser ver até onde pode o orgulho, observe que os senhores das religiões, em todos os tempos se entregaram a nefandas obras, traindo as disposições da Lei, para forjarem seus dogmas e rituais, suas maquinações infernais. E quando se chega a saber que o orgulho faz um simples errado e pecador pensar que pode ensinar a Deus, o que mais é necessário dizer? Se ele faz o pecador se acreditar suficiente para alterar a

Ordem Divina, que mais é preciso dizer, para que se saiba o quanto é nocivo e degradante?

Não há necessidade de dizer outras facetas do orgulho, quando exercido nos quadros de outras atividades humanas, onde fomenta divergências de todo jaez, erguendo barreiras entre os homens e criando dificuldades intransponíveis à evolução dos espíritos. Quando nos domínios da fé ele opõe a criatura ao Criador, fazendo-a crer que é autoridade para alterar as Verdades Fundamentais, o mais tudo é de fácil compreensão.

E se quisermos saber quando se torna formidando em sua capacidade de corrosão em geral, basta aliá-lo ao egoísmo; deste conúbio, dessa infusão tétrica surgem as infernais engendrações que mancham de sangue e que atam as almas a tremendos lastros cármicos. Egoísmo e orgulho, quando articulados, cavam abismos e descidas aos hediondos países do pranto e ranger dos dentes, na palavra de Jesus Cristo. E a terra é um mundo assaz inferior, onde os perigos armam laços e tocaias a seus habitantes, pelo fato de serem tardos de coração e fartos de malícia, fracos de reais conhecimentos e fortes de presunção.

Um fato que dias depois teve como cenário aquele mesmo departamento de análise psíquica foi a vinda de um irmão, de alguém que triunfara sobre suas mesmas inferioridades. Defrontara seus erros com severa bravura, armado de fé, esperança e trabalhos mediúnicos superiores. Digo superiores pelo fato de ter sido um bom médium passista, um grande benfeitor de seus semelhantes. A ferramenta que lhe serviu, saibamos, vive a enferrujar nas mãos de muitos outros, que nada ou muito pouco fazem. Ele a usou como devia, produziu o que pôde e veio com a sua bagagem em estado de fartura.

Ao falar-me o servidor sobre ele, fê-lo com elevação de sentimentos:

— Alexandre foi um bom, foi amoroso; de todas as oportunidades, amar aos que sofrem e necessitam é a que mais rende. E Alexandre foi inteligente, porque se agarrou ao trabalho de servir aos doentes, aos sofridos do mundo, com todo o ardor de que fora capaz. Ontem, ao ser retirado do corpo, tudo presenciou, tudo se lhe tornou consciente, como paga do Céu pelas suas prendas de capacidade renovadora.

— Era um grande errado?

— Basta dizer que era um dos habitantes desta região.

— E para onde irá, agora, que a si próprio se superou?

— Não sei, pois ele poderá optar pelo trabalho entre nós, como alguns já o fizeram. Temos necessidade, em nossos hospitais e postos de socorro

imediatamente, de criaturas amorosas. Já sabemos como as coisas se passam, pois não?

— Sei que onde tudo o mais pode falhar, o Amor sempre tem o que fazer, avançando alguma ou até mesmo muita coisa; sei que, ao merecer alguém, ficam para o lado as práticas terapêuticas normais, intervindo o Amor, através de quem tenha como vazá-lo, para que tudo se realize, depressa e melhor! Tenho notado, também, a unção com que os mais capazes encaram as intervenções do Amor; diante de quem mais ama, todos se inclinam, todos se tornam reverentes. Discutem os nossos maiores sobre princípios, processos e técnicas; falam sobre dietéticas e terapêuticas, simpatizando ou não, assim como o fazem os irmãos da crosta; mas, tenho observado, que ninguém diz palavra, e todos se curvam, quando o Amor vem e faz das suas, através de alguém que o veicula!

— Nem poderia ser de menos, Gregório, pois o Amor é das manifestações de Deus, a que mais nos prende e eleva, diviniza e glorifica. Disse um Apóstolo, elevado nas asas do sublime, que Deus é Amor! Para mim, Deus é Absoluto ao Infinito, é sem limitações. Porém, o Amor é a Sua manifestação que mais me convém no estado em que me encontro.

E depois de breve pausa, convidou-me:

— Estás convidado para fazer parte da comissão observadora.

— Que comissão?

— Aquela que estará presente durante a análise psíquica de Alexandre. Sempre que há um caso raro, nossos maiores escolhem alguns elementos e oferecem-lhes a oportunidade. Como sabe, há muito que aprender nas revelações históricas das almas, em seus feitos, favoráveis ou agravantes. Afinal de contas, assim quer Deus que a vida contenha todo o cabedal de instruções necessárias. Ninguém atingirá o Reino do Céu interior, a iluminação crística, sem ser através dos eventos da vida. Eis porque, realmente, as grandes almas são as grandes observadoras de todos os fenômenos da vida. Em tudo quanto existe há finalidade, e, por isso mesmo, os eventos da vida são as marcas da movimentação e do progresso. Observe que, tendo o espírito a obrigação de evoluir intimamente, já que de fora não virá o Reino do Céu, se dele tirassem a vida contínua e seus acontecimentos, seria a mesma coisa que lhe tirarem o direito de evoluir, os meios de realizar a sua cristificação. E, por isso, não existe uma grande alma que não seja uma grande observadora dos eventos históricos individuais e coletivos.

— Compreendo, compreendo; e com isso voltamos ao mesmo pé, que é concordar com a autodeificação, com o desabrochar dos poderes latentes, à

custa dos próprios esforços. A grandeza de uma alma, portanto, está na razão direta de sua feitura íntima, em concordância com a Lei de Equilíbrio.

— Justamente, Gregório. E você irá observar, mais uma vez, a história de um grande errado e grande lutador pela sua libertação. Irá compreender que andou jogando mal com as suas liberdades individuais, armando-se de trevas e dores, para depois ter que enfrentar severo programa ressarcitivo. E como resumo, concordará em que o fiel da balança está dentro de cada um de nós, sendo sempre mais feliz aquele que melhor souber agir harmonicamente, prestando-lhe atenção.

— E de novo teremos a Lei pela frente, não é isso?

— Normalmente, teremos sempre a Lei pela frente; o Modelo Divino, precisamente por ser Divino Modelo, atendeu aos proclamos da Lei, deixando aos homens Seus irmãos o exemplo total. E se alguém achar que pode derrogar a Lei, que faça a experiência. Bem cedo compreenderá que agiu como tolo, sobrecarregando-se de faltas e de duras conseqüências porvindouras.

— Tenho, bondoso servidor, feito umas perguntas a muitos irmãos; tenho desejado saber sobre as causas de meus pequenos ou grandes sofrimentos. E em todos os casos, tenho descoberto atos transgressores, desvios da Lei. Até cheguei a pensar, aqui com os meus botões, como se dizia muito na crosta, para recomendar exclusivamente o culto da Lei...

Antes que eu terminasse, o servidor interrompeu-me:

— Mas o Cristo não fez isso mesmo?!...

— Pelo menos, — repliquei, — não dizem que Ele redime os pecados e salva por medidas de graça?

Com vigoroso acento na voz, observou:

— Fiquemos naquilo que o Cristo fez, ensinou e deixou como Doutrina. Ele não Se disse redentor e nem prometeu salvação de favor ou graça. Em tudo viveu a Lei e transmitiu a toda a carne a Graça da Revelação generalizada, ela que é a fonte de advertências, o instrumento de ilustração e portadora de consolações. O restante pertence aos invencionismos de homens, mormente daqueles homens que para terem na fé um bom comércio mundano, de tudo lançaram mãos, inclusive das maiores aberrações, criando conceitos e formalismos que, uma vez impostos como artigos de fé, foram produzindo seus terríveis efeitos, porque desviando da Verdade libertadora. Como dizem os nossos livros de instrução, Jesus tomou a Lei de Deus por base e deu-lhe a maior demonstração de severa observância. Por isso mesmo, vamos repetir, o Cristianismo é, como Doutrina, a essência e o mecanismo da Lei. E por ser

assim, embora possam negar, ninguém destruirá esta realidade — fora da Lei, do Amor e da Revelação, não poderá haver Cristianismo, porque ele é a Lei viva, onde esplendem a moral que dignifica e a Revelação que ilustra e consola.

— Estive ontem a ler o capítulo sete do Livro dos Atos; e, meditando nas palavras proferidas por Estevão, concebi a idéia de que, para haver uma grande reforma religiosa na Terra, bastaria que os homens se prontificassem a executar totalmente a Lei de Deus. Ela contém, de fato, os três artigos fundamentais, tudo quanto o Cristianismo do Cristo realmente contém — concita ao amor de Deus em Espírito e Verdade, por ser anti-idólatra; ordena a que se viva decentemente, em sociedade, para que se mereça de Deus as boas recompensas; e faz reconhecer a Revelação como fonte instrutiva e consoladora. Que mais é o Cristianismo, em sua essência e mecanismo, em sua feição Moral e em seu batismo de Espírito?

— Nesse caso, para que um novo Cristo? Não basta o Espiritismo, que é a reposição das coisas no lugar?

— E quanta gente lhe dá crédito, bondoso servidor?

Fez ver a tristeza em seu belo semblante, indagando-me:

— Por que pregaram Jesus na cruz, irmão Gregório? Foi por terem-NO admitido como Cristo? E hoje, se Ele voltasse ao mundo, para cultivar a Lei, o Amor e a Revelação, como o fez naqueles dias, não é certo que os cristãos, em seu maior número, fariam tudo para lançá-LO nalgum manicômio?

— Não tenho nenhuma dúvida de que assim fariam, visto como professam um culto, em nome do Cristo, que nada tem de Lei, de Amor e de Revelação!

— Saiba então, Gregório, que o trabalho dos espíritas é o trabalho da reforma em todos os sentidos, começando pela restauração do Caminho do Senhor. Não é com pressa que irão a bom fim, tenha certeza disso; é, saibamos, com bastante trabalho e imenso critério discernitivo. A Verdade, que não tem pressa, exige no entanto, de seus arautos, o máximo rigor acional; e, como é de ver, não poderá haver rigor acional sem que haja senso discernitivo.

Pauseou, sorriu e aconselhou-me:

— Não tenha pressa, irmão Gregório... Percebendo aqui o Reto Caminho, pensa você numa reforma de base, de ordem geral e imediata. Ninguém fará semelhante coisa, pois os homens, nossos irmãos, assim como nós, têm lá suas muitas contas a serem ajustadas. E para isso, terão que se defrontar no Espaço, no Tempo e através das vidas sucessivas.

— O fermento celestial, que carece de tempo para levedar a massa; não é isso, bondoso servidor, ao que importa conhecer e respeitar?

— Simplesmente, irmão Gregório. Quanto à Doutrina, ao Cristianismo do Cristo, que o Espiritismo revive totalmente, ficará no mundo e irá fazendo a sua parte. E a Verdade, de quem ela dá fiel testemunho, também permanecerá em seu posto de honra, em seu eterno posto de honra, aguardando a chegada de seus realizadores. Em realidade, Gregório, quem não realiza a Verdade em si mesmo, nunca estará unido a Ela e jamais será brilhante e glorioso. E para realizar a Verdade interna, como fazer sem ser através do Espaço, do Tempo e das vidas?

— Tendes razão, bondoso servidor; a reencarnação é a válvula redentora e evolutiva das almas. E sem Tempo, Espaço e Leis Básicas, como poderia dar cumprimento ao seu dever?

Apanhou-me pelo braço e volitamos na direção de nossa morada astral.

Por pequeno que seja, em evolução, é grandioso ver alguém que se redimiou de seus crimes e passou a respirar os ares puros do equilíbrio vibratório; sublime o sentimento de bem estar, ao pé de quem não sente remorsos, de quem não se mede pelo prisma dos agravos aninhados em seu âmago consciencial.

Assim era o irmão Alexandre, o redimido de si mesmo, aquele que, procurando imitar o Cristo, deu a si o que pôde, em trabalhos redentores; aquele que recebendo adiantamentos de graça, em forma de oportunidades proveitosas, não perdeu tempo em pensamentos grandiosos, procurando antes ser um bom cidadão e fazendo valer seus dotes mediúnicos em benefício dos mais sofredores.

Alexandre reencontrou o Reino do Céu, enxugando lágrimas, pensando feridas, consolando aflitos, ensinando a Doutrina libertadora de consciência. Passou de largo diante das presunções do mundo!

Por isso, estando à sua frente, sentia a sua radiação amorosa, serena como se fosse um convite de Deus.

As graças de uma alma são o incentivo justo para as outras almas. Ali estava a prova em Alexandre, que sendo pequeno em evolução era grande em paz e ventura, pelo fato de não ter peso na consciência, de estar livre de suas malezas.

Colocado diante da parede negra e luzidia, começaram os operadores magnéticos o trabalho de análise refletida. E como Alexandre auxiliasse com as suas virtudes patentes, o brilho cresceu imediatamente, avultou-se e

inundou o vasto salão, a ponto de causar pânico em mim e em outros, não acostumados a tanto esplendor, a tamanha glória.

Sem se tornar visível, alguém falou, com voz forte e autorizada:

— Alexandre, concentra o teu pensamento na Luz Divina! Aquilo que sempre foi o teu sonho na Terra, isso mesmo se apresenta agora, em sinal de recompensa, pelo muito que serviste a Jesus, servindo aos pequeninos do mundo! Concentra o teu pensamento e ora, porque o Mestre te envia Seus raios de Luz!

O chefe da casa falou, alertando-nos:

— Trata-se, meus irmãos, de uma grande manifestação da Luz Divina, que nos vem pela Autoridade de Jesus Cristo, o Modelo apresentado pelo Pai a Seus filhos da Terra. Procuremos manter a mente elevada, a fim de podermos dizer, aos demais irmãos desta região, que o Senhor nos visitou, através de Seus poderes celestiais, de Sua potentíssima ubiqüidade.

Fizemos o possível, mentalizamos a figura humana de Jesus, assim como tínhamos conhecimento através dos quadros pintados na crosta, que eu me curvei e entrei a prantear de alegria, de uma alegria psíquica, tão profunda que jamais a palavra escrita ou falada poderiam dar a mais pálida expressão. Sem dúvida que foi intenso estado extático, promovido pela ação de agente ou agentes superiores mensageiros de Altas Esferas e Divinas Luzes. E foi, de tudo quanto vi até ao presente, o que guardo com mais respeito, o que recordo com mais reverência. Nas horas de necessidade, nos momentos de precisão, para fazer algum bem, estancar alguma lágrima, consolar algum irmão aflito, procuro aquele estado, procuro mergulhar naquela Divina Luz que então nos envolveu e dominou inteiramente. E como a Luz Divina é sempre onipresente, está sempre nos fundamentos de toda a Criação, tenho grandes provas de Sua atuação.

Ao findar a maravilhosa função, estávamos intensamente sublimados, havendo lágrimas de indefinível contentamento em todas as faces. E Alexandre, o espírito grande errado e redimido através das vidas e das provas, murmurava palavras de gratidão, afirmando ao Céu que tais graças excediam de muito aos seus pequeninos feitos durante a vida carnal.

— Quis o Bom Deus, - falou o chefe da casa, - que ele não tivesse a revivescência do passado criminoso; tudo quanto aconteceu, foi fazê-lo ver um pouco da Glória de Deus, da qual Jesus Cristo é o Seu Divino Expositor.

— Por que teria ocorrido isso? — perguntei.

O chefe da casa experimental encolheu os ombros e alvirtou:

— Em tudo há Lei e Justiça. Devemos lembrar, portanto, que se é normal pagar até o último ceitel, também é normal nada dever, depois de haver feito o pagamento integral. Quero crer, ainda, que haverá sempre um pouco mais de graças, em valiosas ou mesmo gloriosas oportunidades, para aqueles pecadores que se arrependem profundamente e se propõem a resgatar as falhas, não à custa de sofrimento, mas através de rasgos de bondade. E Alexandre, como sabemos, entregou-se ao serviço do próximo, semeando benefício mediúnico a valer, pelos caminhos do mundo.

Ao encerrar os trabalhos, entre outras poucas palavras proferidas, de agradecimento ao Pai e a Jesus Cristo, disse o chefe da casa:

— Pai de Infinita Bondade e Justiça! Nosso Senhor Jesus Cristo! Bem sabemos de Vossa Presença em tudo quanto existe na Terra e nas suas esferas espirituais. E por tudo quanto temos obtido, mais as graças colhidas hoje, nós Vos rendemos as nossas graças, os nossos humildes agradecimentos. Que as Vossas Divinas Luzes nos elevem em Conhecimento e Amor, a fim de que venhamos a ser, para com os nossos irmãos, os dignos distribuidores e fiéis servidores.

Fomos dali, o servidor e eu, em busca de trabalho, de muito trabalho, de tudo quanto fosse possível fazer pelo próximo, compenetrados que estávamos de que o verdadeiro redentor é o trabalho fraterno, é o Amor transformado em obras de paz e de ternura.

E por ser assim, saímos do departamento com o traslado na direção da crosta, a bem de alguém que gemia e clamava ao Céu.

Chegados à residência riquíssima, onde idosa senhora se encontrava envolta em muitas e caríssimas roupagens, vimos também que dois vultos negros e chocantemente opacos a envolviam, e que o faziam em características vingativas de extrema condição. Um deles lhe oprimia o cérebro, apertando-lhe a cabeça com as duas mãos; o outro, parecendo menos cruel, estava sentado sobre o seu ventre. E a senhora, com isso, pensava ter atonia intestinal, com reflexos no sistema nervoso e as conseqüentes dores fortíssimas de cabeça.

Como tivéssemos hora marcada, para atender o médico espiritual, que falaria através de prestimosa confreira, ali aguardamos alguns minutos. E como de hábito, fomos trocando impressões.

— De que sofre ela? — perguntei ao servidor, agora meu instrutor de primeiros passos no mundo espiritual.

Sorriu, enviou-me olhar inteligente e respondeu:

— Aparentemente ela sofre de males físicos, como de hábito; na verdade, entretanto, ela sofre de muitos pecados... Quando o pessoal chegar, faremos a necessária investigação, para que haja aproveitamento geral.

E como me convidasse a observar a casa, fomos passar-lhe uma vista de olhos, coisa que muito me surpreendeu, pois ao lado de tamanhas riquezas e faturas do mundo material, havia extensas misérias de carácter espiritual. A casa estava toda lotada de gente sofredora, de vítimas recentes e remotas.

— Quem é ela? — perguntei.

— É alguém como nós fomos, capaz de se julgar um anjo, enquanto que ainda vive fazendo coisas infernais ao próximo. É riquíssima fazendeira, cujos formidáveis recursos têm lastro no trabalho escravo e, para mais, escravo e rigorosamente exigente. É grande na Terra, mas é bem pequena perante o Céu. Vamos dizer, é grande por fora e pequena por dentro.

— E antes, quem era? — tornei a perguntar.

— Pouco antes, — respondeu-me, — era alguém que se prontificou, no mundo espiritual, a travar imenso programa revisor em seu Carma. Todavia, como acontece muitíssimo, ao se embutir na carne e suas conseqüentes contingências limitadoras, torceu os formosos propósitos anteriormente planeados. Anda a repetir velhas e truculentas práticas, anda a reincidir em graves faltas.

— E que vamos fazer, bondoso instrutor?

O instrutor respondeu-me:

— Primeiro chamaram o médico da família, que nada conseguiu; à instância deste, procuraram famoso especialista, que tudo quanto pode fez, também nada conseguindo; e a seguir chamaram o padre, mandando rezar missa na casa, o que também de nada valeu.

— Ainda bem, bondoso instrutor, que essa gente procura sempre, não acha?

Assentindo com breve movimento de cabeça, murmurou:

— Pena é que procurem onde não podem encontrar...

— Bem, agora bateram na porta certa; o Espiritismo dirá o que fazer, pelo menos.

— Dirá o que fazer. Está muito bem pensado, dirá o que fazer. Todavia, Gregório, eles são livres para atender ou não. E como se trata de gente muito rica e muito conceituada socialmente, é quase certo que não vão gostar do receituário. A importância da Terra quase nunca sintoniza com a singeleza do Céu, bem sabes.

Naquela hora chegaram os companheiros encarnados, todos desconhecidos para mim, enquanto que velhos conhecidos do instrutor.

— Gregório, aí estão três encarnados devotados à obra ilustrativa e consoladora da Revelação. Os dois jovens são o casal de médiuns e o velhote é bondoso facultativo, há muito dado ao estudo dos fenômenos espíritas. Espíritas, fica entendido porque Jorge é um caráter que se define pela capacidade analítico - discernitiva, não apreciando as meias tintas. Ele sabe que Cristianismo é Lei, é Amor e é Revelação, reconhecendo no Espiritismo a reposição das coisas no lugar, conforme a profecia de Jesus Cristo. E, assim sendo, compreende que em matéria de Verdade há uma síntese a ser observada, uma linha mestra inelutável a ser fundamentalmente respeitada. O casal de médiuns é gente de melhor esfera, também; não são elementos de nossa região e sim de região bastante superior. Não foi o sofrimento que os convocou ao Espiritismo; foi o Céu quem se lhes dirigiu, revelando-se pelos seus arautos, os espíritos de regiões felizes.

De fato, os três estavam aureolados de suave claridade verde-rosa, com alguns matizes de ouro luzidio. E com eles apareceram dois elementos médicos, que se disseram os indicados para o trabalho em curso, além de uma senhora idosa, de aspecto singelo, porém equipada de formosa coroa de luz em torno da cabeça. Os médicos radiavam saber, pensamento concentrado e técnico; ela radiava sentimento elevado, amoroso envolvimento, um carinho que absorvia, que confundia a nossa pobreza vibratória. Quanto bem me fez, ter com ela trocado conversação!

Depois de severa observação exterior, os médicos reclamaram a cooperação de todos, para a vasculha cármica; e foi então que rodeamos o leito, estendendo os braços e entrando a orar com todo o nosso poder mental. A senhora coroada tomou a dianteira, colocou as mãos sobre a cabeça da enferma e os negros e opacos vultos saíram desabalados. E começou, então, a se revelar o histórico da enferma, em quadros psicométricos. Foi além, desandou por algumas vidas, revelando um espírito cheio de altos e baixos, tendo os piores atos muita prevalecência sobre os melhores. Acima de tudo, a vida presente estava marcada por fortes vincos de orgulho e de sanha econômica; por dinheiro e por sua posição social tudo fez, inclusive causar a morte de pobres criaturas, que para ela eram simples negros e escravos, mas que para Deus eram filhos como todos os mais, votados à Sagrada Finalidade, que é a cristificação íntima.

O casal de médiuns deu entrada e os dois médicos falaram aos presentes, que eram três familiares da enferma. E depois do receituário médico, disseram que um outro espírito falaria, concitando as outras práticas.

E foi então que a senhora coroada falou pelo jovem, dizendo da tremenda e imediata necessidade filantrópica, de carência de amor ao próximo, principalmente do próximo sofredor, daquele próximo com feridas, lágrimas, tristezas, aflições, etc.

— Ela vai sarar depressa? — perguntou um jovem muito interessado.

E a senhora coroada respondeu, com suave modulação na voz:

— Meu filho, todos os que nascem, um dia devem desencarnar, porque essa é a lei. O deveras importante, para nós e para vós, não é viver ou morrer, como costumais dizer; o que importa é estar bem espiritualmente, é estar com a saúde do espírito em dia, é refletir a luz do merecimento perante Deus. Os médicos fizeram o receituário corporal e eu vos apelo no sentido de terapêutica psíquica, da iluminação íntima. E como podeis entender, o Amor é quem torna o espírito brilhante e feliz. O Amor vale o preço do Céu, o Amor não custa dinheiro!

— Somos religiosos! — retrucou o jovem, surpreso.

— Deus quer filhos conhecedores e amorosos, quer caridade e não sacrifício. A Verdade, meu filho, não é religiosa! Ponha isto em sua mente, para viver isto em todos os dias de sua vida, a fim de que um dia, ao deixar a carne, ainda que sendo menos grande por fora, venha a ser menos pequeno por dentro.

E com breves palavras mais, tivemos finda a missão. Enquanto os encarnados tomavam chá com limão e comiam biscoitos, o instrutor e eu tomávamos conta das felizes companhias espirituais. Quanta alegria obtivemos naquele dia!

Quando todos se foram, o instrutor disse que ficaria, porque devia completar a obra; estava encarregado de convidar alguém, dentre os pobres sofredores espalhados pela casa, a fim de que fosse, em breve, o baliza de outros. Uma vez em condições, ficaria encarregado de falar aos outros, convidando-os a melhorar os pensamentos, a fim de irem sendo recolhidos e encaminhados devidamente.

Ficamos, portanto, e tivemos vantagem, porque alguns nos ouviram com atenção e desejos de renovação. Com o passar dos dias, aquele que fora recolhido, para ali fora designado, produzindo grande colheita, convencendo a muitos outros. E tudo estivera muito bem, porque a enferma modificara bastante seus pensares e sentires, dando entrada em severo regime de filantropia. A senhora coroada, por sua vez, de quando em quando ali aparecia, insuflando pensamentos elevados, fazendo sentir a importância do bem-fazer e da oração sincera.

Naquele dia, ao sairmos da casa riquíssima, comentei junto do instrutor:

— Nunca me disse, de ter essa luminosa mulher no rol das amigadas.

— Ela faz parte do corpo de inspiradores de região muito acima da nossa. Não é muito fácil encontrá-la em nossas órbitas de trabalho.

— Que fazem os inspiradores?

— Nos planos mais elevados todos os trabalhos se desdobram em partes específicas. A inspiração, então, obedece a diferentes matizes. Várias são as ciências, as artes, os campos do pensamento, etc. Ela pertence ao corpo de inspiradores amorosos, porque é mais Amor do que Ciência. Que te inspirou ela, em sua aproximação natural?

— Um amor puro, um profundo sentimento de elevação, a ponto de me fazer estremecer. O seu contato é ternura, e sua influência é sublime como sentimento e os pensamentos que sugere são profundamente celestiais.

— Assim de fato é, ela é um caráter amoroso; e a função que exerce está de pleno acordo com o seu tônus psíquico e a sua característica psicológica. E se quiser pensar um pouco mais, lembre-se de que tais espíritos, os mais adiantados em Amor, nem sempre são obrigados a se fazerem presentes, ou visíveis, para produzirem seus efeitos; eles podem operar de muito longe, porque o seu poder de ubiqüidade é deveras possante. Assim sendo, observe, quer seja para com os encarnados, quer seja para conosco, nas esferas e regiões inferiores, esses tais espíritos podem influir, inspirando e insuflando sentimentos nobres, fazendo sentir os mais elevados pendores, as mais santas emoções, de onde surtem os grandes propósitos de melhora, a capacidade de harmonia, de perdão e de renúncia. E, tudo isso, sem que tenhamos o menor pressentimento de tais presenças.

— Isto quer dizer, então, que o Bom Deus está sempre a nos fornecer elementos de triunfo, de maneira indireta, através de Seus mais perfeitos filhos?

— Justamente, irmão Gregório; o Bom Deus quer que haja fraternidade, trabalho cooperativo entre Seus filhos. Ninguém espere receber de Deus benefícios diretos, porque isso nunca acontecerá. As benesses do Senhor, queiramos ou não, virão sempre através de Seus filhos, pelas canaletas hierárquicas. Aqueles que se fazem orgulhosos, ou aqueles que, por falsas concepções religiosas, acreditam estar diretamente ligados a Deus, Dele recebendo tudo, sem ter obrigação para com os irmão maiores ou menores, esses militam em teorias errôneas. Quando chegar a hora de reconhecerem a realidade, terão que se curvar à evidência, evidência que força à irmandade, a mais operante fraternidade.

— Graças a Deus que é assim! — exclamei — Graças a Deus! Isso quer dizer, de modo geral e absoluto, que as babuges, as adulações a Deus, foram inventadas por aqueles mesmos que se deram ao trabalho de traír as leis fundamentais da vida. Quando aprenderão as criaturas, que Deus não precisa de lambiçõs quaisquer e deseja, apenas, que cada um conheça as Verdades Básicas e sejam capaz de amar a tudo quanto é bom e necessário, útil e fraterno?

Abanando a cabeça, o instrutor comentou:

— A Terra ainda está muito longe de seus melhores dias; sua Humanidade, pelos erros ensinados pelas religiõs, acredita nas pagodeiras que compra aos mercadores dos templos ou da fé, mas não acredita nas obras de fraternidade e de real sabedoria. Infelizmente, os cérebros e os coraçõs vivem para certas práticas maliciosas, idólatras e capciosas, enquanto se esquecem de viver para a vida pura e simples, amorosa e sublimada. Para resumir, o homem aprendeu tanto a mentir, em matéria religiosa, que se engana e não percebe, que se trai e não se dá conta. O essencial para ele não vale, porque o superficial, o engodo criminoso, lhe tirou da mente e da consciência o senso de equilíbrio, pelo quanto se entregou ao vício das mistificaçõs. Por fora está cheio de aparências, por dentro está vazio, está arrasado! Sai do mundo carnal forrado de mil e uma recomendaçõs religiosas e enterra-se nos abismos de treva e de dor; porque não tem méritos amorosos, porque é apenas um artificial, porque viveu para seus vícios formais e idólatras. O que temos encontrado, nós, os servidores, em nossos trabalhos de recolhimento?

— De fato, bondoso instrutor, raríssimos são os que vêm da carne com alguns merecimentos de contado; a grande maioria, ou pertence ao número dos trevosos, ou nada conseguiu melhorar durante a romagem carnal.

— Pobre Humanidade! — gemeu o instrutor, pesaroso — Procura fora o que só no íntimo pode encontrar! Inventa artificios e com eles se ilude, vindo a pagar caro pelo desvio a que se entrega! Aqueles que se dizem mentores espirituais, são os lobos que se fingem de ovelhas, são os que, transformando a fé em meio de vida, a tudo corrompem, porque colocam a pança e o bolso no lugar do Reino de Deus! Ensinam e obrigam a adorar salamaleques e macaquismos, tidos como ofícios religiosos, enquanto que fazem esquecer os Mandamentos da Lei de Deus, que não concitam a ter esta e nem aquela religiã, ordenando com severidade a que se combata a idolatria, a que se cultive a decência na conduta social e a que se respeite a Revelaçã como instrumento de advertência, consolo e ilustraçã! E até quando, meu Deus, isto irá assim? Até quando?

Surgiu, naquela hora, a nossa frente, um vulto de escol, um irmão de melhor esfera. Muito alto, envolvido em roupagens orientais e de longos cabelos repartidos ao meio, como os nazireus usavam. Depois da saudação, disse ao que vinha:

— Venho da parte de meus superiores, convidar para que me acompanhem, pois temos um conclave em preparo, em região que lhes poderá facilitar a presença. Não sei de que se trata, não tenho informe de assuntos a serem ventilados, mas acredito que será referente a trabalhos socorristas desenvolvidos pelos nossos departamentos.

— O que quer que seja, meu senhor, será de render graças a Deus. — respondeu o instrutor, muito satisfeito.

E partimos, envolvidos pela aura poderosa daquele alto emissário. Fomos parar em belíssima pradaria, florida e fragrante, estuante de vida, beleza e graças naturais, situada numa região pouco acima da nossa, para onde baixaram os altos espíritos ali presentes, com o fito de falar, de transmitir informes, pondo alerta a muitos milhares de seres, com relação ao que se passaria, a começar do século vinte, como prosseguimento à obra de restauração, em caráter de consolidação.

É sabido de todos os espíritas estudiosos, que os trabalhos restauradores começaram depois de um grande conclave no mundo espiritual, com a ordem de Jesus, de onde compareceram no plano carnal aqueles que se chamaram Wicliff, Huss, Lutero, Joana D'Arc, Kardec, etc. Tudo, portanto, em caráter progressivo, a contar dos esforços preliminares, da tremenda luta contra os grandes erros que se radicam, de caráter clérico dogmático, impostos como se fossem Cristianismo, como se fossem coisas de Deus e do Cristo.

As terríveis perseguições, a sangueira que houve, isso é do conhecimento geral. Todavia, ficou no mundo a sementeira, para que em outros dias, outros missionários dessem continuidade ao trabalho restaurador. Se duro foi enfrentar a chicana clerical, organizada e oficializada, garantida pelos governos corruptos, nem por isso o século dezenove deixou de ter o seu grande Pentecostes, a maior eclosão mediúnica de todos os tempos.

Ao voltar ao mundo João Huss, na personalidade de Kardec, arrastou como determinismo cíclico – histórico - profético, o novo batismo de Espírito, a nova ordem apostolar, repondo no lugar aquilo que sentenciam os dois primeiros capítulos do Livro do Atos e os capítulos doze, treze e quatorze da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios. O Evangelho seria, de novo,

encaminhado pela Revelação, enchendo a Terra de grandes sinais e prodígios, como nos dias apostolares.

Após o trabalho feito, pela equipe do século dezenove, outros deveriam ser feitos, pelas equipes sucessoras. E como estava previsto, o trabalho-matriz seria deslocado para as novas terras da América do Sul. Sem particularizar elementos, o primeiro expositor do conclave abordou o tema dos trabalhos consecutivos, a serem levados a termo nas paragens renovadas da antiga Atlântida.

O primeiro orador terminou o seu resumo expositivo, dizendo que os fatos iriam completar a sua palavra informativa; Jesus ordenara, e, assim, os emissários dariam execução ao programa, paulatinamente. Aquele desceu da tribuna ali armada e outro a ela subiu, fazendo cambiar as tonalidades do ambiente, a espécie de luminosidade radiante. Porque assim foi sucedendo; isto é, aquele coreto, que brilhara de certo modo, enquanto os clarins soaram no início, fora mudando de tonalidades, em luzes e cores, segundo os indivíduos que a seguir foram-no ocupando, a fim de falar à multidão que se espalhava pela verdejante e imensa camparia.

Seguindo ao primeiro, cujo matiz era verde-ouro, o segundo fez o coreto colorir-se de amarelo brilhante, com pintas de azul-claro. Este falou de modo sucinto, abordando temas básicos.

— Sabeis, disse ele, — que nas regiões próximas à crosta, os problemas da alma, em suas necessidades e obrigações, direitos e deveres, continuam submissos às injunções do plano carnal. Muitos de vós, ingressando no mundo astral, tendes feito pelo caminho da inconsciência e das trevas; alguns outros, melhor preparados, menos comprometidos vieram para os lugares da paz, porém nada melhores do que a crosta terrestre, por isso mesmo duvidando da desencarnação. E ainda outros, mais aquinhoados de merecimento, deram entrada em lugares melhores, sem, no entanto, terem conhecimento da desencarnação, e sem a menor noção de algumas leis fundamentais. De todos os modos, por falta de preparo, tendes dado muito trabalho e nem por isso tereis obtido melhores vantagens e oportunidades.

Observou a mole humana, atenta e feliz, prosseguindo:

— Dentre vós, a maioria sabe que, infelizmente, multidões de espíritos encarnam e desencarnam, centenas e milhares de vezes consecutivas, sem aproveitar pelo menos o mínimo, em virtude do descaso para com a imortalidade e suas decorrências. Temos nós, que vos dirigimos, sob a tutela de Jesus Cristo, certeza de que a grande culpa cabe aos falsos conceitos religiosos. Reconhecemos as lições ruins, os maus cursos e o péssimo

trabalho preparatório. Apesar de tudo, nem toda a culpa poderá recair nos organismos religiosos viciados, criados a fim de serem o sustento de impérios temporais e grupos de homens egoístas e inconscientes de suas tremendas responsabilidades. Muita culpa coube e está cabendo ao desleixo daqueles que se afirmam religiosos, visto como têm aceito e estão aceitando as mais errôneas concepções. Se erram aqueles que corrompem e impõem as corrupções, também erram aqueles que, por comodismo, por pusilanimidade, vão aceitando tudo quanto sabem estar fora da Doutrina do Senhor.

Repassou os olhos pela massa estendida e exclamou:

— Se ninguém come o pão envenenado, sabendo que o é, porque sabe que lhe fará mal, por que razão não faz o mesmo para com o pão do espírito, que é de muito maior importância? Por que atender ao que é material e transitório, com todas as garras da vontade, e abandonar ao que é acima de cogitações, pelo fato de ser espiritual e aparentemente ulterior ou tardio? Não é certo que o pão do espírito, que é a Doutrina da Verdade, que contém o Amor e a Ciência, merece muito mais zelo? Não foi esse, por acaso, o Exemplo vivo deixado pelo Modelo Divino, posto pelo Criador diante de todas as gentes da Terra?

Não se ouvia ruído, ninguém fazia movimento algum; e o mentor continuou, dizendo que iria tratar de assunto fundamental, porém de maneira a deixar grandes oportunidades de meditação.

— Trataremos, — afirmou, — de Verdades Básicas; porém, de modo a que possais raciocinar, meditar à vontade nas horas de folga. Exijo, mesmo, que o façais, por que isto redundará em vosso próprio benefício, quando um dia tiverdes que retornar aos penates carnisais, dia que presto virá, pois é para isso que estais sendo preparados, na escola do trabalho, nos contatos com a crosta.

E passou a comentar, pouco mais ou menos assim; eu resumo aqui as minhas lembranças, tendo certeza de que, embora ficando longe das evidências vibratórias fornecidas por aquele alto emissário, nem por isso deixo de focalizar os temas de maneira a deixar patente a importância inelutável dos mesmos. Se as minhas possibilidades objetivas forem julgadas insignificantes, tratai de fazer mais e melhor, porque, em Verdade, gloriosas realidades aqui exponho, embora de modo insuficiente, dado que ainda sou de bem pequena estatura hierárquica. Eis do que ele tratou, com as luzes que eu ainda não possuo, motivo por que me desculpo das falhas que certamente encontrareis, falhas de visão e discernimento, nunca porém de essência ou veracidade:

DEUS — Deus é Divina Essência, Deus é infinitamente presente e local; Deus é Luz, é Glória, é Poder, é Lei, é Justiça, é Amor. Não existe palavra para defini-LO, Ele que é profundamente íntimo a tudo e a todos, de Quem somos emanção ou filhos. Ninguém, todavia, chegará a ser em espiritualidade, glória e poder, sem realizar, por evolução, o contato íntimo com o Pai. Sintonizar, pelo desenvolvimento interno, eis o problema total de cada centelha espiritual. Os Cristos Planetários dão exemplo do que seja o grau sintônico, e, conseqüentemente, da função de filtros ou reflexos do Pai.

DEUS COMO CONCEITO HUMANO — Podeis imaginar o que sejam os conceitos humanos, desde que o espírito comece a sua marcha na espécie hominal. Adotará tudo: o Sol, a Lua, as estrelas, as árvores, os bichos, as estátuas, os formalismos, as clerezias, os dogmas, os rituais, os sacramentos, etc. De tudo fará objeto de culto, menos porém, saberá amar a Deus em Espírito e Verdade. E, por isso mesmo, cumpre que cada um desconfie de sua maneira de adorar a Deus, pois bem pode ser que esteja apenas fazendo palhaçadas muito bem intencionadas, palhaçadas que, embora bem intencionadas, jamais elevarão as criaturas no templo interior, onde somente o AMOR e a SABEDORIA hão de pontificar um dia, no dia em que o CRISTO INTERNO tenha sido exposto.

A VERDADE — Ela é tudo, é o Criador e a Criação, com todas as leis e todas as virtudes; é o Princípio e o Fim, é a realidade total. Imaginai aqui, irmão, a Divina Profundidade de Deus e a infinita complexidade do Cosmo, se puderdes fazê-lo, tereis a Verdade ao vosso alcance conceptivo.

A VERDADE DOUTRINÁRIA — Assim se chamava a Ciência Secreta, a Doutrina Esotérica ou Ocultismo; a Verdade como Doutrina, que implicava no conhecimento das leis do Universo, assim como era possível no tempo e a cada um poder assimilar. Entrar para uma Escola Iniciática era penetrar no Templo da Verdade. Quem quiser estudar as antigas Doutrinas Secretas, os Grandes Iniciados, saberá o que se dizia ser a Verdade Doutrinária, o conhecimento de Deus, da Criação e das leis regentes do Universo em geral e dos indivíduos em particular.

A CRIAÇÃO — Sendo a Divina Essência a Fonte Geradora, o mais tudo, Espírito e Matéria, é Criação.

A MATÉRIA — Na Criação, tudo quanto não é Espírito, é Matéria, variando das energias ou substâncias ao sólido. E, das substâncias aos sólidos, a Matéria é serva do Espírito e não senhora. Deve ser bem usada, porém jamais adorada como se fosse mais do que o Espírito. Prestemos atenção, porque a idolatria é sempre lesiva, é sempre crime contra a supremacia do Espírito. Sem tornar a questão complexa, diremos que a Matéria, seja na Terra ou onde for, jamais deixa de ser subalterna. A lei regente em princípio é uma e o fenômeno de suas manifestações pode ser infinito. Ela poderá variar em substâncias e estados, combinada ou singelamente, porém será, no Cosmo, sempre a mesma serva do Espírito.

As teorias complicadas, por conseguinte, nada modificam, nada resolvem. Cumpre é conhecê-la na síntese universal e usá-la bem nas exposições específicas.

O ESPÍRITO — Centelhas ou partículas da Essência Divina, que uma vez exteriorizadas pela mesma Divina Essência, passam a ser o que se chama Criação Espiritual. Contêm as Virtudes Divinas em potencial, contendo também as leis de Causa e Efeito ou de Equilíbrio Universal. Desenvolvendo, ou evoluindo, nada mais farão do que expor as Virtudes Divinas de que são naturalmente herdeiras. E por serem portadoras das leis de Causa e Efeito, em si mesmas as centelhas trazem o Grande Juiz, a Balança da Justiça, que lhes dará a recompensa de acordo com as obras. Jesus afirmou que cada qual tem o Reino do Céu dentro de si mesmo e afirmou que as falhas serão pagas até o último ceitel. Realmente, quem com ferro fere, com ferro será ferido, sem ter que discutir com quem quer que seja, porque dentro de cada um estão as Virtudes Divinas e as leis de Causa e Efeito.

O CRISTO - Os Cristos que mandam nas meta-galáxias e nos sistemas planetários, ou nos planetas, são espíritos ou almas que se elevaram acima das injunções materiais e animais. Os Cristos dão exemplo de unificação, de sintonia com a Divina Essência ou Deus, vindo a ser reflexos ou filtros de Sua Vontade. Todos os espíritos devem crescer em si mesmos, desenvolver, superar a Matéria, ultrapassar os limites de tudo quanto seja restrição. Pouco importa que falem da Terra ou dos infínitos mundos, pois uma é a lei e um o grande problema — superar, por evolução, a tudo quanto restrinja o Espírito.

LEI E JUSTIÇA — Entre o Pai e os filhos está a Lei de Equilíbrio, a Força que impõe a Vontade de Deus. Os nomes podem variar, mas a essência é aquela. A Justiça é a reação da Lei de Equilíbrio, é a imposição da sanção cominativa, e, por menos que pareça, vem de dentro, vem do imo. As organizações diretoras do mundo espiritual, mais não fazem do que obedecer ao imperativo do que brada e proclama no íntimo de cada espírito. Quem comete faltas se enche de marcas, de registros, e, portanto, fica na obrigação de repará-las, através das ações, no Espaço, no Tempo e nas vidas. Não existe redentor de fora para os registros criminosos de dentro.

A LEI DE DEUS — Os Dez Mandamentos são o reflexivo intelectual da Lei de Equilíbrio ou de Causa e Efeito. Para derrogar os Dez Mandamentos seria necessário dar fim ao Equilíbrio Universal. O Divino Exemplo de Jesus, o Cristo Planetário, serve de escola. Ele não veio para derrogar a Lei e sim para testemunhá-la. E para derrogá-la, seria mais do que Deus, o que seria ridículo pretender ser. Afinal, irmãos, aos filhos o que cumpre é respeitar as leis do Pai. Quem contraria a Lei de Deus, naturalmente registra em si agravos, perante a Lei de Causa e Efeito, ficando na obrigação de algum dia reparar as falhas, ressarcir os débitos. Os conceitos humanos podem variar, mas ninguém jamais conseguirá discutir com a Lei e liquidar com a Justiça.

O AMOR E A SABEDORIA — Tais são os caminhos da unificação, da sintonia com o Pai ou Essência Divina. Os Cristos são espíritos que lavraram em si, por envolvimento íntimo, a união com a Sagrada Origem. Tornam-se, aqueles que a tais postos hierárquicos se elevaram, os reflexos ou filtros da Divindade. Sem Amor não há Paz e sem Sabedoria não há Autoridade. Ninguém pretende conquistar o Amor e a Sabedoria à custa de patacoadas clericais, idolatrias, superstições, simulações e sacramentismo, inventados por homens. Os problemas do Conhecimento e do Amor devem ser resolvidos no imo, à custa de viver a vida com o máximo de utilidade ao próximo, pois no modo de tratar ao próximo, conhece-se o respeito da criatura pelo Criador. Clerezias, formalismos e idolatrias, revelam os homens que são como túmulos, pintados de branco por fora e podres e fedorentos por dentro. Deus não quer aparências, quer filhos decentes.

LEIS CONSEQÜENTES — As Leis conseqüentes são todas aquelas que derivam das leis fundamentais. Por exemplo, para resumir, devemos lembrar as seguintes: imortalidade, evolução, responsabilidade, reencarnação, comunicação e habitação universal.

IMORTALIDADE — A imortalidade comporta todas as regalias e todos os deveres, porque encerra a ORIGEM, o PLANO EVOLUTIVO e a SAGRADA FINALIDADE.

EVOLUÇÃO — Pode-se dizer o processo de movimentação íntima que tem por finalidade desenvolver e patentear as Virtudes Divinas do filho de Deus. Por Evolução virá a ser uno, isto é, será brilhante, glorioso e poderoso; será filtro ou reflexo da Divina Autoridade.

RESPONSABILIDADE — Sem responsabilidade não haveria como ter merecimentos. As leis regentes explicam as responsabilidades. Os conceitos humanos poderão variar, mas as leis jamais serão derogadas, e, conseqüentemente, as criaturas nunca deixarão de ser responsáveis perante as leis do Pai. Sem deveres não haverá jamais direitos.

REENCARNAÇÃO — Esta é a verdadeira válvula evolutiva e redentora do espírito. Por isso mesmo, todos os Grandes Reveladores foram categóricos em afirmar a lei de reencarnação. Jesus, tendo vindo para batizar em Revelação, forneceu a toda a carne o instrumento de advertência, ilustração e consolo. Quem cultiva a Revelação de tudo ficará ciente.

COMUNICAÇÃO — Antes do Cristo vir, com Seu batismo de Espírito ou Revelação, as Escolas Esotéricas mantinham o lume das informações. Depois do Cristo, não há motivo para segredos, desde que se conheça, de fato, o Cristianismo. Sendo LEI, AMOR e REVELAÇÃO, contém tudo para ilustrar e consolar.

HABITAÇÃO UNIVERSAL — Os mundos são as muitas casas do Pai, segundo a expressão de Jesus. O problema cinge-se ao da Matéria, que é para servir ao Espírito. Portanto, não encerra o problema nada de especial ou de admirar. Os espíritos infantis fazem de tudo mundos e fundos, mas a realidade é simples. Da Terra são vistos ao longe outros

mundos e dos outros mundos a Terra é vista; e o Infinito contém aquilo que é Criação ou Manifestação de Deus, o nosso Pai Comum. Os homens inventarão teorias, sistemas, etc. No entanto, a grande questão é ser bom, é descobrir o AMOR e a SABEDORIA no íntimo, para revelar o Poder Divino, a Glória do Pai. Os tolos olham muito para fora, criam dificuldades, inventam mil e uma hipóteses, enquanto os espertos procuram realizar o Reino de Deus no próprio imo. Estes é que vencem as leis menores, as restritivas, pelo fato de sintonizarem, no imo, com a Grande Lei de Harmonia Universal.

MEDIUNIDADE — Nos fundamentos é lei de relação, cumprindo funções as mais complexas em toda a Criação. Ela vai aos píncaros da função, nos domínios do Espírito, ao relacionar o filho com o Pai. Como, porém, as complexidades cármico-evolutivas envolvem as criaturas, é infinitamente difícil aquilatar um simples caso de mediunidade, de maneira absoluta. Servindo à Lei e à Justiça, ela produz o gênio e o mentecapto. No dia em que formos unos com o Pai, ela nos fará conscientes de Sua Vontade e portadores de Suas Graças. Durante a encarnação, muitos filhos desprezam a mediunidade, pensando como não devem pensar, sendo que muitos a exploram de modo simplesmente criminoso. Todavia, feliz do filho que se faz virtuoso, que procura no Amor e na Sabedoria a solução do problema celestial, pois esse filho estará se propondo à melhor utilização da lei de relações, que se manifesta como mediunidade, por alguns chamada dom espiritual, faculdades intermediárias, etc. O certo, no entretanto, é que ela transcende a tudo quanto possam os homens de presente século afirmar. Ela é muito mais do que eles julgam e tem mais o que fazer, além de vir a ser um dia, aquilo que a linguagem humana é incapaz de expressar.

O GRANDE PROBLEMA — O grande problema reside no seguinte — saber que cada qual tem em si mesmo o Reino do Céu, porque é filho de Deus; saber que o Reino não virá com mostras exteriores, porque no imo de cada filho estão as Virtudes Divinas a serem desabrochadas e as leis de Causa e Efeito, que obrigarão a cada um receber segundo as suas realizações íntimas. O Infinito está representado no finito, quer material, quer espiritual-mente. Os corpos valem pelos mundos e os espíritos representam as partículas de Deus; e aquele filho que procura o Pai em si mesmo, fazendo uso perfeito do seu corpo, é como aquele que sabe para que existem os mundos espalhados pelo Infinito. Sem vencer a Matéria,

sem ultrapassá-la, nenhum espírito chegará a ser UNO COM O PAI. A lei da reencarnação, que relaciona com os corpos materiais, bem assim como os mundos materiais, deverão ser eliminados pela lei de superação psíquica. Eis porque, irmãos, singela é a lei evolutiva, em suas linhas gerais; tanto faz que seja na Terra como em qualquer outro mundo, desde que o espírito tenha que superar a própria inferioridade; psíquica é a luta, íntima é a obrigação, individual é o programa.

E sabendo que ali se agrupavam legiões de errados religiosos, de gente que se valeu do nome de Deus, do Cristo, da Verdade e do Bem, para cometer tremendos delitos, em tom paternal observou:

Tendes olhado muito para fora e para os cultos exteriores; tendes crido mais no que é superficial do que no essencial. O convite, agora, nos portais de novas imersões na carne, é para o bom entendimento. Procurai não desviar da Lei, do Amor e da Revelação, porque aí tereis o Cristianismo do Cristo. Ponde Sabedoria e Amor nos vossos atos, abandonando a tudo quanto seja formal, exterior e idólatra; não vos curveis, diante de roupagens, de rituais, de simulacros, de homens que fazem da fé meio de vida e jogo de vitórias temporais. Consultai bem o cérebro e o coração, em face de vossas atividades para com o próximo, tendo em mente que Deus não olha para oferecimentos capciosos, não tem necessidade de babuges, jamais desejou ser adulado, nunca pediu ofertas quitandeiras. Dai ao próximo Sabedoria e Amor, considerando que a finalidade gloriosa vem pelas trilhas do Conhecimento e da Pureza. Honrai ao Pai através de ações humanitárias, de atos piedosos, de vibrantes demonstrações de fraternidade.

Soaram os clarins, que rodeavam o coreto; e o coro entoou belíssimo hino, fazendo estremecer nossos corações.

Cessando o hino, subiu ao coreto um outro vulto, que também forçou a mudança da coloração ambiente; este infundiu brilho alvinitente, com ligeiros matizes dourados, revelando supremacia hierárquica bastante acentuada.

E no regaço daquele silêncio absorvente, sua voz musical e potente ecoou, para dizer apenas:

“O problema da Sabedoria, não poderá ser equacionado pelo prisma da inconsciência; a libertação não virá dos exercícios agrilhoantes da

mistificação, por mais que se os cultive com o máximo de boa-vontade; ninguém chegará a refletir a Verdade Total, sem que alije de si o coscorão dos cultos retrógrados, dos religiosismos supersticiosos, das práticas que têm, no curso das eras, arraigado o homem ao tropel dos fetichismos e das superstições, da sujeição do espírito diante das vestes fingidas, do pau e da pedra, dos rituais ao que é subalterno jamais se aproxima do que é sublime, e, como resultante, nunca se libertará dos grilhões inferiores. Se quereis ser espirituais, abandonai ao que é material e formal; embora a luta tenha que ser titânica, as recompensas cobrirão os esforços. Será possível, irmãos, pretender o Reino do Espírito enquanto se reverencia o mundo material, animal e propenso à mediocridade?”

Este não desceu, não foi visto sair para lado algum; este transformou-se em formidando e glorioso luzeiro, a ponto de nos obrigar a baixar os olhos e cair em fervorosa oração de agradecimento ao Pai, que por um Seu tão envolvido filho, nos oferecia a graça de tamanha bênção, a visita de Sua Glória.

Quando a tremendíssima claridade findou, até o coreto havia sumido. E os nossos cicerones foram nos entregando em nossos respectivos lugares de habitação e trabalho. Foi, aquela, uma jornada gloriosa, um aviso do Céu a muitos candidatos a reencanação, nos primórdios do século vinte, com o fito de forçar grande surto mediúnico. Eram os grandes errados religiosos dos séculos anteriores, até mesmo de milênios idos, que volveriam ao plantel da carne, a fim de, trabalhando na Seara Consoladora, conseguir os indispensáveis deveres de reequilíbrio íntimo. Os truculentos inimigos, os sanguinários perseguidores da Lei, do Amor e da Revelação, voltariam ao mundo para se consertarem, trabalhando nas hostes da Lei, do Amor e da Revelação — do Espiritismo Cristão!

Alguns ficaram no mundo espiritual, a fim de serem os mentores e guias daqueles que reencarnaram. Eu fui um deles. Agora, porém, que o meu tutelado está de malas prontas para cá, eu terei que arrumar a minha bagagem para substituí-lo. É da Vontade de Deus, e é muito grato fazê-lo, porque é indispensável e intransferível. Em Deus e na Sua Obra não existem milagres, e sim leis.

Todos os filhos de Deus aprendem à custa de leis. Nisto, irmãos, ponde todo o vosso penhor de atenção, porque a Deus, nas profundidades íntimas, ninguém vai a não ser através das leis regentes da Criação.

É comum ouvir falar no Cristo como síntese da Verdade, como Divino Modelo, como Exemplo a ser imitado; bem pouca gente, todavia, lembra que Ele afirmou, em todos os tempos de Sua vida pública, de Seu messianato, a condição de cumpridor da Vontade do Pai, de simples e humilde transmissor de informes. Quantas vezes afirmou que transmitia a Doutrina do Pai, por realizar na Terra a Vontade d'Ele? Quantas vezes está dito que se recolhia para orar? E, lembrando que os livros canônicos apresentam apenas o resumo de oitenta e sete documentos escritos sobre a personalidade e a função missionária de Jesus, por aí podeis avaliar o quanto os Evangelhos representam apenas a síntese e com incorreções, algumas espontâneas e outras propositais. Realmente, Jesus não escreveu e nem deveria escrever, porque a Doutrina do Pai ficaria assente sobre a tríplice virtude, sobre os três fatores de fato inderrogáveis pelo homem — a Moral da Lei de Deus; a sublimidade do Amor que diviniza; e a fonte viva de advertência, ilustração e consolo, que é a Revelação ou batismo de Espírito.

Essas três virtudes ou leis, ou esses três modos de alerta, graça e instrução forçam a saber que, sem ser através das leis, ninguém jamais irá ao encontro da VERDADE INTEGRAL, de Deus em Sua Essência. E como Deus é infinitamente íntimo, é impossível arranjar outros caminhos, para atingí-LO, que não sejam as leis e os seus fenômenos decorrentes. Todos os filhos, para chegarem ao topo da escala biológica, transitam pelas vias relativas, caminham pelos sendeiros da Natureza, experimentam todos efeitos dos ambientes relativos, todas as sensações oriundas de quantas contingências possam os meio-ambientes oferecer.

O Cristo Cósmico, ou Grau Crístico, saibam, é o Divino-Extrato, é a Súmula de todas as leis contingentes, redimidas ou dirimidas pelo Trabalho. E Trabalho significa apenas elaboração ou fermentação íntima, aquilo que se dizia e se diz AUTOFAZIMENTO. Nisto repito, que importa considerar — cada qual será o seu redentor ou divinizador, porque de Deus vêm os valores em potencial e dos Cristos Planetários vem apenas a Mestria ou o Divino Exemplo.

Quem desconfiar desta afirmativa, faça de duas uma ou as duas provas de uma só vez — consulte quanta gente há, nos abismos do mundo astral, clamando Senhor! Senhor! e não tendo quem a escute, porque iníquas foram as suas obras, mesmo tendo uma crença ou sectarismo. Ou, então, faça as suas asneiras, mesmo tendo o seu religiosismo, para logo mais experimentar o inferno interior, de modo todo prático, todo inconfundível e irretorquível!

Tudo, nos grandes espíritos, representa a auto-superação.

Tudo, nos Cristos Planetários, representa Administração Intelecto-Moral e veiculação de leis fundamentais. Devendo ministrar a Lei, pelos seus múltiplos escaninhos, os Cristos Planetários não são responsáveis pelas liberdades individuais de Seus tutelados. Em face da Lei Geral de Equilíbrio Universal, cada qual se define e responsabiliza-se totalmente.

Quem respeita nos Cristos Planetários a função orientadora e modelar, faz honra aos mesmos!

Quem atribui aos Cristos Planetários qualquer função redentora, pode pretender agradar, bajular, engodar; mas é certo que o fará inutilmente, porque nem a Deus e nem ao Cristo poderá alguém convencer com suas babuges e capciosidades!

O Céu quer caridade e não sacrifício.

A Lei de Deus, da qual Jesus foi o perfeito exemplificador, apela no sentido de atos decentes, de ação inteligente, pois que contém as três maiores advertências:

- a) Não cometer idolatrias quaisquer!
- b) Ser decente na conduta social!
- c) Respeitar a Revelação!

E o Cristo terrestre, como Divino Exemplo, deu provas disso tudo, pois a Doutrina que transmitiu aos homens, Seus irmãos, tem fundamento na Lei, no Amor e na Revelação.

Quem vive em regime de idolatria, por mais bem intencionado que seja, nunca poderá atingir os píncaros da espiritualidade. Voltará ao plantel carnal, tantas quantas vezes sejam necessárias, até alijar de si os últimos resquícios de culto exterior, de adoração a Deus através da Matéria.

Quem, pensando em ser mais e melhor do que o seu irmão, desprezá-lo, pretendendo com isso lavrar melhor contato com o Pai, nunca poderá atingir os altos planos de espiritualidade. Ele voltará à carne, para aprender na duríssima escola da vida, o quanto representa o AMAI-VOS UNS AOS OUTROS.

Quem, julgando ser sábio, diga coisas contra a Revelação, jamais escalará os melhores postos da erraticidade. Ele voltará e trilhará os caminhos do mundo, vindo a necessitar da comunicabilidade dos espíritos; isto é, ele dará testemunho do batismo de Espírito, da água viva trazida pelo Cristo para toda a carne. Porque o batismo de Espírito veio na hora cíclico-histórica, para livrar a Humanidade dos caminhos da materialidade, do animalismo e da brutalidade, para onde a estavam conduzindo as clerezias idólatras, políticas e comercialistas. Além do mais, quem tiver mente de entender, que entenda — a

evolução representa a infusão dos dois planos da vida planetária. É forçoso que a Revelação faça a sua parte, que é forçar aos poucos a convivência mútua entre o mundo astral, de onde a Humanidade encarnada procede, e o mundo temporal, de onde terá que sair um dia, para retornar a Ele.

De Jesus Cristo para cá não cabem as clerezias, as idolatrias e os insultos à Revelação. Como, porém, no século quatro perverteram a Excelsa Doutrina, ou fizeram com que a porca lavada de novo se revolvesse no lodaçal, ou que tornasse o cão ao vômito, eis que sob o aguilhão de tremendas desgraças, terá a Humanidade que responder pelo tremendo delito. Do século dezenove em diante, depois dos trabalhos de sapa, foi eclodindo o novo Pentecostes, a maior eclosão mediúnica da História. E com os embargos que lhe começaram a criar, com a nova perseguição ao Divino Mestre, levantou a Humanidade contra si o rigor da Força Equilibradora do Universo. Coisas dolorosas vieram e ainda virão, porque a blasfêmia contra o batismo de Espírito não passará sem causar abalos terríveis e dores violentas.

A segunda vinda do Messias é através das nuvens ou falanges espirituais. Ele disse legiões de anjos. Quanto ao modo de dizer, na Bíblia diz espírito santo e espírito imundo, enquanto que agora dizemos espíritos de luz ou espírito de treva e sofredor. Variam as palavras, mas a essência é totalmente igual.

Ninguém poderá atingir o grau crístico, a menos que use do AMAI-VOS UNS AOS OUTROS de maneira racional; isto é, no âmbito da Lei, do Amor e da Revelação. Nisto importa haver discernimento, pois obrigam a que se façam as devidas classificações ou seleções, em virtude da lei das gradações hierárquicas ou de responsabilidade segundo a evolução. Que faça a criança as suas criancices, seja muito bem; mas é ridículo que o adulto, a título de fraternidade passe a imitá-la.

Bem podeis observar que, em virtude de falsas concepções, muitos adultos se entregam ao ridículo de tais práticas. Normalmente, ou decentemente, cumpre ao adulto ensinar e guiar a criança para melhor; nunca porém, imitá-la em suas infantilidades. Ser simples é uma coisa, ser inconsciente é coisa muito diferente! Reconhecer a necessidade de tolerância, para com os atos infantis, isso é comum; o que porém fere a lei de responsabilidade hierárquica é o endosso à infantilidade em obras de imitação.

Não façam confusão os homens, porque a Lei de Equilíbrio não a aceitará. Não batam palmas à involução, a pretexto de fraternidade.

Assim como armar o braço do delinqüente não é obra de fraternidade, assim também não é fraternidade bater palmas a mediocridade, pelo fato de ser um irmão aquele que a pratica. Lembremos que o Divino Modelo, o mais manso e humilde, enfrentou insultos, perseguições e a cruz, para dar testemunho da Verdade; caso contrário, a pretexto da fraternidade teria concordado com o clero levita, com os vendilhões dos templos, com os hipócritas, com os túmulos caiados por fora e fedorentos por dentro... Não tomeis a Jesus como exemplo de ignorância e de pusilanimidade, se isso vos parece que fica bem, pela vossa falta de senso discernitivo, de melhor compreensão dos fatos e de um pouco mais de respeito pela vossa própria melhora.

Os que ficam com o mundo, por certo não são os que defrontam as crucificações que o mundo prepara, para aqueles que com ele não se identificam. Na hora de martírio, o Justo estava pregado entre ladrões e muita gente fitava-O de baixo. As concepções variavam ao infinito, no seio da Humanidade ali representada; porém, a Lei estava ainda acima de concepções, e, por isso, a pedra desprezada ficou sendo a cabeça do formidando e glorioso edifício!

Antes de concordar com o próximo, pelo simples fato de ser próximo, tomai cuidado. Porque é certo que mais é a Lei do Equilíbrio, que vos responsabiliza pelo comportamento. A Lei é acima de cogitações, enquanto que o próximo das coisas, não inverta os termos e não vos faça destrambelhar. Procurai melhorar o próximo, buscai consertá-lo com a Grande Lei de Harmonia; porém, fazei-o com muito discernimento, para que ele, servo das trevas, não mude o rumo das coisas, não inverta os termos e não vos faça destrambelhar.

Grande errado que fui, cumpro função dizendo verdades tais, enquanto que aproveito o ensejo de afirmar o seguinte, de caráter pessoal — minha palavra, como advertência, prende-se aos traços espirituais ou problemas de fé. Porque falem em Deus, no Cristo, na Verdade e no Bem, não deis crédito aos homens; observai se de fato estão com a Lei, com o Amor e com a Revelação. Vede se trilham os caminhos do Amor e da Sabedoria. Consultai se objetivam a Pureza e o Conhecimento. Porque, realmente, muitas são as aparências e poucas são as evidências de respeito à Verdade. Como errado eu fui, digo que convém ter muito cuidado com o fermento dos clérigos e dos fariseus, de qualquer lugar e tempo. Tende cuidado com os rótulos, evitai as encenações, fugi das figuras de fachada!

Atendei para isso — se Jesus tivesse grandes posses mundanas; se contasse com altas nobiliarquias humanas; se um grande exército imperialista

e sanguinário estivesse em Sua defesa; se quisesse triunfar diante das misérias do mundo, por certo não teria ido para a cruz, pelos motivos que foi. Entretanto, vede bem, os pés de preferência descalços ou mal calçados; a túnica opalina e inconsútil dos Essênios ou Profetas Hebreus; e o fato de não ter onde reclinar a cabeça, não Lhe fizeram agravo perante Deus, não O menosprezaram diante do Pai. Desconhecido pelos homens; desrespeitado pelos donos de religiões; aviltado pelas autoridades temporais; e discutido pelos homens dos séculos consecutivos, ali estava, entretanto, o Excelso Espírito que sempre foi o Diretor Planetário!

Onde, pois, houve muita saliência dos coscorões do mundo, tende cuidado de vos aproximar. Eu e muitos outros, que temos falado pela Série do Céu, dando testemunho do batismo de Espírito e advertindo contra os erros do mundo, fomos bastante rotulados, muito mais galardoados do que Jesus... Nós tivemos tudo quanto o mundo poderia dar, porque tínhamos as duas autoridades, a temporal e a religiosa. E, com todas aquelas importâncias, cavamos abismos, trevas, fedores e cruciantes agonias de espírito!

Como estou falando de parceiros de infelizes jornadas, a companheiros de horas menos recomendáveis, falo com simplicidade e sem temores. Porque, com as luzes do Consolador, que normalmente é instrumento de advertência, ilustração e consolo, é fácil fazerdes um auto-estudo, consultando se tendes o coração unguido de Amor e o cérebro farto de Sabedoria. Se dessas virtudes libertadoras não tiverdes armazenadas, de nada vos adiantarão os rótulos e as nobiliarquias do mundo. Quando as luzes temporais forem abandonando os vossos olhos carnis, as trevas do mundo espiritual virão substituí-las. Deixareis os altos cômodos do orgulho, do egoísmo, das aparências mundanas, para baixardes aos abismos da subcrosta, ou para continuardes na densa atmosfera da crosta, caso as culpas não tenham sido lá muito agravantes.

Da parte de quem orienta o imenso trabalho de Restauração e de Consolidação, transmito a palavra de ordem, convidando a tomar Jesus Cristo por Modelo a ser imitado. Exemplo do Caminho, da Verdade e da Vida, assim ordena que vos faça e divida a lembrança — como vida, honrai-vos para nisso honrardes ao Pai, a Divina Fonte; como Verdade, conheci-A para servi-LA, conforme o Seu Divino Exemplo, mesmo que custando qualquer espécie de crucificação; e como Caminho, fazei tudo para segui-LO, a fim de que, mesmo sendo molestado até a morte, possais chegar ao fim da jornada exclamando aqueles palavras:

“PAI, TUDO ESTÁ CUMPRIDO. EM TUAS MÃOS ENTREGO O MEU ESPÍRITO”.

Considerai, entretanto, que não é grande o número dos que podem assim dizer, equipados de valores adquiridos, harmonizados com a Grande Lei da Harmonia. Pelo contrário, grande é o número dos que se projetam no rumo da vida de aquém-túmulo, sobrecarregados de inconsciência das Verdades Básicas, saturados de más obras, embutidos na rebeldia, inimigos de sua paz. É doloroso o espetáculo que a Humanidade terrícola apresenta, em matéria de reconhecimento de suas validades de filha de Deus; portanto não se porta nas obras, como chega a saber teoricamente. Ao que pretende que seja religião, quando muito cultiva pelo prisma da rotulagem, da aparência, das posturas físicas, produzindo de quando em quando umas manobras de joelho e de palavras automaticamente expressas.

A crença em Deus é para encapar e acobertar com desculpas a preguiça de ser trabalhador fiel, produtor de bons serviços, cooperador de Obra Divina. Quando se encontra um crente, quase sempre se encontra alguém que faz das afirmações teóricas o motivo das isenções de ordem prática; proclamando que existe um Deus, isso basta para justificar a ignorância das leis e da obrigação dos atos de fraternidade que ficarão sem cumprimento.

A Verdade não representa as leis, os meios de ação e de soerguimento, para si e para o seu próximo, pela grandeza simples do exemplo generoso; ela é aquilo de que ele tem alguma certeza da existência, todavia estando longe, sabe Deus em que paragens do Infinito, por isso mesmo é que fecha os olhos para o trabalho de solidariedade imediata. Não reconhece mais do que a sua pança, o seu bolso, o seu orgulho, a sua vaidade, os seus familiares imediatos. A chaga, a lepra, a cegueira, o pranto, a viuvez, o analfabetismo, tudo, enfim, que deveria servir de alerta, de advertência, de conselho, de realidade que a Divina Sabedoria espalha á frente de uns, enquanto fornece elementos de ressarcimento para outros, tudo isso, digo, não lhe constitui observação, não lhe fala do porvir inelutável, nada lhe importa como escola de aprendizados práticos e indispensáveis ao serviço de harmonização.

A grande procissão humana, que deveria encarar a encarnação como bendita oportunidade de serviços auto-iluminadores, como fonte natural de esplendrosos desenvolvimentos, uma vez imersa no seio da penumbra carnal, apenas atende aos imperativos dos mais imediatos interesses, dos instintos menos edificantes, quando não calha de se entregar totalmente aos atos que consolidam a rebeldia contra os Mandamentos da Lei. E ao deixar a veste grosseira, a ferramenta de tantos recursos triunfantes para quem sabe valorizá-la, o que acontece é tenebroso, porque ao fechar dos olhos carnis, muito mais ainda se fecham os olhos do espírito! Como tudo é por peso específico, porque a Justiça Divina não vem de fora, mas atua de dentro para

fora, eis que temos o descuido transformado em treva, eis que vamos encontrar a oportunidade de edificação transmutada em oficina de pranto e ranger dos dentes!

Tudo no homem-físico é flexível, facilita olhar para baixo, para cima, para os lados; tudo nele favorece a oportunidade das melhores e menos adiáveis obrigações libertadoras. Mas ele passa a não enxergar o trabalho, porque não pondera sobre as leis que lhe puseram no caminho os aleijões e os oprimidos de variada ordem. Os olhos não vêem, os ouvidos não ouvem, a inteligência distrai-se com os afagos enganosos do mundo e dos instintos grosseiros!

Já não basta que seja incapaz de sacrificar suas fortunas, de posse e de saúde, em benefício dos miseráveis de fortuna e de benesses físicas; é que, cidadão devotado aos desregramentos, afeiçoado ao apostolado da negligência espiritual, o seu coração não sente e a sua mente não concebe a necessidade de perdoar e de renunciar. Espera do Cristo os favores do mistério e do milagre, esquecido de que estes nem para o Cristo existiram, pois o Modelo aplicou-SE à obra de socorro aos sofridos do mundo, findando Seus dias no topo da cruz, crivado ainda de insultos e de reptos blasfemos!

Todavia, nem do imediato, em benefício próprio, consegue lembrar, tomando exemplo Naquele que de fato o é, do mínimo ao máximo; não procura prender a lição da realidade que o Céu apresenta e ensina através do Cristo-Trabalho. Não observa a presença de um anjo ou espírito, na hora cruciante, servindo de amparo ao Modelo em conhecimento e obras. A lição do Céu, que o historiógrafo sacro registrou, essa passa despercebida, não lhe fala ao cérebro farto de sortimentos mórbidos e nem ao coração preso de introversões condenáveis. Ali, onde Lucas alinhou as palavras que bem revelam a posição do trabalhador em face do mundo, tendo por instrumento de advertência, fortaleza e amparo a bênção do mundo espiritual, ali é que a negligência não deixa perceber a importância dos contatos com a esfera direcional, com a Suprema Autoridade.

Jesus pediu a transferência do amarguroso cálice, não tendo sido aceita pelo Senhor, que sabia das necessidades da lição a permanecer entre os demais filhos do Seu Poder e Santos Desígnios; mas enviou aquele anjo ou espírito poderoso, que consolaria, na hora suprema, o maior dos Mensageiros da Sabedoria e do Amor.

*“E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos,
orava:*

Pai, se queres, passa de mim este cálice; porém não se faça a minha vontade, senão a tua.

Então apareceu um anjo do céu, que o confortava”.

Tudo segundo leis, tudo através de leis! Ali estava o testemunho da Revelação, do contato entre os dois planos da Vida, a fonte viva de socorros vários, porém no âmbito das leis de Causa e Efeito, segundo as necessidades instrutivas e cármico-evolutivas, quer da Humanidade toda, quer de cada filho, em suas necessidades e obrigações.

Por que pediu o Divino Modelo a passagem da crucificação?

Por que o Pai não O quis ouvir e atender nessa rogativa angustiante?

Por que enviou-Lhe um anjo ou espírito consolador?

Nas bases da ORIGEM, do PLANO EVOLUTIVO e da SAGRADA FINALIDADE estão as leis de Deus; importa que se cumpram todos os itens da tramitação evolutiva! Importa que os maiores, os mais capazes, façam tudo em benefício dos menos capazes, mas em ofertas exemplares, nunca em milagres misteriosos e fazedores de santos por favor! Conhecimentos, experiências, ensinamentos, renúncias, ofertas instrutivas de toda sorte e ordem!

Pedir é natural dos filhos em face do Pai; mas o Pai, que é Onisciente, sabe de tudo e dispõe conforme sua Justiça Integral. Oferece consolo através de Seus Mensageiros, para que Seus filhos, maiores e menores consigam realizar o programa pré-traçado, ou recuperando equilíbrio, ou deixando as lições do Amor. Cumpra aos filhos reconhecer as fronteiras existentes entre o direito e o dever, entre a obrigação de exemplificar e o consolo a merecer, consoante a capacidade de se oferecer como servidor fiel. Na hora o Pai envia consolo e, para mais tarde, reserva a coroa da vitória!

E o filho consciente, quando é consciente, acata o consolo que vem pelo canal dos contatos interplanos, que a Revelação sintetiza, pondo a funcionar a sua fé construtiva, a sua fé certa, a sua crença-trabalho. Já não é apenas alguém que se entrega ao remoinho da vida amorfa ou mecanizada, fincada no seio de um automatismo de que não tem conhecimento; agora, articulado como plano espiritual, de onde lhe vem de Deus a bênção do Consolador, através dos espíritos servidores, o filho investe na direção do trabalho e triunfa em virtude do seu devotamento.

Ignorando ou recuando, tudo seriam fracassos e trevas!

Disso poucos se lembram, enquanto são peregrinos pelo mundo, gente que se comprometeu antes de renascer. E é por isso que afirmamos, ser a morte uma funcionária indiferente, zelosa, fria de seus misteres, pouco se abalando ou nada, ao entregar bem poucos às esferas de paz e muitíssimos aos baixios trevosos!...

Sem dúvida que há muita diferença entre divisar a realidade pelo vosso ou pelo nosso prisma; daí para cá prevalecem as muitas dúvidas, os mortificantes anseios que se desfazem, pelo fato de não terem os encarnados uma fonte de milagres ao dispor... Daqui para aí, no entanto, a visão é clara, profunda e objetiva a mais não querer.

Quem, porém, vive desprezando a Graça da Revelação ostensiva, trazida para toda a carne, inclusive para os baixios do mundo espiritual? Se a cegueira clerical e idólatra vos mata pelo materialismo, pela animalidade e pelo brutalismo, onde tendes o senso de lógica, onde metestes o discernimento, para dizer que a Revelação, o batismo de Espírito é obra demoníaca?!

Na hora cruciante, o Divino Mestre abraçou o consolo de um espírito enviado pelo Pai; enquanto isso, a grande maioria repete que a Revelação é coisa de Belzebu. Pela contradição e pela blasfêmia, quem responderá?

Eu, como vos disse, trago comigo os estigmas da corrupção doutrinária; porque andei metido no quadro daqueles que engendraram, em nome de Deus, do Cristo, da Verdade e do Bem, uma religião que fosse fonte de obediência e de renda ao nosso torrão natal, assanhado nos seu ímpetos imperiais, em detrimento da Excelsa Doutrina. Todavia, séculos passados, em que faz a Humanidade a sua demonstração de melhor discernimento e propósitos de melhora?

Quem se dispõe a extirpar, a desarraigar de si os grilhões da idolatria e dos manobrismos mórbido-sectários, a fim de se libertar da mediocridade e contribuir para a libertação da Humanidade?

Não é certo que pretendeis unir as crenças em base de conchavos religiosos, de práticas inversas à Lei, ao Amor e a Revelação? Não é certo que pretendeis realizar a unificação dos credos, em detrimento da vossa união com a Verdade que livra, ela que não tem coisa alguma com os conchavismos humanos, conchavismos que vos fazem bater palmas para todos quantos erros e absurdos sejam apregoados?

Por que, enfim, virais as costas à inconfundível Excelsa Doutrina, que tem por alicerce a tríade inderrogável, para vos entregardes ao conúbio das manhas mundanas, que se abraçam na obra nefanda dos desvios clamorosos?

Deu-se o Cristo ao trabalho horroroso de perfilhar os interesses do Sinédrio, de lastrear o jugo do clero levita, de endossar a hipocrisia dos farieus, ou de mancomunar com o Imperador de Roma?

Para quem sabe de Doutrina, o que mais lhe deve importar, do que vivê-la diante do mundo, para servir de luzeiro das gentes? Se tendes a Moral da Lei; se possuíis o Amor como supremo instrumento de vitória; e se sois os novos depositários do Consolador repostos no lugar, que mais vos cumpre, senão ficar no devido lugar, trabalhando pela eliminação dos erros e das falsas concepções religiosas? Afinal, sois ou não os obreiros Daquele Deus que é Espírito e Verdade, assim desejando que venham a ser os Seus filhos?

Imaginai, acaso, que bater palmas à idolatria e aos desmandos religiosos em geral, constitua obra de verdadeira fraternidade? Julgai, que, trocando os deveres para com a Verdade que livra, em abono dos engodos sociais, estejais fazendo aquilo que vos recomendará perante a Lei de Equilíbrio? É, por acaso, de servidores dessa ordem que o Pai deseja, para os trabalhos de emancipação do mundo?

Bem sei, irmãos, que a minha vontade seria fazer-vos melhor do que a mim mesmo, na consciência dos deveres, nos atos de filho de Deus; gostaria de ver-vos em destaque, na vanguarda dos luminares da Terra, dando exemplos de sublime espiritualidade, em lugar de vos surpreender em delito, curvados aos engodos do mundo, sujeitos à simulação, atrelados ao carrilhão dos fabricantes e vendedores de idolatrias. Sei que, de qualquer modo, ninguém atingirá os altos planos da espiritualidade, enquanto estiver ligado aos cultos religiosos inferiores, enquanto for crédulo aos fetiches, sob pretexto religioso ou para ser agradável a quem o seja, imitando-os.

O ideal seria viver para isto:

- a — Para com Deus, que é Espírito e Verdade, que é infinitamente íntimo a toda a Criação, manter a ligação mais intensa, de cérebro e de coração, empregando assim todo o poder intelectual e emotivo a bem da intenção religiosa. Porque, afinal, fora disso o que ocorre é idolatria, é superstição, é fetiche, é paganismo e é comercialismo dos vendilhões dos templos. E ao penetrar o espírito na esfera da alta intuição, ou da sintonia íntima, tanto mais se afasta de todo e qualquer ato de simulação, a pretexto de adoração;
- b — Para com a matéria em geral, observar o uso mais honesto, considerando que só os espíritos infantis e medíocres diante

dela se curvam, creditando-a como se fosse autoridade espiritual ou mais do que o espírito;

- c — Para com o próximo, observar respeito, fraternidade e tolerância, perdão e renúncia, porém dentro das normas da Lei, do Amor e da Revelação. Não esquecer jamais, que estando contra os princípios básicos da Excelsa Doutrina, será impossível fazer prevalecer o conceito de fraternidade perante a Justiça Divina. Lembrar que Jesus, marchando em linha reta na direção da cruz, para exemplificar a Verdade diante dos irmãos terrestres, deu a verdadeira prova de fraternidade;
- d — Para com a palavra de Deus, que sempre foi a Revelação, e não as letras; suscetíveis de erros e de adulterações, manter o máximo zelo, reconhecendo que a mensageiria espiritual é segundo o merecimento dos filhos de Deus. Quem observa a Lei Moral e cultiva o Amor e a Sabedoria como instrumento de Pureza e de Autoridade, por certo obterá da Revelação as bênçãos da ilustração e do consolo conforme a promessa do Pai, que o Seu Ungido se encarregou de cumprir.

Essas as linhas gerais, a ordem que executada entregará o bom filho no seio da Harmonia, através da qual o Bom Pai com ele fará unidade; esse o Caminho do Senhor que, seguido, transformará o filho em reflexo, em filtro da Luz, da Glória e do Supremo Poder.

Estas minhas observações prendem-se ao fato de estar acompanhando, nestes últimos anos, uma caravana assistencial cuja função se desenvolve de preferência no Brasil, para onde o Senhor Planetário mandou serem baldeadas as forças máximas de instrução evangélica, de ordem afetiva, de Espiritismo social. Ora, tendo vindo para estas plagas os missionários da informação e do trabalho de caráter social, também nós tivemos o nosso deslocamento.

E como a ordem do Cristo se transformou num vasto organismo de trabalho, com milhares de postos de recepção nas vizinhanças da crosta, postos que se articulam com os Centros e Grupos onde a Revelação é cultivada em termos de Lei e de Amor, eis que temos, na retorta dos trabalhos, encontrado farta messe de provas favoráveis e desfavoráveis; de elementos fiéis ao mandato recebido e de gente onde o senso do dever deixou de habitar, trilhando assim o desfiladeiro das sombras e dos negros dias porvindouros.

O espírito que reencarna arrasta consigo o dever de obedecer à Lei como programa universal de conduta; e no âmbito da Lei Moral, o compromisso de funcionar conforme o programa pré-determinado, cujos itens

a consciência lhe ditará em todas as horas da vida. Aquele, portanto, que se fizer surdo aos clamores da consciência, tudo porá a perder. Trairá o seu direito, porque em obras traiu o seu dever!

Jonas foi por nós encontrado, em plena função ressarcitiva; por fora era um homem simples, operário cumpridor de seus deveres, médium de bons dotes e cidadão ponderoso, incapaz de agravar a felicidade alheia. Por dentro era um velho e empedernido sanguinário, laçao de fanatismos religiosos, um dos braços fortes da Santa Cruzada. Fora terrível chefe, impiedoso adversário, pelo que deixou o mundo em trevosas condições, porque a Lei de Deus não reconheceu fanatismos, como sendo demonstrações de virtudes espirituais.

Mourejando nas lides espíritas, como passista e curador, Jonas distribuía palavras de advertência, ilustração e consolo, cumprindo assim a função de servo do batismo de Espírito; ele estendia, sem saber ao certo como, o Evangelho até aos extremos da Terra, na parte que lhe tocava:

“Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e me sereis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da Terra”.

Com o concurso dos santos espíritos, Ele ensinava a Verdade e o Bem; quanto aos espíritos imundos ou trevosos, Ele lhes ensinava o caminho do arrependimento; e aos doentes encarnados, dizia que a cura deve começar do espírito. Tudo, pois, na órbita doutrinária ideal.

Observando-o em trabalhos, durante as reuniões do seu grupo, tinha-se pela dianteira o profeta em sua missão, bem assim o grande matador de séculos antes, submisso ao trabalho reparador. O trabalho redentor, a oportunidade que a Lei de Equilíbrio lhe conferia, estava sendo bem aplicada. Ele sentia que devia o máximo de bons trabalhos, embora ignorando os motivos pretéritos. Era a lei da reencarnação, tapando os olhos do devedor, para que ele trabalhasse com afínco em benefício próprio, sem as contrições que as culpas expostas lhe poderiam acarretar. Esquecido de seu passado delituoso, sentia-se honrado com a função mediúnica, transformando as culpas de ontem nas luzes do porvir, à custa dos esforços do momento, das luzes que espargia e das graças que prodigalizava, como intermediário das entidades socorristas que o dirigiam.

— Aí temos, — falou-me o instrutor do grupo, — um verdadeiro pecador penitente. Porque, afinal de contas, o pecador penitente não é aquele que se arrepende através de altas expressões teóricas; muito pelo contrário, é

aquele que se compenetra de seus deveres de reparação, reclamando oportunidades de trabalho fraterno, serviço de alcance ilustrativo e consolador. Alma que sofreu terrivelmente os efeitos da sangueira que produziu, sente brotar do imo a necessidade de esforços a bem dos semelhantes, sem atinar com os tremendos motivos que a reclamam. E nós o auxiliamos, de vários modos, coroando-lhe a benfeitoria com as graças da satisfação.

Um dos novatos, constituintes do grupo, admirou-se:

— Depois de tantos séculos, ainda está assim comprometido?!

Ao que respondeu o instrutor, com acentuada ponderação nas expressões:

— Há de reconhecer, ainda, quão grande é o número de almas gravemente comprometidas, que transita pelos séculos e milênios, sem conseguir reparar as faltas, quando não calha de aumentá-las, pela falta de elementos instrutivos, pelo desconhecimento das leis regentes. Quem desconhece as leis, como pode guiar-se bem?

— É doloroso! Exclamou o tal novato.

E o instrutor comentou, bondoso e conselheiro:

— Não quero afirmar que os cultores da Revelação triunfem sempre, pois é sabido que o fracasso ronda a todos aqueles que mergulham na carne, seja em trabalhos de caráter expiatório, missionário ou de prova; quero dizer, no entanto, que graves culpas cabem aos que traíram no mundo a obra de Jesus, transformando a Revelação em Graça posta ao alcance de todos. A única arma de combate aos materialismos em geral é a comunicabilidade dos espíritos, porque ela tem por função advertir, ilustrar e consolar, consoante as palavras de Jesus, registradas por João no capítulo dezesseis do seu relato; isto é, consoante as palavras de Jesus e segundo as necessidades das almas em geral. Por que, afinal, foi o Cristo encarregado de batizar em Espírito, transformando a Revelação em veículo de ordens e em instrumento de ensinamentos e consolações? Teria alguém o direito de por em dúvida os mandamentos de Deus e o trabalho missionário de Jesus?

De minha parte, recordando minhas atividades, como corruptor da Excelsa Doutrina, senti o remorso invadir-me todo; depois de séculos transcorridos, ali estava o testemunho fiel da minha obra criminosa, produto catastrófico do trabalho infiel e traiçoeiro. Apreciando o quanto a comunicabilidade dos espíritos se fazia portadora de ensinamentos e de consolações, podia avaliar o montante de erros e de cegueiras que a corrupção lavrara! E tudo isso para que? Simplesmente para acudir a um Império que se

desmantelava, podre e virulento, criado e sustentado pelo sangue derramado, erigido à custa de traições à Lei de Deus, ela que nada tem com as fronteiras do mundo, ela que é acima de cores, raças e credos, políticas e ódios, egoísmos e vaidades.

Todavia, ruminando minhas torturas, achatado pelos sentimentos de culpa, escutei a palavra complacente do instrutor, que prosseguia:

— Não nos detenhamos, entretanto, o considerar a montante dos débitos alheios ou as penas que tais débitos naturalmente causaram e estão causando; porque todos nós temos errado muito, uns mais e outros menos, nos diferentes ramos de atividade. Façamos, antes, e mormente nesta hora, em que as legiões de Jesus proclamam aos irmãos encarnados a imortalidade da alma e suas contingências, com que os Seus obreiros possam triunfar; desmanchemos as diferenças aqui, nestas plagas da vida, onde tudo se resume em um pouco de boa vontade, pois na carne tudo se passa de modo diferente, estando ela a encobrir verdades, a ocultar conhecimentos, a dificultar realizações. Ademais, irmão, quem somos nós? De onde viemos? Quantas marcas negras ainda temos para dirimir? Não é certo que, acusando aos que praticaram as obras trevosas no pretérito, estejamos a nos acusar, não sendo nós hoje, senão aqueles mesmos corruptores de ontem? Quem virá, afinal de contas, a topar com as falsas doutrinas, com os vícios monstruosos, senão aqueles mesmos que os criaram e acalentaram?

Frente ao grupo numeroso que o escutava atento, fez breve estacato e logo mais inquiriu, ponderoso e grave:

— Quantos, dentre vós, sabe das vidas e dos feitos pretéritos? Que tendes a dizer em vosso amparo, pelo que nada sabeis dos feitos passados? Fostes vítimas de elementos perversos, que vos usurparam os direitos e vos tiraram a vida, por coisa de vossa fé, do vosso amor à Verdade? Ou fostes vós mesmos os homens perversos, traidores da Causa Divina, homens que nada viram e nada ouviram, sem ser a voz do mundo e o clamor sanguinário dos egoísmos mundanos, que o orgulho tão bem sabe manobrar?

Repassando seu olhar experiente pela turma de comandados, murmurando, concentrado e convidativo:

— Não estaríamos por aqui, tivéssemos tido, no passado, melhores ações para com os deveres espirituais; nossa posição de hoje, irmãos, define perfeitamente nossas ações de ontem. Portanto, já não devemos ter piedade apenas espontânea pelos erros alheios; devemos, isto sim, descobrir em nós mesmos os erros que imputamos aos outros, visto que somos nós os antigos criminosos. Quis a Bondade Divina, que nossas lembranças ficassem

apagadas, a fim de termos alguma paz, a fim de conseguirmos trabalhar com liberdade, pela nossa redenção, sem os embargos terríveis e restritores do remorso. Bendigamos as leis regentes do Cosmos, que nos garantem relativas liberdades de ação; que nos facilitam oportunidades para reparar faltas; e que nos fazem esquecer-las, para que possamos, despreocupados, sorrir e trabalhar pela redenção das mesmas. Sejamos misericordiosos, para que mereçamos as leis do Senhor, que nos prodigalizam oportunidades de trabalho reparador.

E como é normal acontecer, pois nunca faltam aqueles que trouxeram do mundo as mais errôneas concepções, eis que surge um velho e pergunta:

— Bondoso instrutor, quando iremos conhecer os motivos que nos forçam a estadias nestas esferas inferiores? Quando chegaremos a conhecer nossa história, para planejarmos nossos trabalhos em prol de nossa libertação? Temos ouvido falar, da parte de nossos instrutores, que o espírito é uma centelha de Deus, cuja glória e esplendores estamos longe de conceber, tal a distância que deles ainda nos encontramos, pela evolução que não fizemos e pelos agravos que temos acumulado. Não seria mais acertado, que nos fizessem conhecer todo o nosso roteiro, a fim de nos propormos aos devidos planejamentos futuros?

Manso e prestimoso, respondeu o cicerone:

— Minha função não é ser juiz da Suprema Vontade, pois eu também fracassei em proveito do materialismo e das brutalidades do mundo; tenho certeza, também, que se pedisse uma oportunidade de conhecimento histórico total, a fim de planejar medidas porvindouras, de caráter reparador, iria apenas ao encontro de muitas e muitas promessas feitas, do mesmo teor, promessas que feneceram na origem, pois o mundo envolveu-as com o seu manto ilusório e a minha imprudência não soube como lhes frustrar a insidiosa, enganosa e devorante maldade. Não tenho eu, amigos, o que dizer em meu proveito, com mais acerto do que aqueles que zelam por mim, das esferas superiores, onde nosso documentário é completo. E se, ordenado a fazer o meu trabalho, como estais a fazer os vossos aprendizados e algumas pontinhas de cooperação mental, quisesse abandonar a graça do trabalho redentor, para me projetar no rumo de outras responsabilidades, das quais não sei como me desincumbiria, que espécie de prova disciplinar estaria dando? Talvez que, em lugar de melhores postos e oportunidades, estaria apenas dando provas de não merecer estas migalhas de atenção e de benção recuperadoras. Porque eu sei, de minha parte, que vim de trevas exteriores, onde penei dezenas de anos os desmandos que andei praticando, forjando para meus semelhantes medidas de perdição, de angústia e morte.

— Quem sabe — voltou o velho — Deus lembrar-se-ia de nossas misérias e far-nos-ia a graça de trilhar outros caminhos...

Antes que o velhote terminasse, o instrutor observou: — Jamais ponha em dúvida aquilo que por Deus deriva de Lei e de Justiça! De Deus tudo vem pelos canais competentes, tudo é dado fundamentalmente. Reconheça cada qual que é filho de Deus. Saiba que a origem é universal. Compreenda e obedeça ao Processo Evolutivo. E tenha em conta a Sagrada Finalidade. Tudo, portanto, segundo leis regentes, tudo de caráter geral, nada de particularidades. Quem transgredir leis deve o trabalho reparador e quem se harmoniza não encontra percalços pela frente. Quanto ao Cristo Planetário, não é responsável pelas nossas liberdades individuais. É Mestre, é Modelo a ser imitado, mas não é cesto de roupas sujas e nem muro de lamentações... À base de Lei e de Justiça, através de Seus Imediatos, distribui tarefas e auxilia conforme os merecimentos de cada um... É hora de irmos conhecendo as leis, através das quais iremos caminhando no rumo de Deus, que é a Glória, que é o Poder que reside em nós mesmos.

Cheio de unção, paternalmente balbucio:

— Tratemos de assumir as nossas responsabilidades, que é muito mais interessante, que é a medida justa. Reconheçamos que o Pai, no ímo de cada um de nós, espera pelo nosso despertar através do trabalho redentor. Não percamos tempo olhando para fora, para o Deus que está longe; tratemos de medir as nossas obras, pois é por elas que havemos de subir ou descer na escala hierárquica. Em todo e qualquer tempo e local, cada filho de Deus é um repositório de Poderes Divinos, é alguém que tem obrigações realizadoras a levar a termo; é alguém, irmãos, que terá sempre em conformidade com as suas realizações íntimas.

— Sempre o mesmo Evangelho! — exclamou o velhote, impressionado.

E o instrutor anexou, sem perda de tempo:

— A primeira grande mensagem, depois do Pentecostes, foi o Apocalipse. Seu capítulo final é irretorquível, é simples e imediato. E como já estais familiarizados com as nossas atividades, para com os nossos irmãos encarnados, consoante as nossas possibilidades, a palavra de ordem é chamar a atenção de cada um para os seus deveres. Quem olvida seus deveres se afasta do reino de Deus, que é íntimo. Aqueles que têm pretendido adquirir o Reino de Deus, que é íntimo. Aqueles que têm pretendido adquirir o Reino de Deus, comprando simulacros aos vendilhões dos templos, ou pretendendo que Deus se agrade com ladainhas e bajulações, engodos e aparências de culto

espiritual, esses terão que recomeçar de novo, depois de resgatar o crime de se desviar da Excelsa Doutrina. Eu e muitos outros, da esfera em que ora habitamos, não somos mais do que velhos e renitentes idólatras. Se não temos mais luzes e melhores oportunidades, é porque nada fizemos pela adoração de Deus em Espírito e Verdade. Aqueles que a pretexto de culto religioso, colocam a Matéria entre si e Deus, adorando-a de qualquer modo, embora possam vir a ser espíritos de paz, jamais serão dignos das altas expressões espirituais, jamais alcançarão os altos planos da erraticidade.

O velhote comentou:

— Agora é fácil compreender a função da Matéria e saber como se deve adorar a Deus, que é acima de todos os formalismos.

O instrutor revidou:

— Vamos ver os futuros testemunhos, quando reencarnados, na hora de cumprir na crosta com os deveres assumidos; muita gente que aqui prometeu mundos e fundos, vive por aí a praticar encenações deprimentes, a dar mostras de que confunde as coisas do espírito com os pagodes do paganismo. Ademais, ninguém trabalhará bem pela ereção do Reino de Deus no íntimo de seus irmãos. Jesus falou muito em dar dignos frutos pelo exemplo, em ter cada qual a justa medida dos deveres para com Deus, para com o próximo e para consigo mesmo. Todavia, na vida social, uma vez metido o espírito nos aranzéis da carne, as dificuldades fazem-no desviar com muita facilidade do reto caminho. E surgem, então, as medidas idólatras, supersticiosas, tomando o lugar da reta conduta e do trabalho bom. Acontece aquilo que sempre aconteceu — na ausência do verdadeiro conhecimento e culto, aparecem os engodos e as medidas enganosas. Erguem-se os templos de pau e de pedra, e todos os artifícios contingentes, porque o templo interior ficou vazio, sem função! E, assim, enquanto a Lei, o Amor e a Revelação ficam à margem, a pagodeira idólatra faz o seu curso de perdição no caráter das pessoas. Ao desencarnar, as criaturas estão cheias de entulhos, de rótulos, de mil e uma aparências de espiritualidade, enquanto que a centelha, o espírito, está submerso nas profundezas do materialismo, está achatado debaixo de um mundo de animalismos e brutalidades. E quando calha de merecer paz, ainda assim é mediocrementemente, porque aos viciados e idólatras não se fazem acessíveis os altos planos de erraticidade.

Findo o tempo na presença do fiel supervisor encarnado, fomos pelo cicerone convidados a ir observar um outro, alguém que estava em situação oposta.

— Vamos, — disse ele, — aprender a lição da vida simples; porque o Bom Deus não é cheio de mistérios, ensinando a cada um de Seus filhos através dos fatos imediatos. Aqui ou na crosta, quem quiser aprender, basta olhar ao redor e observar as condições e situações em que se encontram as criaturas. Levando em conta que cada um arrasta consigo a obrigação de expor o Reino do Céu, que é íntimo, não será difícil considerar a situação de cada um, em face da tremenda complexidade que a sociedade apresenta. Encontraremos irmãos nas mais diversas condições e situações, conjeturando de maneiras as mais contraditórias, cometendo os maiores absurdos, descambando para os mais profundos abismos, ou vencendo as grandes batalhas, ou triunfando sobre a ignorância e sobre as trevas. Todavia, lembremos, em todos estão a mesma Origem, o mesmo Plano Evolutivo e a mesma Sagrada Finalidade. A grande questão, portanto, é cada um encontrar o seu devido lugar no seio do movimento incomensurável. Não basta existir. Não basta viver. Não basta que se trabalhe. É necessário saber para que existe, para viver decentemente e trabalhar com justeza, a fim de produzir o crescimento do Céu interior, a exposição da Luz, da Glória e do Poder.

Quando ele cessou de falar, estávamos diante de um homem todo sujo, barbudo e embriagado, que se achava recostado a um portão, dizendo coisas sem nexos, rodeado de algumas dezenas de infelizes irmãos, todos mais ou menos como ele.

— Que desgraça! — exclamou alguém, vendo aquilo.

O instrutor acrescentou:

— As graças e as desgraças variam ao infinito na conjuntura humana. Para melhor e para pior, temos gradações a valer. Todavia a ordem que tenho é mostrar o que pode ocorrer a quem encarna, segundo como venha a proceder, conforme o grau de conhecimento de causa e a boa-vontade posta em função. Não estamos aqui para criticar, isso não nos compete; aqui estamos, irmão, diante de um caso como centenas de milhares de outros idênticos, bem assim como diferente de outros tantos. Estamos, em face dos que encarnaram prometendo executar programas pré-estabelecidos, e que, entretanto, em muitos casos nada fizeram, de tudo olvidaram.

— Se continuar assim, bondoso instrutor, como virá a desencarnar este irmão?

A esta pergunta, vinda de um dos do grupo, o cicerone respondeu com nova pergunta:

— Como foi que nós desencarnamos?

E foi então que vi, diante daquele homem encarnado, bêbado e recostado a um portão, rodeado de infelizes espíritos viciados e transviados do bom caminho, um grupo de servidores e aprendizes de serviço, quedarem-se mudos, perplexos e comovidos em extremo. Porque cada um viu, naquele infeliz irmão que trilhava as vielas do erro, apenas um igual, apenas ninguém que vinha da mesma Origem, que pertencia ao mesmo Plano Evolutivo e que demandava à mesma Sagrada Finalidade.

Depois de silêncio mortal, o instrutor esclareceu:

— Em natureza, direitos e deveres, todos somos iguais; a questão é não desviar da linha de conduta, é não descambar pelos desfiladeiros da inconsciência e do crime.

E depois de olhar para quantos transitavam pela rua, sem fazer caso do infeliz que ali estava, sujeito aos impactos de algumas dezenas de ignorantes do mundo espiritual, amarguradamente comentou:

— Essa gente que passa, esses que parecem estar bem com a Lei de Deus, acaso serão mais felizes? Não serão, em verdade, apenas errados de outro modo, outra espécie de vítimas da mesma ignorância? Porque, razoavelmente, uma sociedade que funciona desse modo, virando as costas para um irmão menos consciente de seus deveres, não pode ser uma sociedade compenetrada de seus deveres para com a Suprema Lei. Por isso lhes digo, irmãos, nesta aula prática, que muitos daqueles que parecem estar vencendo, realmente estão fracassando muito mais. Ao lado deste e de outros infelizes, encontrareis os grandes da sociedade, refertos de dinheiro, saturados de títulos, equipados de galardões do mundo e viciados em tudo quanto amesquinha o espírito.

O grupo estava atento, porque a realidade estava patente, os perigos do mundo expressavam-se nuamente! Aquele que estava situado tão baixo, bem poderia ser o menos baixo, o menos devedor perante a Lei. E a voz do cicerone fez-se de novo ouvir:

— Não vos iludais com os aspectos exteriores, com as aparências; tomai tento com a intimidade, com os valores que o mundo não sabe ver e compreender. É necessário conhecer, a fim de poder discernir. É necessário discernir, a fim de poder conceituar com justeza. Como vô-lo tenho dito, ninguém vai ao Pai sem ser através de Suas leis; e as leis do Pai, irmãos, não podem ser derogadas ou modificadas ao nosso gosto. Não adianta, portanto, procurar a Verdade pelos caminhos da mentira ou dos pieguismos supersticiosos e idólatras. Porque Deus tudo fornece em elementos e Jesus Cristo apenas guia o Planeta segundo as leis fundamentais. Não existem

favores, milagres e nem mistérios! Ninguém é especial perante as leis de Deus! Jamais haverá casos particulares!

— Até onde, bondoso instrutor, pode a oração representar verdadeira impetração de recurso, perante a Lei e a Justiça? — Perguntou o homem, em cujo dedo pontificava o símbolo da advocacia.

O instrutor colocou-o defronte ao Cristo:

— No Horto da Oliveiras, em face da prisão que se converteria em crucificação, Jesus pediu a transferência do cálice, não é verdade? Pois bem! Embora o Pai Lhe enviasse um espírito consolador, alguém que O fortaleceria na duríssima prova, nem por isso Lhe subtraiu o cálice terrível. Ora, levando-se em conta que a função de Jesus era missionária e não de prova ou expiatória, podemos considerar o quanto a Lei e a Justiça exigem o total, o fiel cumprimento do dever. Nada existe, sem que haja motivo justo, sem que culmine em objetivo certo. Em Deus tudo é Lei e Justiça, para que a Glória, o Amor e o Poder, não venham a ser por acaso ou sem merecimento.

O velhote chegou-se, encostou-se ao encarnado beberrão e murmurou:

— Gostaria de fazer por ele alguma coisa...

O instrutor perguntou-lhe:

— Durante a nossa peregrinação pela carne, teremos pensado assim? Acudiu-nos à mente, alguma vez, defronte aos irmãos caídos nas sarjetas, que a sorte deles estava articulada com o nosso bem-estar porvindouro?

O velhote resmungou, revoltado:

— Terra infernal!... Mundo miserável!... Gente perversa!...

O cicerone foi a ele, observando:

— A Terra em si, não é mais do que cadinho depurador. As encarnações valem apenas como provas ou testes de eficiência. Quem triunfa, recebe o prêmio correspondente, nada mais. E quem fracassa, pena o seu fracasso e fica creditado para outros testes. A sala de aulas não é a lição e o professor não responde pelos alunos, em suas liberdades individuais. O grande mal, irmão, é que todos temos aprendido a cair em distrações... Tudo serve, tudo é motivo para cair em distração. Enquanto isso, os dias passam e a desencarnação acontece... Logo mais, quando o espírito desperta, tem apenas o resultado de suas distrações, está vazio de valores acumulados. Só é rico de aparências, de rótulos, de galardões do mundo. E no caso deste nosso concidadão, pois ele procede de nossa região, quando muito, o que chega a ter é lágrimas de arrependimento, é pranto sobre o tempo perdido, em virtude de não ter sido ruim para com os outros, apesar de ter sido imprudente para consigo mesmo. Este, irmão, está a se portar como o menino que cabula a aula

e atira fora os apetrechos escolares... Não faz mal propositalmente, mas não faz o bem que lhe seria possível, se se preparasse como seria de seu dever.

— Senhor!... Piedade para com ele!... — exclamou alguém, aflitíssimo.

O instrutor olhou para a turma toda, lembrando:

— Da parte do Senhor tudo está feito e bem disposto... É melhor considerar a obrigação de todos nós, irmãos em tudo, em direito e deveres. Estamos nós a trabalhar nos círculos do batismo de Espírito, vamos dizer aos irmãos encarnados o que importa fazer, modificando a sociologia da Terra segundo os preceitos do Evangelho. Vamos dizer que a Terra é o mundo das tremendas contradições; vamos proclamar a necessidade de fraternidade entre as criaturas; vamos dizer que a Lei de Deus é completa; vamos recordar que a desencarnação é certa e que a Justiça Divina jamais admitiu discussões a respeito de seus desideratos infalíveis.

Havia, por essa altura, lágrimas em muitas faces. Nós, os homens falhos de outros dias, estávamos defronte à Humanidade distraída. Naturalmente, simplesmente, aquele irmão era um retrato fiel da Humanidade distraída, marchando para morte sem levar em conta a tremenda significação da imortalidade do espírito; da imortalidade e de suas inelutáveis conseqüências!

Olhar sereno, compenetrado e paternal, o instrutor perguntou:

— Quem, dentre nós todos, não foi cristão?

Cinco irmãos ergueram-se, significando outras crenças.

— Quantos, dentre nós, fomos católicos?

Vinte e duas mãos elevaram-se acima das cabeças.

— Quantos, dentre nós, fomos crentes protestantes?

Dezenove mãos apontaram para cima.

— Quantos, dentre nós, fomos materialistas ou ateus?

Quatro mãos apontaram para o alto.

Então o instrutor, com a voz quase embargada, proclamou:

— Não olvidemos, irmãos, que a libertação vem do Conhecimento e do Amor transformados em obras de fraternidade! Já vô-lo disse que a Excelsa Doutrina tem base na Lei, no Amor e na Revelação. Tendes conhecimento de que os caminhos da glorificação e do poder são feitos de Ciência e Amor. E reconheceis que a finalidade evolutiva representa Pureza e Sabedoria. Como Divino Modelo, ou Síntese da Verdade, aí temos o Cristo Planetário, o Irmão Maior. Sua vida e Sua obra é que resumem o Seu Evangelho. E o batismo de Espírito ficou sendo o instrumento de advertência, ilustração e consolo.

Aquela jornada instrutiva estava finda. Voltamos ao nosso rincão espiritual, a fim de saber de outras obrigações, de outros deveres de fraternidade, porém sempre no âmbito das leis de Causa e Efeito.

Ao findar esta narrativa, resumida em virtude de ser uma das últimas que compõem o avultado número delas, recorro ao apelo a bem do AMAI-VOS UNS AOS OUTROS, não porém com aquele caráter místico-superficial, todo passivo, com que as gentes da Terra vivem a repetir as palavras do Cristo, pensando que Evangelho é um livro cheio de capítulos e versículos. Quero recordar a necessidade de real, de prática fraternidade, aquela fraternidade que não trata de interesses subalternos do homem-físico, ou do homem-animal, ou do homem-aparência, que carece de saúde física, roupas, dinheiro e outros complementos circunstanciais à vida telúrica e social.

Depois de tanto cursar aprendizados, depois de tanto vasculhar o homem na sua Origem, no seu Plano Evolutivo e na sua Finalidade; depois, enfim, de sondá-lo em suas movimentações em geral, muitas vezes perdido no burburinho de mil e uma incompreensões, de mil e uma ignorâncias de tudo quanto é necessário ao seu verdadeiro bem, eu rogaria a quem quisesse pensar com um pouco de noção evangélica, o favor de pensar em uma fraternidade essencial, deixando de parte essa fraternidade de coscorão, de frontispício.

Muito mais do que o homem-físico, do que o homem-forma e do que o homem-número, quem deve ser amparado é o homem-espírito, é a centelha psíquica em sua marcha evolutiva, em seu divino programa de iluminação interna.

É comum encontrar, no mundo, quem ao lado de um pedaço de pão coloque o pior dos conselhos, a palavra de menosprezo aos sagrados deveres de filho de Deus! É normal que, ofertando um trapo para cobrir o corpo, ofereçam também o pior dos conceitos, aquele que descobre, esfria e atrofia a gloriosa visão da celeste finalidade.

Sondando a paisagem terrestre, onde perambulam metidos em carne bilhões de irmãos, defrontando as mais diversas modalidades de cursos e de aprendizados, e onde, infelizmente, o fracasso ronda e leva de vencida a milhões de criaturas menos prudentes, temos encontrado a quase nula, a quase nenhuma perseverança de uns pelos sagrados objetivos espirituais de outros.

Temos visto que são encarados os corpos, as vestes, a pança e as necessidades transitórias; mas quase nada vimos, em matéria de previdência espiritual, de zelo pelo homem-espírito, de acatamento pelo agente imortal que deve completar sua tarefa emancipadora, sua iluminação íntima, pelo

conhecimento da Verdade, de quem ele é parte e relação, e com a qual deve anelar em Pureza e Sabedoria.

É ao ser espiritual que tudo se deve, em matéria de AMAI-VOS UNS AOS OUTROS, de verdadeira fraternidade. Caso contrário, como temos visto, de par com o pão do corpo e com as roupas da pele, ministram-se também a fome de espiritualidade e a friidade da moralidade psíquica. E virão a ser, então, até mesmo aqueles que tiveram boas intenções, aqueles mesmos que sustentaram e cobriram os corpos, para logo mais embalem o espírito aos rincões de ignorância e de trevas!

Se bastassem as farturas do plano temporal, certamente os ricos do mundo teriam garantido o Reino de Luz no após morte. Como, porém, ninguém vai ao Reino de Luz exterior, sem ser pela força projetora do Reino de Luz interior, eis que a medida certa, justa e necessária, é conhecer e realizar a Verdade no íntimo.

Infelizmente, aquilo mesmo que tem parecido religião, mais não tem sido que o programa corruptor. Com suas medidas piegas, idólatras, ritualistas; com os seus aparatos exteriores, simplesmente decorativos; com a falta absoluta de comprovação dos fatos, por isenção revelacionista, aquilo que se diz religião não vai além de pura tramitação formal, com acentuada radicação no rol dos movimentos políticos - econômicos do mundo.

Nossa caravana de aprendizes, nestes últimos tempos, tem observado fatos tremendamente confrange-dores. É no seio dos movimentos religiosos onde a cegueira espiritual reina, domina e escraviza, pelo fato de haver muito Deus, muito Cristo, muita Verdade e muito Bem, porém tudo ou quase tudo pró-forma!

Naqueles dias exclamou Jesus, que os donos das religiões se esforçavam para fazer um prosélito, a fim de o tornarem, logo mais, digno dos infernos, pela massa de hipocrisias que lhe faziam carrear, a pretexto de religião. Pois ocorre, meus irmãos que as coisas andam agora por caminhos tanto mais perigosos.

A Humanidade está mergulhada nas aparências; vive duas facetas; mas, perante o Senhor, não podem prevalecer aparências. E temos visto, por isso mesmo, que grandes pompas e fartos rótulos acompanham os indivíduos até a morte, até o túmulo, quando muito. A seguir, as coisas mudam, as luzes do mundo se apagam...

Poucos se erguem, de fato, acima das conjunturas da aparência; e aqueles que o fazem, certamente não são os que viveram, para glorificar a idolatria. Porque, em verdade, enquanto um espírito fizer da matéria

instrumento intermediário de adoração a Deus, o Pai Divino, que é Espírito e Verdade, não conseguirá ser mais do que medíocre, mesmo que seja de paz.

Onde vem, porém, o tempo em que os filhos adorarão o Pai como Espírito e Verdade, assim como Ele é e quer que todos o sejam?

A resposta nô-la dá o Cristo, o Cristo Vida e o Cristo Exemplo, ensinando a cumprir, a executar as leis de Deus. Porque aquele Reino de Deus que está no imo de cada filho de Deus, para esplender de Luz, Glória e Poder, deve suplantar a todas as contradições, a todas as aparências, a todos os circunlóquios com que o mundo formal enreda, envolve, tranca e trucida as almas!

As vidas sucessivas são em consequência das leis e dos meios evolutivos, de que o espírito não pode prescindir, para atingir a meta final; o nascimento impõe deveres consequentes que, mais cedo ou mais tarde, hão de se tornar intransferíveis e inadiáveis; e a Verdade interior, a Luz de Deus que fulge na centelha em potencial, desde os primórdios de sua manifestação, reclama e proclama a necessidade de crucificação de todas as formas!

Não é, pois, a Verdade exterior a que liberta, a que glorifica o filho de Deus; é a Verdade interior, o Reino de Deus que cada qual traz no imo, em estado latente. Este Reino de Deus, esta Glória e esta Luz, jamais poderá esplender sem a crucificação do que seja formal! Por isso mesmo, termino lembrando algumas palavras de imenso, de integral sentido — CONHECIMENTO, AMOR, RENÚNCIA e TRABALHO!

Os Grandes Mestres estão fora, inclusive o Cristo-Cósmico, o Divino Modelo; é no imo, porém, que está o Cristo-Redentor de cada filho de Deus! Quem não procurar o Cristo exterior, através do Cristo interior, nunca poderá vir a ser triunfante, jamais poderá atingir o grau de UNIDADE com o Pai. A Celeste Conexão é o trabalho da fermentação íntima, é o produto da edificação que surte das obras, do cumprimento dos deveres. Se eu me calasse, nesta hora final, ainda assim a Verdade clamaria, com todas as forças de sua integridade:

*“Porém, estarão de fora os cães, os feiticeiros, os corruptores, os assassinos, os idólatras e todos quantos amam e praticam a mentira” —
Apocalipse, cap. 22.”*

Aí tendes o resumo da Lei de Deus, que ordena jamais cometer idolatrias, que reclama a necessidade de boa conduta social e que proclama a necessidade de respeito à Revelação, pois teve nela o seu veículo. Embora

seja trabalhoso para realizar, não é certo que é muito simples de ser conhecido e fartamente glorioso ao ser resolvido?

Esta é a palavra de quem tem autorização para dá-la, por dois motivos — o primeiro, em virtude de ter sido convidado a fazê-lo; e o segundo, porque representa a realidade nua e crua, porque significa a voz da experiência dolorosa, acumulada no curso de milênios e milênios. Jesus, o Modelo Exterior, convidou a que se aprendesse com Ele, todo mansidão e humildade; quanto a mim, que fui grande inimigo do Seu ilustrativo e consolador batismo de Espírito, venho por esta Graça e por esta Verdade, ora repostas em seu devido lugar, proclamar a necessidade premente de realizações íntimas, pois que as outras, aquelas que o mundo pode e sabe galardoar, essas atiram as almas no vale das expiações!

Aparentemente as almas trilham diferentes roteiros; superficialmente os espíritos caminham por vielas diversas, mas a plataforma é uma, porque uma é a Lei Fundamental que tudo rege e determina. Há que atender ao Plano Geral, para que haja harmonia individual. É erro palmar, acreditar em particularidades, quando se trata de responsabilidades fundamentais, de transgressões à Lei Geral de Equilíbrio. Quem assume a responsabilidade é o indivíduo, mas quem registra os indivíduos, as suas obras é a Lei Geral.

Por isso é que Jesus disse muitas vezes, embora os Textos não assinalem, que **TODOS OS HOMENS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI QUE REGE O UNIVERSO!**

Quereis o grande exemplo?

Buscai-o no Cristo Cósmico, onde não existem conceitos individuais, onde não prevalecem medidas de ordem particular, senão que responsabilidades individuais perante a Lei Geral. Naqueles dias, por causa da corrupção que dominava Israel, o Profeta Ezequiel registrou o seu famoso capítulo dezoito, verdadeiro código de responsabilidades individuais. Ninguém deveria jamais esquecê-lo, porque ele jamais passará!

Quem atingirá o Grau - Crístico, a Plenitude Vibratória, a Sintonia com o Pai, enquanto for adversário da Lei Geral? E o Cristo-Homem não fez referências repetidas ao fato de estar fazendo a Vontade do Pai e não a Sua Vontade? E por que, então, reconhecendo o Cristo-Homem não se decidem a focalizar em pensamentos e obras o Cristo-Cósmico? Acaso irá alguém se igualar a Jesus, em hierarquia, sem fazer o seu desenvolvimento íntimo, sem realizar a sintonia com o Cristo-Cósmico, que é o Grau de Plenitude Vibratória?

Não sei até onde podereis, lendo, entender o que vos digo; sei, entretanto, que a trilha libertadora é a que vos aponto, porque vos aponto Jesus, o que foi apresentado como Cristo-Homem, como sendo o Modelo do Cristo-Cósmico.

Sendo assim, entendi o fito dessa obra, que é salientar a seguinte realidade, que é falar ao Cristo em fermentação, ao Cristo que em nós clama por exposição, o CAMINHO, a VERDADE e a VIDA que, sendo VIRTUDE FUNDAMENTAL, nunca poderá vir à custa ou através de terceiros, porque os terceiros, os Grandes Mestres e o próprio Cristo-Homem, não poderão jamais ser responsáveis pelas liberdades individuais de qualquer irmão, de qualquer outro filho de Deus.

Resumindo, fica dito: o Cristo-Homem, que é o Cristo-Exemplo, deu provas totais de que ao Cristo-Cósmico se vai pelas obras. Quem não seguir o Seu Exemplo, em obras de CONHECIMENTO, de Trabalho em base de AMOR e de CIÊNCIA, nunca atingirá o píncaro hierárquico, jamais se elevará ao Cristo-Cósmico, à plenitude Vibratória.

Reconsiderem, portanto, seus pontos de vista e conceitos, aqueles que pretendem a salvação pela Graça, pelo sacrifício de terceiros. A Graça trazida pelo Modelo foi o Exemplo de trabalho íntimo, encimado com o tão esperado derrame de Espírito sobre toda a carne. Respondam a esta pergunta:

“Não é certo que, desempenhando a Revelação a sua função de advertência, ilustração e consolo, aponta ao Cristo-Homem como Exemplo, para que se atinja o Cristo-Cósmico, o Grau de Plenitude Psíquica?”

Eis aí, pois, que vos revelamos a Lei a seguir e o Modelo a ser igualado; se houver engano da parte de alguém, tal engano jamais modificará a Lei Geral do Equilíbrio, a Força que representa a Vontade do Pai. Não havendo o que mudar na Lei, que se modifique aquele filho de Deus que se torne consciente. Porque, se o não fizer por bem, à custa de saber usar a INTELIGÊNCIA e o AMOR, terá que fazê-lo por mal, enfrentando a EXPIAÇÃO e a DOR.

Nossa palavra é simples, porque é a palavra do exemplo vivido. A Sabedoria Divina, que pelo Cristo Planetário convoca obreiros, o faz a par das necessidades prementes; isto é, escolhe aqueles que falam de cátedra, para que a lição seja direta e normal, simples e referta de carinhoso apelo à VERDADE e o BEM.

Desde a eclosão mediúnica renovada e renovadora do século dezanove, coroando o trabalho de missionários da VERDADE, tais como Wicliff, Huss, Joana D'Arc, Lutero, Giordano Bruno, Kardec e outros, vive a Revelação a

clamar a nova ordem do Cristo Planetário, a fim de que Seus tutelados venham a merecer a Terra do porvir; e para tanto conseguir, já não é falando Daquele que foi apresentado pelo Pai como sendo o CAMINHO, a VERDADE e a VIDA. É, sim, cada qual fazendo esforço, empregando-se a fundo nas obras dignificantes, para desenvolver em si o CAMINHO, a VERDADE e a VIDA. Já não quer Jesus, portanto, que andeis com o Seu nome na boca, em caráter de adoração exterior e de reverências na maior parte das vezes erradas e mentirosas; quer Ele, agora, que sejais bons imitadores do Evangelho da Verdade, de quem Se diz Ter sido o fiel e humilde transmissor. Não é fácil de entender?

E se, acaso, não vos convier entender, podereis por ventura derrogar as leis regentes, as forças deterministas que regem os mundos e os seus habitantes? É do vosso alcance que cessem os movimentos cósmicos, as movimentações telúricas, as convulsões cíclicas, a marcha progressiva do espírito?

Se assim reconheceis, que a Vontade de Deus paira acima de cogitações humanas, e que se cumpre através de leis observáveis e não observáveis pela vossa razão e capacidade de concepção, fazei o possível para CONHECER e HARMONIZAR, a fim de que possais continuar habitando a Terra do porvir, até que venha a ser ela aquela Jerusalém sem portas, de que trata o Apocalipse. Em verdade, amigos e irmãos, tudo é questão de concordar ou não com a Lei Geral de Equilíbrio, da qual os Dez Mandamentos são, como já vos foi dito, o reflexo intelectual, a evidência mental, a síntese moral.

Que temos apresentado como chave doutrinária, nesta hora em que os trabalhos de RESTAURAÇÃO se transmudam em trabalhos de CONSOLIDAÇÃO e extensão por toda a Humanidade? Não apelamos para que façais uso prático da Lei que dignifica, do Amor que diviniza e da Revelação que adverte, ilustra e consola? Não estamos, com isto, vos apresentando o Cristo-Integral, que tendes nos fundamentos de vós mesmos, ao qual deveis desenvolvimento, a fim de vos igualardes ao Cristo-Modelo, e, daí, por sintonia, realizardes a UNIÃO COM O PAI?

Aqui ficam as minhas palavras de aviso — Estais aguardando uma Lei de Deus mais perfeita, como síntese Moral? Estais esperando um Modelo Divino mais real, manso e humilde do que Jesus? Porventura quereis um Evangelho mais íntegro e regenerador, do que foi a Doutrina vivida por Jesus? Ou estais empenhados numa Codificação mais perfeita, do que aquela em que se alicerça a reposição de Excelsa Doutrina em seu devido lugar?

Sendo assim que vos damos informes, cumprindo apenas a obrigação de servos da Revelação, aqui vos deixamos nossas despedidas, inclusive a lembrança de que vos estais se tornando cada vez mais CONHECEDORES e RESPONSÁVEIS.

CRISTO

Antes que Ele viesse, muitos Grandes Iniciados já haviam sulcado os caminhos do mundo, semeando nas almas aquelas sementes que deveriam, no curso das vidas, ir tomando a configuração da Árvore da Vida, em expressões cada vez mais plenas de sombra, flores e frutos celestiais. Quem, neste mundo, sendo ilustrado algum tanto e, por isso mesmo, não sendo religioso e nem sectário, essas coisas que enfermam e degradam a criatura, negará a tremenda importância que tiveram e ainda continuam a ter, as Verdades ensinadas por Rama, pelos trinta e tantos Budas, por Crisna, Hermes e Zoroastro, Apolo e Orfeu, os Patriarcas e Moisés, Pitágoras e os verdadeiros Filósofos? Quem poderia contar as almas que se elevaram, que se trasladaram aos píncaros da iluminação interior, assimilando aquelas Verdades, vivendo aquelas belezas, mergulhando naquelas águas lustrais?

Entretanto, os arautos do Céu viveram aguardando Aquele que seria, a um tempo a Doutrina e o Evangelho, a Verdade e a Vida francamente expostas! E que seria tudo isso, com as comprovantes do Pai Divino, por todas aquelas coisas que ao Seu derredor se dariam, como de fato se deram, quando pelo mundo passou, não como se fosse um homem comum, mas sim como homem elevado à condição de homem semi-Deus, de homem divinizado! E que teria, como corolário de Suas validades, duas prerrogativas que outros não tiveram — retornar em espírito após a morte e derramar do Espírito sobre toda a carne, tornando a Ciência dos Mistérios em Conhecimento da Verdade! Transformando o que era de portas fechadas em realidade de portas abertas e ao dispor de todos os filhos de Deus!

E acreditais, então, que apenas até aí tenha avançado o Cristo? Por ventura, nada mais do que essas divinas prerrogativas teve o Cristo para testemunhar, para Se revelar como Divino Modelo, e, com isso, dar da Verdade e da Vida o Exemplo Total e a Referência Eterna?

Bem se vê que seria falha a Divina Demonstração, caso a Verdade Crística fosse apenas aquilo que aquelas duas prerrogativas demonstram ou revelam. Embora sejam, o retorno em Espírito e o Batismo de Espírito, duas

registrações históricas de acendrado teor cristão, manda a Verdade que se diga e afirme — o Cristo é, em Si mesmo, a Doutrina e o Evangelho!

Certamente perguntareis, o porquê de ser o Cristo a Doutrina e o Evangelho. E como temos por obrigação advertir, ilustrar e consolar, porque somos obreiros do Consolador, eis que vos dizemos:

- 1 – “Uma vez que existe a emanção, por parte da Essência Divina, de centelhas ou mônadas espirituais;”
- 2 – “Uma vez que tais centelhas espirituais devam tornar-se conscientes da individualidade e, mais ainda, uma vez que devam tornar-se divinizadas, brilhantes, vindo a tomar parte no movimento do Cosmo Infinito;”
- 3 – “Uma vez que o processo evolutivo deva ser feito através dos mundos e das vidas, e, mais ainda, através do corpo astral ou perispírito, porque a este envoltório de Matéria se liga assim que é manifestada;”
- 4 – “Uma vez que essa Matéria fluídica, a princípio opaca, no curso dos milhões de anos, no curso dos mundos e das vidas tenha que se transformar em Matéria brilhante;”
- 5 – “Uma vez que a divinização do Espírito importa na sublimação da Matéria, e que o Espírito venha, por isso, a se colocar acima de mundos e de formas, tornando-se Cósmico ou Universal, isso é o que quer dizer CRISTO!”

Eis aí, irmãos, que tendes em Jesus, o Cristo Planetário, Aquele que veio viver o Molde Perfeito, a Medida Integral, o nosso Ponto de Referência. Porque todos somos Cristos em preparo, em elaboração, tendo no Cristo a Medida a ser igualada. Mais tarde ou mais cedo, seremos centelhas ou mônadas completamente desenvolvidas, desabrochadas, divinizadas, apresentando um corpo astral ou perispírito completamente brilhante, luminoso e celestial, acima de leis planetárias, fora de obrigações reencarnacionistas!

É por isso que devemos ao Cristo Interno, todos os esforços evolutivos, assim mesmo como devemos ao Cristo Externo ou Molde, todo o respeito possível, por ser Ele a expressão da Verdade Total e a Meta final de nosso destino! É por isso que devemos atenção fundamental ao AMOR e à CIÊNCIA, sem o que jamais viremos a ser PUROS e SÁBIOS! É por isso que devemos atenção fundamental à Lei de Deus, cujos três sentidos Jesus viveu

integralmente: a MORAL que dignifica, o AMOR que diviniza e a REVELAÇÃO que adverte, ilustra e consola!

No Pai Divino temos o Princípio Sagrado que tudo engendra, sustenta e determina. No Cristo temos o Modelo do Espírito divinizado, que transformou o seu corpo astral em luzeiro divino, ultrapassando as leis planetárias, ingressando na Verdade Cósmica. Na Moral temos a Força de Equilíbrio. No Amor temos o máximo instrumento de cristificação ou libertação. Na Revelação temos o Instrumento que informa e consola. Em tudo isso temos o Divinismo, a Doutrina Integral, por ser a restauração e a explicação do Cristianismo.

ORAÇÃO A BEZERRA DE MENEZES

Faça esta oração, mormente às 21 horas. Entre em sintonia mental com os muitos milhares de irmãos que a fazem, procurando beneficiar aqueles que sofrem, e, acima de tudo, opondo uma barreira ao desenfreamento MORAL que invade a Humanidade. Para fluir água e dar passes, não te esqueças dela, pois o Lucas Apóstolo, cuja última vida carnal foi Bezerra de Menezes, chefia numerosa falange de espíritos santos e socorristas.

ORAÇÃO

Nós te rogamos, Pai de Infinita Bondade e Justiça, as graças de Jesus Cristo, através de Bezerra de Menezes e suas legiões de companheiros. Que eles nos assistam, Senhor, consolando os aflitos, curando aqueles que se tornem merecedores, confortando aqueles que tiverem suas provas e expiações a passar, esclarecendo aos que desejarem conhecer a Verdade e assistindo a todos quantos apelam ao Teu Infinito Amor.

Jesus, Divino Portador na Graça e da Verdade, estende Tuas mãos dadivosas em socorro daqueles que Te reconhecem o Despenseiro Fiel e Prudente; fazei-o, Divino-Modelo, através de Tuas legiões consoladoras, de Teus Santos Espíritos, a fim de que a Fé se eleve, a Esperança aumente, a Bondade se expanda e o Amor triunfe sobre todas as coisas.

Bezerra de Menezes, Apóstolo do Bem e da Paz, amigo dos humildes e dos enfermos, movimentai as tuas falanges amigas em benefício daqueles que sofrem, sejam males físicos ou espirituais. Santos Espíritos, dignos obreiros do Senhor, derramai as graças e as curas sobre a humanidade sofredora, a fim de que as criaturas se tornem amigas da Paz e do Conhecimento, da Harmonia e do Perdão, semeando pelo mundo os Divinos Exemplos de Jesus Cristo.

ORAÇÃO CRÍSTICA

Sagrado Princípio do Universo, que em Ti mesmo crias, sustentas e destinas. Senhor do Infinito, das Leis, das vidas e das virtudes.

Sagrada Causa Primária, onde tudo é, movimenta e atinge a finalidade.

Pai Divino, Tu, que és o Alicerce, o Esteio, a Luz e a Glória, guia nossos passos, para que a Lei seja o nosso Caminho, para que o Amor seja o nosso Pão Eterno, para que a Graça seja a nossa Consolação Imperecível.

Deus e Pai Nosso, que nos enviaste o Cristo Modelo, a fim de Batizar em Revelação, a Ti rogamos, Senhor, que ela se estenda sobre a Terra, porque, sendo ela a Tua Palavra, a todos advirta, ilustre e console.

Pai Santo, enche a Terra de verdadeiros e bons profetas ou médiuns, para que todos saibam das leis de Essência, Existência, Movimento, Evolução, Responsabilidade, Reencarnação, Revelação, Habitação Cósmica e Sagrada Finalidade a ser atingida.

Sagrado Princípio, faze que Teus Santos Espíritos Mensageiros infundam estes conhecimentos: que a Moral harmoniza e dignifica; que o Amor sublima e diviniza; que a Revelação adverte, ilustra e consola; que a Sabedoria confere autoridade; e que a Virtude sintetiza a união com a Tua Divina Vontade.

Princípio Sem Fim do Cosmos, impele-nos ao Conhecimento Perfeito, para que possamos saber certo, pensar bem, sentir amorosamente e praticar divinamente.

Como Tu és Espírito e Verdade, querendo que assim venham a se tornar os Teus filhos, a Ti rogamos, Pai Divino, as necessárias oportunidades de trabalho.

Afasta-nos, Senhor, de todas as idolatrias.

Livra-nos, Pai Santo, das tentações do mundo.

Dá-nos, Senhor, a força de lutar contra a iniquidade.

Atrai-nos, Senhor, ao Reino da Verdade, do Amor e da Virtude, Reino que, estando no seio dos mundos, das formas e das transições, está entretanto acima de mundos, formas e transições.

Dá-nos, Pai Divino, a Consciência da Unidade, a fim de que possamos sentir e viver as Harmonias do Infinito; e que, assim sendo, ó Pai Santo, venhamos a transformar a Terra na Jerusalém Celestial, Reino de Paz e Ventura, alijando para sempre, do mundo, a ignorância, a treva e a dor.

ROTEIRO DAS SESSÕES DE IRRADIAÇÕES

Esta norma diz respeito ao que se acha contido no livro: AS CURAS DE BEZERRA DE MENEZES. Responde a perguntas que nos foram dirigidas, em virtude da grande repercussão que o livro teve e está tendo, pelos efeitos maravilhosos que as sessões de curas e assistências vêm prodigalizando aos cultivadores sérios.

- 1º - Oração de abertura. Poesia “DEUS” ou a Oração Crística. São ideais, porque não expõe um Deus exterior ou antropomórfico, e sim o Deus que é princípio Sagrado, Essência Divina Onipresente;
- 2º - Leitura ou pregação de caráter evangélico, por vinte minutos, pois estas sessões devem ser curtas e intensas ao máximo. Os Princípios Eternos e Imutáveis devem ser preferidos: Criador, Criação, Espírito, Virtude; e afirmação da leis fundamentais de Existência, Movimento, Evolução, Responsabilidade, Reencarnação, Comunicação e Habitação Cósmica do Espírito; porque estas Verdades são Eternas e Universais, enquanto o mais tudo é questão de minúcias e pormenores;
- 3º - Um minuto ou dois, para cada médium receber seu Guia; basta a saudação, pois a sessão não é de discursos; as doutrinações serão feitas no plano espiritual;

- 4º - Com brevidade e concisão os videntes e psicômetras relatarão o visto; convém desenvolver as faculdades superiores dos médiuns, pedindo ao Senhor nesse sentido;
- 5º - Irradiação! Alguém lerá em voz alta, a Oração de Bezerra de Menezes e seus companheiros de trabalho. O presidente citará os doentes presentes e ausentes; os nomes contidos no livro e nos papéis; e os espíritos trazidos pelos mentores espirituais, para serem beneficiados;
- 6º - Um vidente, ou dois, poderão relatar o andamento do serviço feito no plano espiritual, pelos Médicos do Espaço e outros servidores;
- 7º - Ao encerramento, aproveitar a oportunidade da concentração. Porque muitos rezam e bem poucos sabem aplicar o Poder da Concentração. Por isso, o presidente indicará distintamente o seguinte, como exercício de contato, o que muito eleva as criaturas;
- A – Mentalizar a Paz Universal, considerando os dois planos de vida e a Humanidade Cósmica; considerar que o espírito é mais do que mundos, formas e transições;
- B – Mentalizar a Falange da Verdade, ou Espíritos do Senhor, desejando com vigor que possam estender sobre a Terra o conhecimento da Verdade que livra. Lembrar que a Ordem Crística foi: Restaurar, Consolidar e Estender sobre a Terra a Doutrina Excelsa, que tem fundamento nos três sentidos da Lei de Deus: Moral, Amor e Revelação;
- C – Mentalizar o Divino Mestre, o Cristo, não para peditórios elouvaminheiras piegas, e sim como exercício de contato; faça-se da oração o agente superior de ligação, forçando a paridade vibratória;
- D – Mentalizar o Pai Divino, o Sagrado Princípio; procurar entrar em sintonia com o Ser Total, que é Íntimo e não próximo! Lembrar que temos em nós mesmos o Divino Senhor, a Causa e o Efeito; tirar proveito da oração em conjunto, procurando o Reino de Deus que está dentro de cada um. Porque Deus é o Todo Presente e a cada filho cumpre refleti-LO;
- E – Dizer as palavras de encerramento.

N.B. – Estas sessões devem ser feitas no claro e não devem durar mais do que oitenta minutos.

VERDADES PARA SEREM MEDITADAS

Um só Pai, que é Deus, a Essência Divina que tudo engendra, sustenta e determina. Ele está em nós, e nós estamos Nele, porque somos centelhas Suas Manifestadas.

Uma só Casa, que é o Cosmos, o Infinito dos Mundos, das Formas e de tudo quanto é transitório. É a Casa Exterior, onde fazemos a nossa Evolução lenta e gradativa.

Uma só família, que é a Humanidade Cósmica. Devemos abandonar egocentrismos e geocentrismos, a fim de subirmos no saber, no querer, no agir e no conseguir. Jamais seremos dignos filhos de Deus, enquanto formos restritos e mesquinhos, enquanto vivermos fora da Ordem Divina e da Harmonia Cósmica.

Uma só Sagrada Finalidade, que é o Grau Crístico, a Consumação Evolutiva. O que Jesus fez, vivendo a Lei, por ser o Divino Molde, isso cumpre que todos os Seus tutelados venham a fazer. A Lei ensina a Verdade e a Verdade é a Religião.

Meditar bem nestas Verdades Fundamentais — Essência, Existência, Movimento, Evolução, Imortalidade, Responsabilidade, Reencarnação, Revelação, Habitação Cósmica e Sagrada Finalidade. Não estão algumas palavras aqui, mas sim a sabedoria das oito Bíblias da Humanidade. Estes pontos-chaves representam sínteses e ao mesmo tempo análises, facilitando atingir elevados conhecimentos, pela meditação.

Uma só Criação, ou Manifestação Divina, constituída de Espírito e Matéria. Das energias aos sólidos, a Matéria é apenas serva do Espírito. Ninguém deve adorá-la, e sim usá-la bem, para não atraiçoar a Lei de Deus. O Espírito deve adorar a Deus em Espírito e Verdade, porque Deus o quer assim, por Evolução. Evoluir é marchar para a Unidade, sem perder a Individualidade.

Uma só Excelsa Doutrina, que é a vivência da Lei, cujos três sentidos são: a Moral que harmoniza e dignifica, o Amor que sublima e diviniza e a Revelação que adverte, ilustra e consola. Isso explica o Evangelho, pois a Lei de Deus não indica religião alguma e Jesus nada escreveu. A Verdade é a Religião, e o culto da Verdade não pode haver, sem Moral, sem Amor e sem Revelação.

Uma só Trilha Libertadora, fundamentada no Saber e na Virtude. Sem Virtude não há Paz e sem Saber não há Autoridade. Juntos fazem o Espírito de Luz, Glória e Poder. Religiosismos, clericalismos, formalismos, idolatrias, simulacros e mil e uma formas de engodos, representam traições à Excelsa Doutrina deixada por Jesus.

A BÍBLIA DOS ESPÍRITOS

Despertai-vos, ó gentes, e ouvi o brado retumbante,
Do Espírito da Verdade, ouvi a clarinada vibrante;
Que amalgamando Revelações, aqui concentrou a Verdade,
Expandindo a Doutrina Pura, Pálio de Luz e Liberdade.

Escutai o CÂNTIGO das Grandes Revelações, vinde à Luz,
E começando nos Precursadores, sabeis da função de Jesus;
Abraçai o Consolador, desfraldai a Bandeira da Verdade,
Entregando a vossos filhos, a Vera Trilha da Santidade.

Compenetrai-vos de vossa responsabilidade, ouvi, ó pais,
E se quiserdes limpar a consciência, dos tristes ais,
Não continueis no erro, na idolatria e vis corrupções,
Mas vindo a conhecer a Verdade, cresci em vossos corações.

Ouví, o que a Realidade vos fala! Escutai-lhe o clamor!
É a fonte de luz que jorra, provinda do Cristo e Senhor;
Escutai bem o grito da Liberdade, vinde aqui para ouvir,
O Livro do Reto Caminho, a Luz do Eterno Dia e Porvir.

É o cântico da Infusão Cósmica, é o Cosmo em perene visão;
São as Verdades Fundamentais em linha, em singela exposição;
A trilha das almas que envolvem, no seio da Vida e da Luz,
É a Mística do Cristo, a Doutrina Excelsa que venceu a cruz!

Entregai aos pósteros a Síntese das Grandes Iniciações, Mostrai-lhes a Meta
Final, acima de mundos e de transições!
Indicai a Verdade a todos, espalhai no mundo divinos troféus,
Olhai para o Infinito, para a Luz e a Glória do Pai e Deus!

Vinde, centelhas divinas, chegai-vos ó filhas do Senhor!
Atendei ao Clarim da Liberdade, ouvi a voz do Consolador!
Cresci em Espírito e Verdade, vêde que não sois apenas Terra,
Porque sois Espírito e Vida! Almas Eternas que o Céu encerra!

LIVROS INDISPENSÁVEIS

EVANGELHO ETERNO E ORAÇÕES PRODIGIOSAS — Quais são as Verdades Divinas Fundamentais?

O que sabem sobre: um Princípio ou Deus; Sua Impoluta Justiça; os Seus Dons do Espírito Santo ou Mediúnicos, distribuídos a Seus filhos; e Seus 10 Mandamentos; e Seus Anjos ou Espíritos Mensageiros, entregadores de ensinamentos e graças?

O que ensinou Jesus sobre a Lei de Deus, os 10 Mandamentos?

O que Jesus disse dos padres?

Por que, 77 textos bíblicos ensinam sobre os dons espirituais distribuídos por Deus a Seus filhos?

Por que, Jesus não veio para dizer tudo sobre a Verdade?

Por que, o Evangelho Eterno Deus só é prometido no Apocalipse, Capítulo 14, versos de 1 a 6?

Por que, Elias viria restaurar o que Deus entregou por Moisés e Jesus?

Por que, Elias viria entregar o Evangelho Eterno, prometido por Deus em Apocalipse, 14, versos de 1 a 6?

Por que o Evangelho Eterno seria entregue na Atlântida redescoberta, a América, onde foi entregue a Popol Bugg, a Bíblia mãe ou primeira Bíblia entregue à Humanidade?

Por que, Deus quis entregar o Evangelho Eterno, a Bíblia final, onde foi entregue a primeira: a Popol Bugg?

Que significa estar no mundo o livro: Evangelho Eterno e Orações Prodigiosas?

Por que, Elias ou Kardec, não poderia fazer tudo em uma só encarnação?

Por que não findará o II Milênio, sem virem as punições previstas em Mateus, Capítulos 24 e 25, as mesmas do Apocalipse, Capítulos 17, 18 e 19?

Sabe você, que para ter resposta a todas essas perguntas, terá que ler o livro: Evangelho Eterno e Orações Prodigiosas, a última informação de Deus aos lotados no planeta, encarnados e desencarnados?

Sabe que, com o Livro: Evangelho Eterno e Orações Prodigiosas — Deus vos entrega o Divinismo, o de Deus, não de Seus relativos enviados, sempre falhos, omissos, incompletos?

VERDADES IMORTAIS — Todas as Verdades apresentadas em três facetas — A Verdade que é; a Verdade segundo os conchavismos sectários; e a

Verdade naturalmente relativa. Um livro para quem deseje, de fato, pensar com simplicidade e pureza de intenções, para se elevar perante Deus.

LEI, GRAÇA E VERDADE – o Espiritismo histórico-profético, exposto através dos textos bíblicos em progressão. Ninguém poderá conhecer bem o Espiritismo sem ler esta obra, tão grande por dentro o quão pequena por fora.

O MENSAGEIRO DE KASSAPA – Além de conter referências sobre Gandhi, em sua função após o desencarne, contém um relato empolgante, sobre os prejuízos do contemplativismo asceta. É um livro inesquecível, porque contém, também, vinte pontos fundamentais de Doutrina, cujas raízes mergulham o leitor nas Verdades Eternas e Imutáveis de Deus.

NOS DOMÍNIOS MARAVILHOSOS DA PSICOMETRIA –As maravilhas da vidência psicométrica! Os grandes eventos da Humanidade em revisão através da faculdade que virá a ser, no futuro, uma torrente de Graças Celestiais. Todos os dirigentes de Mesas Espíritas, e todos os médiuns devem conhecer esta obra, porque as faculdades evoluem com a evolução humana, sendo normal que haja consciência disso nos obreiros fiéis!

ÀS MARGENS DO MAR MORTO — Você sabe o que significa, para um recém-morto, uma visão retrospectiva? Você conhece alguma coisa do que restava, nos dias de Jesus, da Escola Profética Hebréia, ou Seita dos Nazarenos, onde João Batista e o Divino Mestre fizeram os seus aprendizados das coisas do mundo, para em seguida darem cumprimento à missão que os trouxe ao mundo dos encarnados?

CONFISSÕES DE UM CORRUPTOR – No quarto século o Caminho do Senhor, edificado sobre a Moral, o Amor e a Revelação, foi corrompido. Este livro relata como foi que se deu o imenso crime praticado por Constantino, uma verdadeira Segunda crucificação do Cristo!

O PENTECOSTES – História que lembra o maior dia do Espiritismo, pois ele é a Restauração do Batismo de Revelação, que foi a função missionária do Cristo!

A BÍBLIA DOS ESPÍRITAS – Extratos da Bíblia e de Os Grandes Iniciados. O livro de consultas, para todos os homens desejosos de conhecimentos fundamentais. Todas as Grandes Revelações em revista. Os precursores do Cristo Inconfundível, todos eles expostos, através de textos transcritos e

comentados, transformados em verdadeira catadupa de estuantes Verdades emancipadoras. O livro que preenche a lacuna, que demonstra ser o Espiritismo a Revelação Final, pelo fato de ser a entrega à Humanidade do próprio Instrumento Revelador! O Cristo de Deus apresentado ao vivo, para o Espiritismo ser entendido de uma vez por todas.

FIM.

Acervo Virtual Espírita